

Semana

REVISTA DA



DULÇUROSIA MACLAINE

Nº 52 — 28 Dez. 57 — Cr\$ 10,00

**MARGARET
VAI MESMO
CASAR
COM PETER
TOWNSEND**

**Gemada com
pó de arroz
dá campeão
de 1957**



JAYNE MANSFIELD — pág. 39

desemprego:

**NÃO HÁ VAGAS
PARA 1958**

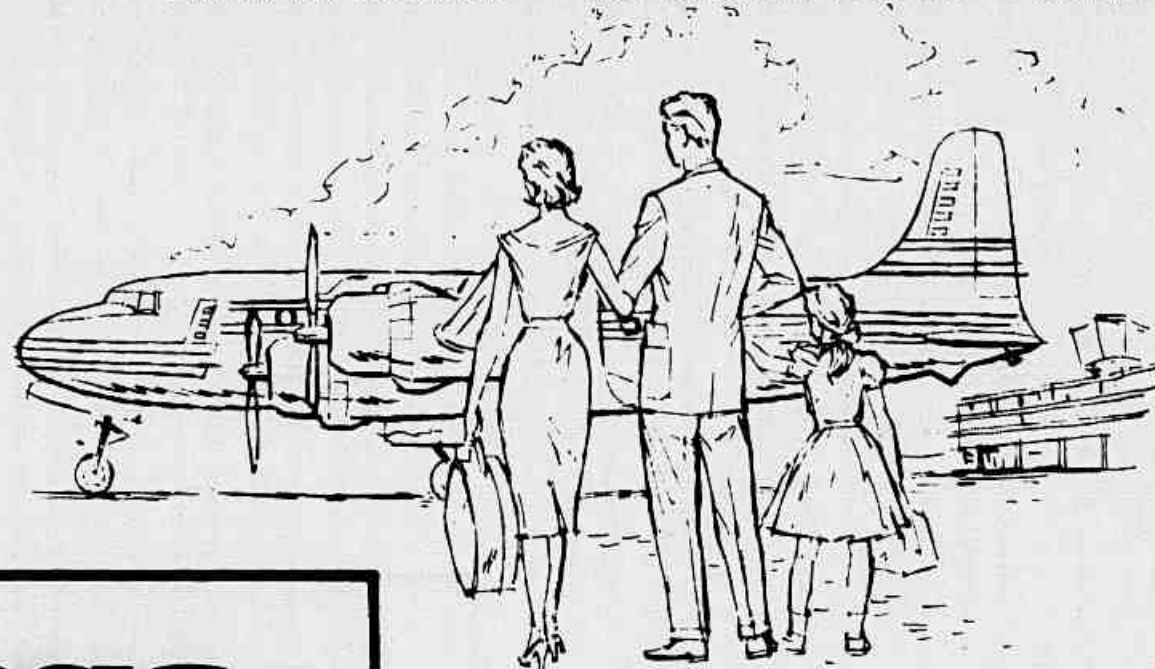
destino...

BRASÍLIA



Palácio da Alvorada — Residência Presidencial — Brasília

Diariamente aviões do Lóide Aéreo pousam em Brasília procedentes das principais cidades do Brasil. De São Paulo - via Uberlândia - e do Rio - via Belo Horizonte - passando por Goiânia, o Lóide Aéreo estende suas linhas para a futura capital em possantes aviões Curtiss Comando. Do Rio e de Manaus, em vôo direto, em grandes quadrimotores Douglas Skymaster. E sempre, a viagem mais rápida e confortável!



3 novas linhas



Rio - Belo Horizonte - Goiânia - Brasília
S. Paulo - Uberlândia - Goiânia - Brasília
em bimotores Curtiss Comando

Manaus - Brasília - Rio (vôo direto)
em quadrimotores Douglas Skymaster

Goiânia

Partindo de São Paulo ou do Rio, na ida e na volta, tôdas as linhas do Lóide Aéreo servidas por bimotores Curtiss Comando fazem escala em Goiânia para melhor servir os interesses do planalto central.

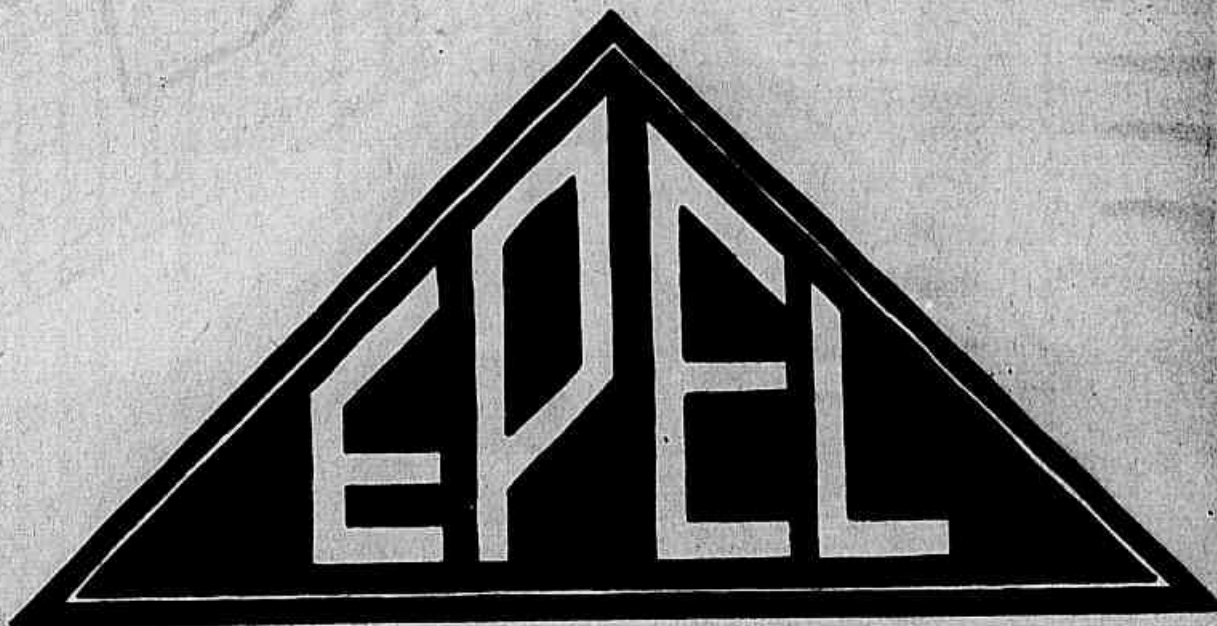
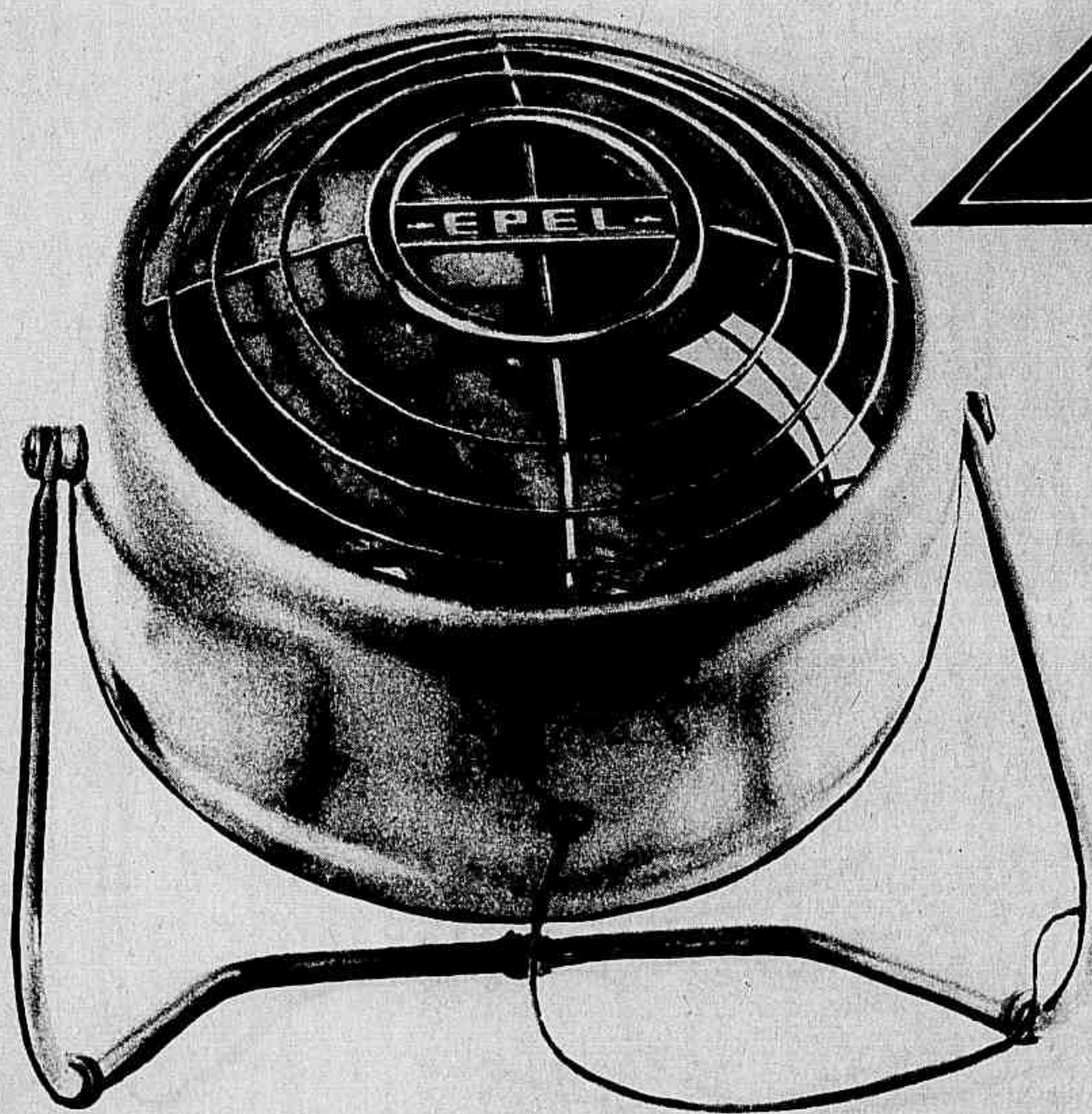
RIO DE JANEIRO: Av. Nilo Peçanha, 26 — B. Tel. 32-2750 — Rua México, 11-C — Tel. — 22-9434 — SÃO PAULO — Av. São João, 826 — Tel. — 33-5094 — GOIÂNIA — Rua 3, n.º 100 — Tel. — 1957.



Lóide Aéreo

SOMBRA E ÁGUA FRESCA!

Circulador de ar EPEL



11" de hélice e 14" de corpo
maior expansão de ar
refresca ambientes até 25 mt.2
capa plástica

EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos
S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — em frente a Biblioteca Municipal
Fones 35-85-31 — 33-17-24
RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar — sala 207 — Fone 52-5416

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURÓ**
QUINTINO CARVALHO
 Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES** — Política — Murilo Melo Filho. **Internacional** — Stefan Baciú. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Parahiba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & Tv** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Ignês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luis de Azevedo. **CHEFE DE OFICINAS** — Manoel Alves de Mesquita. **CHEFE DE PUBLICIDADE** — celos. **Humor** — Luis de Azevedo. **Médico** — Silvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **CHEFE DE OFICINAS** — Manoel Alves de Mesquita. **CHEFE DE PUBLICIDADE** — J. M. Costa Júnior. **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderço Telegráfico: REVISTA — Telefones: Direção — 22-4447, Redação — 22-9570 — Publicidade — 22-2550 — Portaria — 22-5602 — Assinatura (anual) Cr\$ 500,00 — Via aérea, com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior, Cr\$ 900,00 — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

LEIA:

NACIONAL 7 — Desemprego: não há vaga para 1958
 8 — Crise na Aeronáutica
 10 — Colégio Brasília

LITERATURA 11 — Livros
 15 — O Vagabundo e o Menino — novela de Léo Victor
 50 — Conto Policial

ESPECIAL 12 — Ninguém mais fugirá de Dulçurosa Suino MacLaine

TEATRO 14 — Suassuna Medalha de Ouro

ESPAÇO 18 — Na Lua a mulher é o sexo forte

TESTES 19 — Palavras Cruzadas
 26 — Quem é você?

EXTRA 32 — Margaret vai mesmo casar com Townsend
 34 — Fluminense x Botafogo

CINEMA 25 — O divórcio artístico de Ingrid e Rossellini
 39 — Hollywood Sensacional: Jayne Mansfield

MERCADINHO 46 — Entre a Castanha de lá e a Castanha de Cá

MÚSICA 47 — O Brasil não pode ser preguiçoso no Hino Nacional

MODA 54 — Sete entre dez mulheres são contra a linha «saco»

INTERNACIONAL 56 — Tito recusa armas de Tio Sam

ESPIONAGEM 59 — Sam era o meu nome de guerra

SOCIAIS 63 — Dior na Rua Rodolfo Dantas — L. Maxwell

OPINIÃO 65 — Tópicos
 66 — Aluizio Alves



LINHA SACO



SHIRLEY MACLAINE



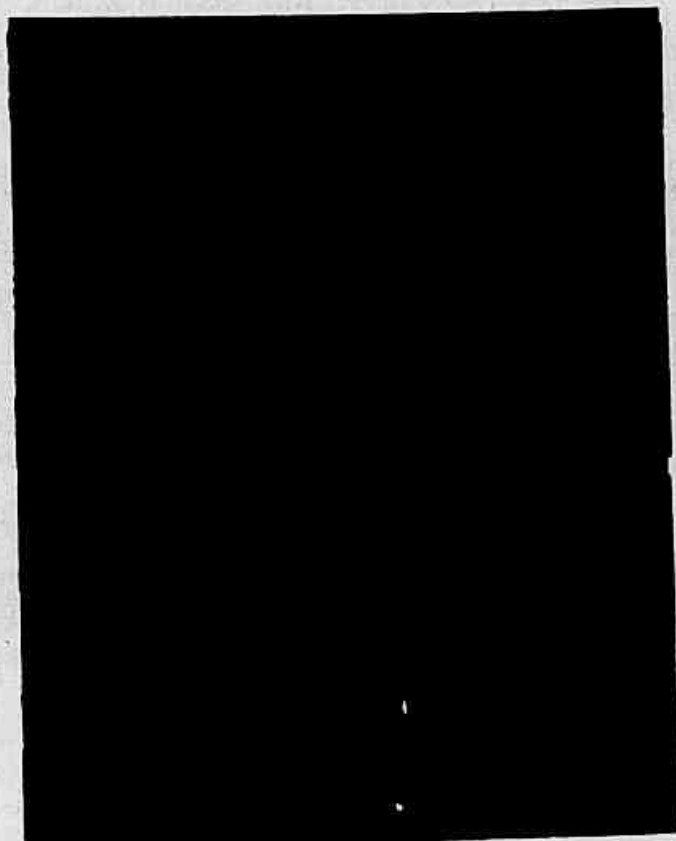
JAYNE MANSFIELD



INGRID BERGMAN



PRINCESA MARGARET



LADY MAXWELL

A POLÍCIA — ao que tudo indica — está cada vez mais perto do raptor do menino Sérgio Haziót (que entrou para a História da Polícia do Rio como o primeiro menino a ser raptado na cidade). A não ser que esta seja uma pista falsa.

A Imprensa — por sua vez — já abandonou o caso, que teve muita repercussão mas logo esfriou porque o rapto acabou com a devolução da criança em perfeito estado de saúde. Agora, com a notícia do cerco ao raptor, é que os jornais estão voltando ao assunto.

No processo policial, lá no meio, como uma das centenas de pistas que chegou à Polícia, está um livro: "A Morte no Envelope", de Luís Lopes Coelho.

Luís Lopes Coelho é um advogado paulista, moço ainda (quarenta anos) figura popular, apontado como o primeiro brasileiro a fazer literatura policial.

Seu livro ("A Morte no Envelope" — Editôra Civilização Brasileira) é sucesso de livraria.

Um dos contos — "Rapto em Surdina" — foi denunciado à Polícia como inspirador do rapto de Sérgio.

Resultado: entrou para os autos e nós publicamos (p. 50).

DIZ o "Interpretative Repórter": "A mulher é, sem sombra de dúvida, um dos assuntos mais jornalísticos de todos os tempos".

Hoje nós temos os seguintes grandes assuntos jornalísticos:

Dulçurosa Shirley Suino MacLaine, a princesa Margaret Rose, a discutida Ingrid Bergman, a exuberante Jayne Mansfield e mais Lady Maxwell.

Lady Maxwell tem sido, nos últimos meses, a mulher mais comentada do Rio de Janeiro. Desde que ela apareceu fazendo a crônica social da Revista da Semana que cinco grandes jornais e duas revistas anunciaram "com absoluta segurança" o nome do cronista (e da cronista) que se assina Lady Maxwell.

Para acabar, de uma vez por todas, com a dúvida, revelamos hoje quem é Lady Maxwell:

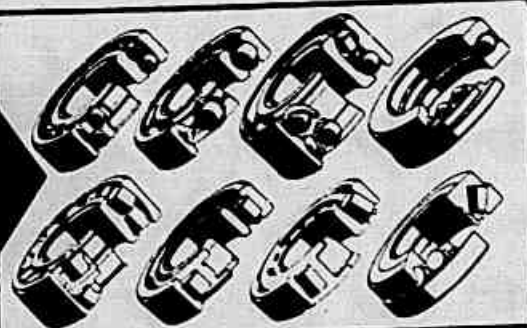
Ela é Lady Maxwell.

Se o (ou a) cronista se assina assim é porque faz na crônica social alguma coisa de diferente do que costuma fazer (mesmo que seja crônica ou vida social). E pronto.

No mais, estamos estudando um dos assuntos mais jornalísticos de todos os tempos: Vicky Dougan. Como diria Lady Maxwell (imitando Ibrahim Sued), depois eu conto.

a SKF vende

ROLAMENTOS DE ESFERAS
ROLAMENTOS DE ROLOS



ASEA

Máquinas elétricas em geral



STAL

Turbinas a vapor



Penta

Motores marítimos de popa



DE LAVAL

Centrifugas e Intercombiadores



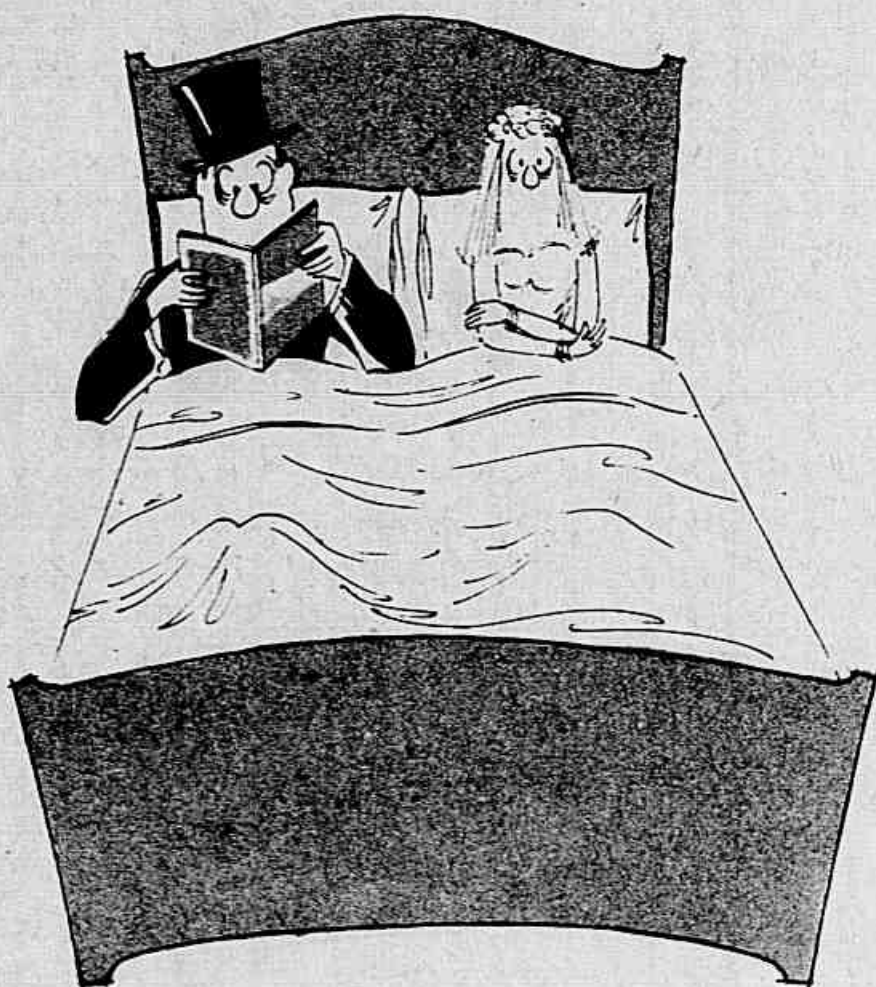
KMW

Turbinas hidráulicas



COMPANHIA SKF DO BRASIL ROLAMENTOS

A VENDA



**ALMANAQUE
EU SEI TUDO
PARA 1958**

EM TODAS AS BANCAS

CARTAS

O MELHOR

"A capa do número 49 foi a melhor. A fotografia de Eisenhower e aquela faixa amarela anunciando matéria deram vivacidade à capa".

Aristides Campos, D.F.

POUCO

"... e achei muito pouca coisa sobre Niura Kemm, a Rainha da Primavera..."

Adolfo Susintz, D.F.

APRESENTAÇÃO

"A parte política está excelente e muito bem apresentada".

Rodolfo Azevedo, Minas.

FOTO

"De quando a foto de JK com Nixon?"

Aderbal Juruí, D.F.

♦ De 1954.

Editor.

HARÉM

"Li com interesse a matéria sobre a filha de Farouk. Muito me sensibilizou a notícia de que ela irá para um harém".

Marlene Gonçalves, Itajuba.

INTERNACIONAL

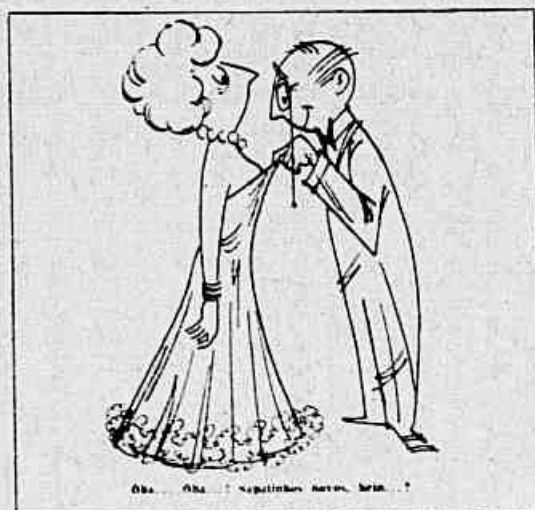
"O equilíbrio com que a REVISTA DA SEMANA trata dos assuntos internacionais é formidável. Prossigam sempre assim".

Victor Nunes, D.F.

"PELADAS"

"... que as mulheres sempre joguem 'peladas' para serem fotografadas".

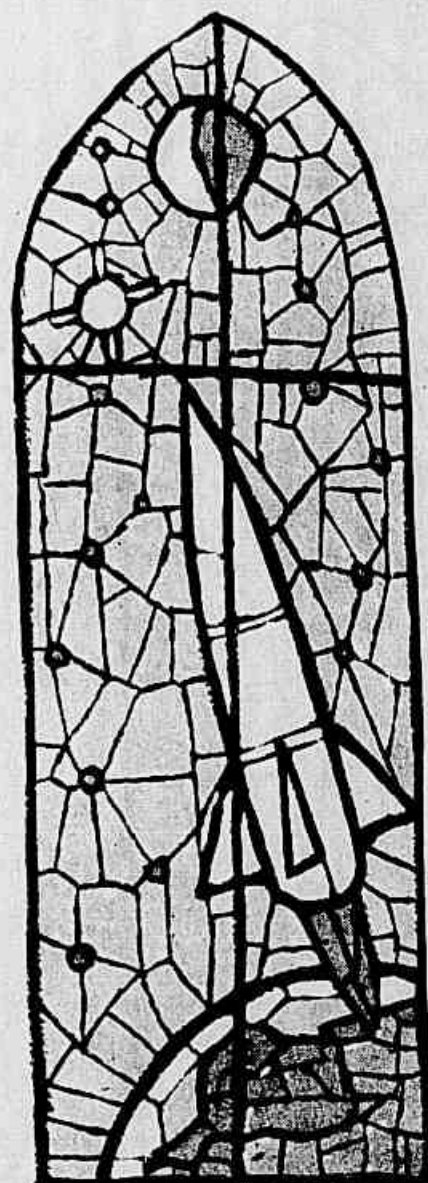
Benjamin Silva, Manaus.



PIADA

"Muito forte para uma revista de classe a piada que saiu sobre a legenda 'Ôba, Ôba! Sapatinhos novos, hein...?'"

Marilda de Soares Mota, D.F.



IGREJA & ESPAÇO

"Excelentes os conceitos emitidos (por quem?) sobre a posição da Igreja na conquista do espaço".

Júlio Aquino, D.F.

♦ Os conceitos são do Cônego Jorge O'Grady de Paiva, nosso editor especializado em assuntos astronômicos.

Editor

FEIJÃO

"... e o feijão se tornou conhecido graças à REVISTA DA SEMANA..."

Marília Dias, São Paulo.

PC

"Concordo com a revista quando diz que se desenvolve a campanha de relações públicas do Partido Comunista".

Aníbal Freitas, S. Paulo.

NIXON

"Significa para o ocidente o que a revista (7 dez. n.º 49) informou. Mas há muito mais detalhes nos bastidores".

Maxwell Bruno, D.F.

"Richard e não Robert (como saiu) é o seu primeiro nome".

Anderson Minton, D.F.

MODA

"Parabéns à costura de Nazareth".

Elvira Figueiredo, Vitória.

FUTEBOL

"Queremos mais gols".

Manuel Antônio Dias, D.F.

DESEMPRÊGO:

NACIONAIS

«Não há desempregados no Brasil»
Juscelino Kubitschek

«Só nas cidades eles são 300 mil»
Ministério do Trabalho

**NÃO HÁ VAGAS
PARA 1958**

JÂNIO PREFERIU A PIPOCA

BIAS & BIAS FRACASSAM NO RÁDIO

COMANDOS DO CONGRESSO: QUEM SAI E QUEM FICA

SEGUNDO INVESTIGAÇÕES (sigilosas) que o Ministério do Trabalho vem fazendo, só nas cidades brasileiras há de 300 a 400 mil desempregados.

Os meios industriais atribuem a crise de desemprego principalmente aos seguintes fatores, na ordem decrescente:

- 1 — Redução do poder de compra das classes operária e média, com acentuada redução do consumo.
- 2 — Inflação e algumas providências deflacionárias.
- 3 — Estancamento do crédito bancário.
- 4 — Dificuldades de exportação.
- 5 — Aumento do salário-mínimo.
- 6 — Racionalização das empresas.

Assinalando que esses fatores são (pelo menos teoricamente) temporários, alguns técnicos incluem entre eles mais um: a desorganização do mercado de trabalho, que não conta com órgãos de orientação, colocação da mão de obra disponível, etc.

O desemprego atinge principalmente a navegação marítima e a indústria (fição, tecelagem, construção civil, mecânica, metalurgia, aparelhos elétricos) sendo menor nos setores do comércio e transportes.

No Distrito Federal e São Paulo estão os maiores contingentes de desempregados. Pesquisas realizadas pela Delegacia Regional do Trabalho e pela Federação das Indústrias do Estado levam à conclusão de que há 102.549 desempregados em São Paulo, nas seguintes proporções: indústria — 72,6%; comércio — 13,7%; transporte e comunicações — 3,9%; “serviços pessoais” — 3,9%; demais ramos de atividades — 5,9%. A Federação das Indústrias concluiu que há 32.000 desempregados industriais (6,5% dos operários) na capital e 17.500 (4,5% dos operários) no interior paulista.

Esses números são em geral considerados aquém da realidade, como todas as estatísticas relativas ao desemprego no Brasil. Além disso só se referem aos empregados despedidos de seus empregos, excluindo os que não se integraram no mercado de mão de obra (migrantes, desajustados, marginais, jovens que procuram o primeiro emprego, etc.).

Os técnicos consideram que se deve enfrentar o desemprego com medidas de três tipos:

- 1 — Econômico-financeiras, visando atacar as causas do fenômeno.
- 2 — Criação de órgãos que disciplinem o mercado de mão de obra e facilitem sua colocação racional.
- 3 — Providências visando a diminuir, pela assistência ao desempregado, as consequências sociais do desemprego.

Atualmente se discute a conveniência do estabelecimento do seguro-desemprego, a exemplo do que existe em vinte e três países da Europa e América (não Latina).

Argumentos a favor:

- 1 — Distribuiria equitativamente as consequências do desemprego entre o trabalho, o capital e a coletividade.
- 2 — Garantiria ao desempregado, com o fornecimento de auxílio em espécie, um consumo mínimo e se constituiria em instrumento de combate à miséria.
- 3 — Não seria difícil acumular recursos para o seguro-desemprego nos períodos de prosperidade.

Argumento contra:

- 1 — Acarretaria novos e elevados encargos sociais, inclusive para os institutos de previdência, cuja situação já não é boa.
- 2 — Diminuiria “os incentivos subjetivos” à reintegração do desempregado na vida ativa.

3 — Concedendo benefícios pequenos e a curto prazo, não seria capaz de resolver o fenômeno social do desemprego.

A indústria e o comércio preferem a instituição de um "seguro-despedida", que substitua as atuais indenizações (e a garantia de estabilidade) das leis trabalhistas.

Recentemente o Presidente da República disse a jornalistas dinamarqueses que "não há desemprego no Brasil". Os técnicos discordam dessa opinião, mas acham que "não há motivo para alarma, pois o desemprego é fenômeno da patologia social do livre empreendimento".

E dizem mais: "O principal é que o Governo reconheça o problema, que já está equacionado para ser resolvido (teoricamente, pelo menos)".

Para que o Governo reconheça o problema precisa ter:

1. Um termômetro que indique com precisão dados sobre o desemprego real (até agora desconhecido).

3. Coragem para revelar e enfrentar esses dados, abandonando a "política de avestruz".

3. Não exagerar seu otimismo.

JÂNIO PREFERIU A PIPOCA

SEM ABDICAR "dos deveres que postulou ao pleitear o Governo paulista", o sr. Jânio Quadros aceitou sua candidatura a deputado federal pelo PTB do Paraná.

Pequena história da candidatura:

1 — A deputada Ivete Vargas (PTB-JQ) iniciou as articulações e realizou todo o trabalho preliminar.

2 — A seguir o sr. Souza Neves, chefe petebista paranaense e homem de confiança do sr. João Goulart, foi aos Campos Elíseos concluir os entendimentos — e concluiu.

3 — Surgiram algumas dificuldades, principalmente de ordem legal. O TSE não permitiu que o sr. Ademar de Barros, quando Governador de São Paulo, concorresse à Prefeitura do Distrito Federal. Permitiria ao sr. Jânio Quadros concorrer à Câmara? Ficou resolvido arriscar: dizem alguns juristas que o caso é diferente, pois um desejava um cargo executivo e o outro deseja um legislativo.

4 — O sr. Jânio Quadros concorrerá ao lado dos srs. Divonsir Côrtes, Antônio Baby e major Humberto Molinaro.

O Governador paulista é candidato (potencial) a Presidente da República em 1960. Diante dessa perspectiva, para decidir-se a concorrer à Câmara raciocinou assim:

1 — Faltam três anos para as eleições presidenciais e ele deixará os Campos Elíseos em 1958, dois anos antes das eleições. Se não fôr para a Câmara ficará praticamente fora do cenário político por um

longo período, o que poderá prejudicar seus planos.

2 — Em três anos muita coisa poderá acontecer, inclusive ele não ser candidato à Presidência ou à Vice.

3 — Mesmo que ele venha a ser candidato, não pode ter qualquer garantia de que será eleito.

4 — "Mais vale um caroço de pipoca no prato do que uma espiga de milho na roça".



JÂNIO QUADROS
Vai voltar sem vassoura

COMANDOS DO CONGRESSO: QUEM SAI E QUEM FICA

TODAS AS BANCADAS estão pensando em modificar (critério do rodízio) os comandos do Congresso em 1958. O sr. Ulisses Guimarães não será candidato à presidência da Câmara (já há sete pesedistas querendo substituí-lo: Ranieri Mazzili, Getúlio Moura, Menezes Pimentel, Jefferson Aguiar, Gustavo Capanema, Oliveira Brito e Leoberto Leal). Nos outros lugares da Mesa também haverá mudanças.

O sr. Vieira de Melo provavelmente abandonará a liderança, para cuidar de eleger-se sucessor do sr. Antônio Balbino. São candidatos a líder os srs. Lafer, Armando Falcão ("ala velha"), Joffily, Leoberto Leal e Oliveira Brito ("ala moça").

Talvez, porém, o sr. Vieira de Melo não abandone formalmente o posto, acumulando-o com sua campanha eleitoral na Bahia.

O sr. Carlos Lacerda disse que a UDN deve escolher outro líder. Mas como não é fácil substituí-lo por causa das divergências entre "realistas" e "bacharéis" do partido, talvez acabe dizendo que fica.

No Senado o sr. Apolônio Sales deverá abandonar a presidência para concorrer ao Governo de Pernambuco, passando o posto ao sr. Filinto Müller, que passará o seu ao sr. Gaspar Veloso.

O sr. Cunha Melo, líder do PTB, quer ir para a Mesa passando a liderança ao sr. Lima Teixeira.

BIAS & BIAS FRACASSAM NO RÁDIO

A ÚLTIMA LUTA de bastidores entre a Maioria e a Oposição, no final da sessão legislativa de 1957, foi em torno da lei do rádio. Resultado: tudo ficou como estava.

Roteiro:

1 — Mantida a urgência para o projeto Prado Kelly pelo sr. Ulisses Guimarães (contra a vontade do sr. Vieira de Melo, que a considerava perdida com a chegada à Câmara do projeto Cunha Melo) são os dois projetos entregues ao sr. Bias Fortes (filho), relator da Comissão de Justiça.

2 — O sr. Bias Fortes (filho), inspirado pelo sr. Bias Fortes (pai) deseja encontrar uma fórmula de conciliação, mas não consegue. Diz-se que o Ministério da Guerra (Lott e outros militares influentes) não aceitam concessões à Oposição, no que são aliados de um grupo do Ministério da Viação, chefiado pelo próprio ministro Lúcio Meira e pelo sr. Cleanto de Paiva Leite (autor da portaria contra a liberdade do rádio). Diz-se também que a posição pessoal do sr. Kubitschek é a mesma: "se deixarmos o Carlos Lacerda agitar o país pelo rádio ele me deporá como depôs o Getúlio".

3 — As últimas horas a Oposição se divide. Um setor acha que se poderia aprovar o substitutivo Cunha Melo (com declaração de voto ressaltando os princípios do partido) e o sr. Prado Kelly chega a ser autorizado a negociar. Mas o sr. Carlos Lacerda e outros acham que em matéria de liberdade não pode haver concessões.

4 — A maioria não tem forças para aprovar o substitutivo Cunha Melo (vindo do Senado) e apresenta-lhe numerosas emendas, impedindo fôsse ele votado até o dia 15.

5 — Continua em vigor a portaria do Ministério da Viação.

6 — Bias & Bias recolheram-se.

IRIS MEINBERG JÁ VEIO COM AS CASTANHAS

COM TRÊS UDENISTAS (da NOVACAP) atravessados na garganta, os srs. Carlos Lacerda e Juraci Magalhães ainda não puderam abrir a boca para contar a história secreta de Brasília.

Os udenistas: Iris Meinberg, Epilogo de Campos e Ribeiro Gonçalves.

O fio da meada: um corretor da NOVACAP procurou o sr. Juraci Magalhães e lhe vendeu 20 mil cruzeiros de ações da companhia; quando o presidente da UDN pagou, o corretor queria cobrar-lhe mais mil cruzeiros; logo após motoristas procuraram o sr. Carlos Lacerda, no interior mineiro, e denunciaram que os fretes em caminhões pagos pela empresa eram muito mais baixos que os faturados; em uma reunião do partido o sr. Ernani Sátiro revelou que o sr. Domingos Velasco havia entregue ao Presidente da República um relatório secreto contando horrores sobre os negócios da NOVACAP e apresentando provas.

A UDN resolveu convocar seus representantes na empresa e pediu-lhes explicações — do que o sr. Iris Meinberg não gostou. Não gostou mas disse que realmente estava havendo irregularidades na venda das "Obrigações Brasília", no pagamento de fretes, etc., dando algumas explicações.

O sr. Guilherme Machado, secretário geral da UDN, anunciou que o assunto será retomado pelo partido, mas o sr. Iris Meinberg disse que quando os srs. Lacerda e Juraci iam para os cajus ele vinha com as castanhas.

NOTAS

O SR. JUSCELINO Kubitschek não sabe cantar o Hino Nacional de cor. Canta acompanhando.

O DEPUTADO mineiro Olavo Drummond fez, de parceria com Carvalhinho (compositor) uma marchinha para o carnaval de 57: "Sputnik".

O GOVERNADOR Miguel Couto, filho, mandou pedir ao Presidente Juscelino Kubitschek um desagravo por parte da Agência Nacional: ele se sentiu ofendido porque seu nome não foi citado entre os parlamentares fluminenses que foram ao Catete pedir auxílio para as vítimas das enchentes.

PESSEDISTAS paraibanos tentarão votar o "impedimento" do Governador Flávio Ribeiro (UDN). Motivo: o Governador está doente e não pode continuar à frente do Governo.

TRÉGUA na briga do Contestado: o Governador Lacerda de Aguiar foi a Belo Horizonte assistir o casamento do seu filho. O Governador Bias Fortes ordenou recepção oficial.

O SR. JOSÉ AUGUSTO (pseudônimo coletivo dos redatores de "Última Hora") informa que o senador Gilberto Marinho é o único político brasileiro que já figurou numa lista de elegantes e que seu alfaiate cobra 40 mil cruzeiros por uma saca, 30 mil por um smoking, 20 mil por um terno de casemira, 16 mil por um terno de tropical. Na lista do sr. José Augusto faltam os políticos elegantes: senador Alencastro Guimarães e deputado Carlos Luz.

O DEPUTADO José Bonifácio pretende adquirir ações da Companhia Siderúrgica Nacional, da Fábrica Nacional de Alcalis e da Fábrica Nacional de Motores, a fim de participar das suas respectivas Assembléias Gerais. Acha ele que, à semelhança do que fez no Banco do Brasil, este é o melhor processo para fiscalizar (por dentro) a vida dessas empresas.

"O ESTADO de São Paulo" tem andado estremecido com a UDN, por causa dos rumos nacionalistas que o partido adotou na última Convenção. Chegou a

A última crise da Aeronáutica veio de Minas num "Chevrolet"

SEIS CALOUROS da Escola de Cadetes da Aeronáutica, em Barbacena, formaram em fila. O cadete Silva Gomes acelerou o seu "Chevrolet" e foi de encontro aos seus companheiros. Os quatro do centro afastaram-se e os dois das pontas deviam ficar firmes, enquanto o "Chevrolet" passava entre eles, a toda velocidade. Um dos calouros, nervoso, não conseguiu ficar impassível. Resultado: foi atirado a cinco metros de distância, ficando em mau estado.

Isto era um trote.

Antes, o mesmo cadete Silva Gomes deu tantos bolos de palmatória num outro calouro que ele ficou sem poder mexer os dedos.

Isto era um trote.

Antes ainda foi a vez de um calouro, que Silva Gomes pegou e bateu com a cabeça numa carteira de aula, até sangrar.

Isto era um trote.

Quando o calouro que foi atropelado (Mário Jardim) deu entrada no Hospital dos Afonsos, em estado de choque, foi feito um inquérito por determinação do ministro da Aeronáutica, que diante da repercussão do caso deu ordens severas ao comando da Escola e à oficialidade para que guardassem o maior sigilo sobre a ocorrência.

haver mesmo seria ameaça de rompimento. O deputado Pereira Lima serviu de mediador, com sucesso.

SENADOR-58 VAI VOTAR APERTANDO BOTÃO SINHO

APERTANDO UM BOTÃO SINHO instalado em sua carteira o Senador-58 vai dizer "sim", "não" ou "abstenho-me" nas votações, sem precisar abrir a boca. Esta a novidade que (simultaneamente com a limpeza geral do Monroe) será instalada no plenário do Senado, para a próxima sessão legislativa. Quando a cadeira de um senador estiver vazia, os três botões serão desligados — por causa da mão boba. Os botões são três: o do "sim", o do "não" e o do "abstenho-me". Se o senador atrapalhar-se e apertar o voto errado não poderá dar jeito — não adianta apertar o certo, que ele não funciona.

Também apertando botões (dos muitos) colocados em sua mesa, o presidente fará a apuração dos votos e terá o resultado da votação. Esta vai sendo registrada em um painel de quase dois metros de comprimento por um de largura, colocado de frente para o plenário.

Juntamente com o cadete Silva Gomes mais cinco cadetes foram indiciados como co-responsáveis pelos trotes.

A Comissão de Inquérito pediu a exclusão do cadete Silva Gomes, no que não foi atendida. Motivo: o cadete Silva Gomes é filho do recém-promovido brigadeiro Silva Gomes (homem de novembro, amigo do ministro da Aeronáutica).

O caso resultou em crise na Aeronáutica porque toda a oficialidade da Escola (comandada pelo brigadeiro Teófilo Ottoni de Mendonça) pediu transferência, alegando que estava quebrada a disciplina e comprometido o princípio da autoridade.

Como agravamento da crise, o então coronel Silva Gomes foi promovido a brigadeiro, preterindo vários coronéis. Este segundo fato fez com que a crise passasse também para o campo político, onde tem sido motivo de explorações.

Quase 40 oficiais-instrutores da Escola de Aeronáutica dos Afonsos pediram transferência em virtude da crise. Melo Ministro não sabe onde irá colocá-los.

O Oficial de Dia na Escola de Aeronáutica dos Afonsos chegara a prender o cadete Silva Gomes por crime de atropelamento, com lesões corporais no calouro Mário Jardim.

LOTT

Continua sendo o mago do governo. Nesta semana tratou desde a fabricação de latas até a eleição dos juizes que vão julgar o sr. Muniz Falcão em Alagoas. Os industriais das latas pediram ao Ministro da Guerra (que prometeu estudar o assunto com atenção) que evitasse a instalação no país de indústria estrangeira do mesmo ramo.

O general Lott vai decidir entre duas latas: a American Can (que deseja se fixar em São Paulo) e a Continental Can (que já está em São Paulo, sob a forma de Matarazzo).

NOTA: ZERO

ALKMIM

Falando à imprensa de Belo Horizonte revelou que vai sair do Ministério em junho para candidatar-se a deputado federal. Nessa mesma entrevista sustentou que o empréstimo de Cr\$ 30 bilhões é um "instrumento idôneo e apropriado a uma política anti-inflacionária".

Oito dias depois apareciam nos guichês das Pagadorias do Tesouro notas novinhas de mil cruzeiros com a sua assinatura.

Escreveu uma carta a um deputado sobre a modificação do imposto de renda, sugerindo menos incidência para os assalariados, medida acertada que melhorou sua nota.

NOTA: 4

MENEGHETTI

Continua omissos no caso das glebas "Chopin" e "Missões", cuja desapropriação pelo INIC chegou a ser levada ao conhecimento do Presidente da República.

O inquérito sobre as irregularidades verificadas no Serviço de Expansão do Trigo em Porto Alegre está em ponto morto, embora tivesse, no início declarado que ele chegaria ao fim de qualquer maneira.

Mas, continua resistindo aos produtores que pretendem preços diferentes de trigo entre norte e sul.

NOTA: 3

MACEDO SOARES

Pessoalmente declarou-se contra o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com o bloco soviético. No dia seguinte, o sr. Osvaldo Aranha — chefe da delegação do Brasil à Assembleia Geral da ONU — afirmou que o Brasil devia ter relações diplomáticas com todo o mundo.

Pelo que se vê, o teletipo inaugurado há tempos entre o Bazarati e a ONU, não funcionou e daí a disparidade de pronunciamentos.

NOTA: 2

NEGRÃO DE LIMA

Está vencendo o agrião na Justiça. Os lavradores de Coelho Neto e Jacarepaguá haviam impetrado mandado de segurança para que cessassem as destruições das suas hortas. A Justiça denegou, mas ficou patente: o precário estado de higiene da cidade por culpa da Prefeitura.

Continua organizando a reforma do seu governo, entre compromissos com vereadores.

NOTA: 2

ALVES CAMARA

Compareceu ao Senado levando altas patentes da Armada para assistir a sessão solene em homenagem à Marinha.

O fato de ter procurado aceitar o convite dos senadores, sem demonstrar o menor ressentimento por ter a Casa cassado a verba de Cr\$ 20 milhões para os helicópteros, repercutiu bem na opinião pública.

NOTA: 4

CORREIA DE MELO

Permitiu que mais uma vez fosse preterido o coronel Adil de Oliveira na promoção a brigadeiro. Deu os galões do generalato ao seu "public-relations" Francisco Teixeira, acusado de tendências comunistas.

Agravou ainda mais a crise disciplinar na Aeronáutica, pois também deu mão forte ao cadete que atropelou, num trote, um colega.

NOTA: ZERO

PARSIFAL BARROSO

Mandou diminuir o ordenado dos contratados dos Escritórios Comerciais, mas não procurou reaparelhar essas repartições. Na verdade é quem mais se bate pela permanência dessas sinecuras no exterior. Conseguiu, através dos seus correligionários na Câmara e no Senado, congelar quatro projetos extinguidos desses escritórios.

NOTA: 2

MAURÍCIO MEDEIROS

Está momentaneamente esquecido do cargo. Passou a onda da sua substituição, mas nem por isso apresentou melhor rendimento no trabalho. Cruzou os braços na epidemia do tifo e está assistindo a incidência da poliomielite no subúrbio carioca.

NOTA: 2

IANGO

Presidiu pouquíssimas vezes o Senado durante o ano de 57 e culminou não comparecendo à sessão de encerramento da Casa, numa demonstração de desprêzo aos senadores. Não foi, por isso, citado por qualquer dos oradores que falaram no encerramento dos trabalhos.

NOTA: ZERO

LÚCIO MEIRA

Apesar da produção satisfatória de Volta Redonda, vai importar trilhos da Polônia.

No "underground" continua torpedeando qualquer modificação na Portaria do Rádio.

NOTA: 3

EURICO SALES

Permanece ausente. No Pará o governador está procurando barulho. Na Paraíba, o PSD ameaça "impedir" o governo utilizando o figurino adotado em relação a Café Filho e Carlos Luz.

NOTA: ZERO

CLÓVIS SALGADO

Anuncia para breve um bom trabalho: o primeiro volume da Enciclopédia Brasileira.

NOTA: 3

O PROFESSOR

O professor disse em Guaratinguetá que estava cumprindo as suas "Metas" porque o país vivia num clima de absoluta paz. Não deixou de assinar o ponto em Brasília, almoçando com seus colegas médicos.

TRÊS ROMANCES EM UM

EM "TRÊS ROMANCES", a Livraria José Olympio Editôra (Rio, 1957) reuniu, já em segunda edição, os seguintes livros de Rachel de Queiroz: "O Quinze", "João Miguel" e "Caminho de Pedras". O volume, bem impresso, em bom papel, com excelente revisão, contém 356 páginas e custa 120,00. A capa e as ilustrações são de Luís Jardim. Trata-se da quinta edição de "O Quinze", da terceira de "João Miguel" e da terceira também de "Caminho de Pedras".

A AUTORA — Cearense de Fortaleza, Rachel de Queiroz nasceu em 17 de novembro de 1910, descendendo, pelo lado materno, da família de José de Alencar. Em criança, foi trazida para o Rio, na fuga à seca de 1915, que fixaria em seu romance de estréia. Morou, depois, dois anos em Belém do Pará. De volta a sua terra, diplomou-se professora aos 15 anos de idade. Desde 1927 que se dedica ao jornalismo, tendo colaborado em numerosas fôlhas de vários pontos do país e sendo hoje cronista exclusiva da revista "O Cruzeiro". Sua estréia literária se deu em 1930, com "O Quinze", um dos maiores sucessos das letras brasileiras modernas, tanto mais de admirar se se levar em consideração que o livro, de uma obscura moça de 20 anos, fôra editado, por conta própria, em modesta tipografia de província: Estabelecimento Gráfico Urânia, de Fortaleza. Daí para cá, Rachel de Queiroz já publicou: "João Miguel", "Caminho de Pedras" e "As Três Marias" (romances), "A Donzela e a Moura Torta" (crônicas) e "Lampião" (teatro, também levado à cena). Para próximo lançamento, tem "100 Crônicas Escolhidas", "A Beata Maria do Egito" e "Maria Bárbara". Mora no Rio.

O LIVRO — "O Quinze" (págs. 3 a 120) conta a história de um desencontro de amor, envolvendo dois primos, Conceição e Vicente, que se querem mas não têm coragem de declarar-se, frustrando-se ambos. Ao lado dessa, outra história, de retirantes, envolvendo a família do vaqueiro Chico Bento. Mas a grande, a terrível, a absorvente personagem é mesmo a seca. Esta obriga Conceição, professora em Fortaleza, a fazer sua avó deixar a fazenda e ir com ela para a capital, enquanto Vicente despacha a família para Quixadá e fica lutando até o sacrifício para salvar o gado. A dona de uma propriedade vizinha manda abrir a porteira do curral e soltar o gado à própria sorte. Chico Bento, o vaqueiro, emigra, a pé, com a mulher e vários filhos, inclusive um de colo. Morre um envenenado, ao tentar enganar a fome com uma raiz. Outro foge. A cunhada, Mocinha, arrepia carreira e acaba caindo na prostituição. Quando a família, desfalcada e desgraçada, chega a Fortaleza, é desco-

berta por Conceição, que a protege, fica com o menino mais novo, seu afilhado, e arranja passagens para S. Paulo, embarcando-os todos. Terminada a seca, uma dura incompreensão impede que os primos se entendam e encontrem a felicidade no casamento. "João Miguel" (págs. 121 a 238), através do caso particular de um encarcerado por crime de morte, traça um amplo quadro do que era uma cadeia e do que era a vida na cadeia de uma cidade do interior nordestino, há um quarto de século — e talvez ainda seja. Bêbedo, numa festinha, João Miguel briga com um desconhecido e, quase sem consciência do que faz, mata-o a faca. Prêso, tem o amparo da companheira, Santa, que, entretanto, vai aos poucos cedendo ao assédio do cabo Salu, com o qual acaba por ir morar, para ciúme e desespero do prisioneiro. Contando o todo-dia da prisão, o livro jamais entra na monotonia, fazendo desfilar tipos dos mais curiosos, como o carcereiro Seu Doca, a antiga meretriz Filó, o fazedor de milagres (ex-votos), a criminosa que conta a todos o seu crime, o rábula, o coronel da política de baixo, visitado pela filha, uma jovem beata, o velho que morre na cadeia, etc. Quando vai, finalmente, a júri, e, contra toda a expectativa, se vê absolvido, João Miguel não sabe o que fazer, oscilando entre o pavor da liberdade sem rumo e a esperança de reencetar sua vida normal. Ao iniciar-se o último romance, "Caminho de Pedras" (págs. 239 a 356), Roberto chega a Fortaleza, a fim de reorganizar as fileiras comunistas. De pronto, há o choque entre as duas alas, uma de operários (os "tamancos") e outra de inte-

lectuais (os "gravatas"). Conhecendo Noemi, uma retocadora de fotografias, Roberto se apaixona por ela. Faz-se amigo do marido, João Jaques, que o leva a sua própria casa, a cuja sombra o processo amoroso se desenvolve, junto ao Guri, filho adorado do casal. Noemi se apaixona pelo ideal político de Roberto, entrando em choque com o marido, tido como traidor da causa, tempos atrás, no Rio. Personagens secundárias, algumas muito bem marcadas, como o guarda-livros Filipe, o judeu Samuel, o negro Vinte-e-Um, a costureirinha Angelita, o velho Rufino, o fotógrafo, a solteirona, o ex-revolucionário acovardado pela cadeia, gravitam em torno do caso-eixo. Este se resolve quando Noemi e Roberto põem João Jaques a par de tudo. Ele abandona a mulher e o filho. Passando a viver com Roberto, ela perde o emprego e acaba por perder o filho, vítima de doença misteriosa. Acaba também, já grávida, por perder o amante, prêso quando a auxiliava na distribuição de boletins subversivos.

COMENTARIO — Não sem fundas razões Rachel de Queiroz é colocada pela crítica entre os maiores nomes da ficção contemporânea no Brasil. Seus livros são fortes e objetivos, despidos de sentimentalismo, diretos e até brutais. O descritivo é seu forte. Escreve com simplicidade e clareza. Conhece bem os meios e as gentes que manipula. Não há nenhuma falsidade em sua literatura. Dos três livros reunidos neste volume (reunidos sem arbitrariedade, pois todos se aproximam pelo conteúdo do que se convencionou chamar "social"), parece-nos que "O Quinze" é o melhor, o mais vivo e sentido. Mesmo o diálogo, que não é o forte da autora, aqui se conduz com fluência. Os demais, embora pouco abaixo desse nível, são também grandes romances.

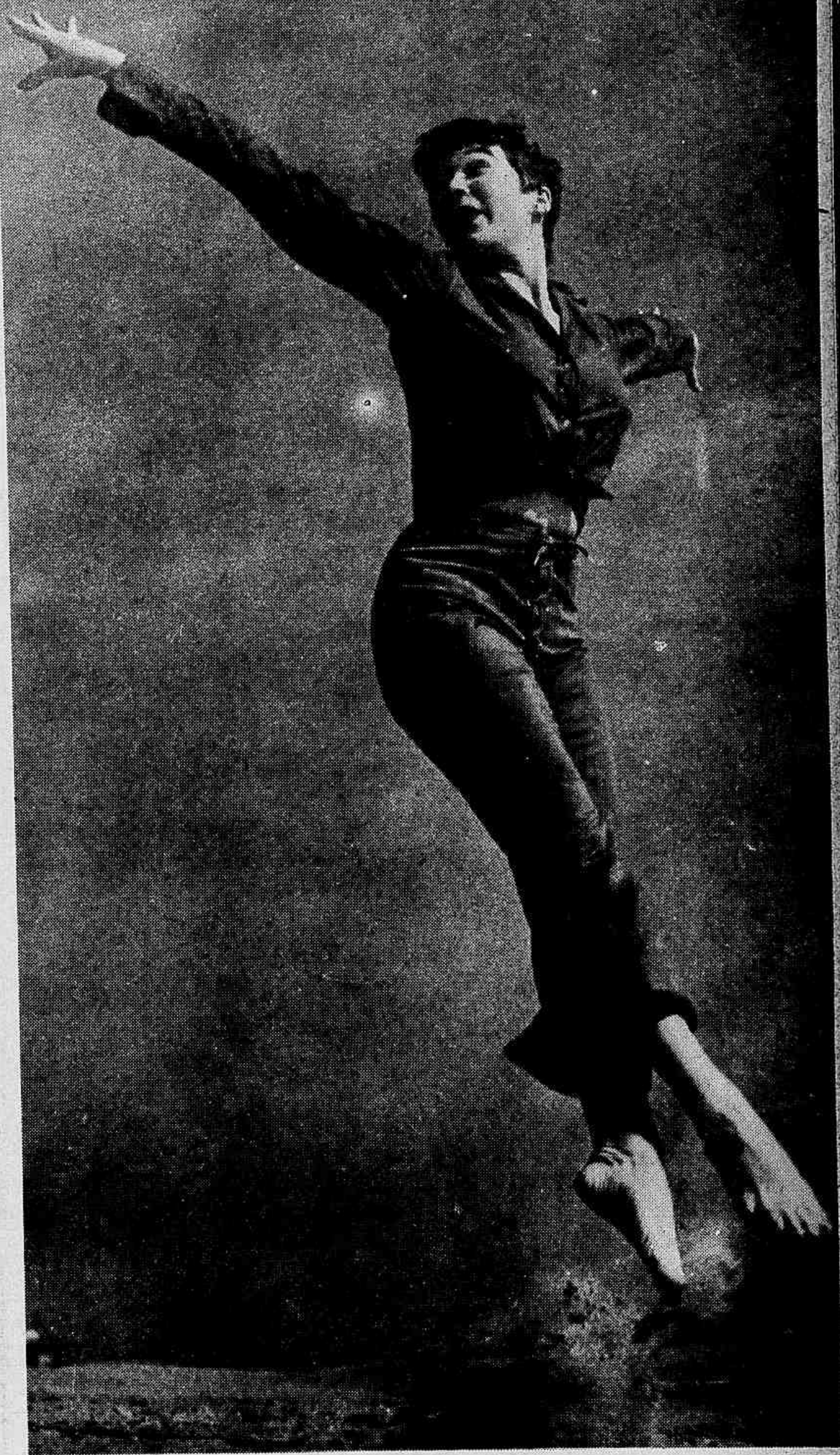
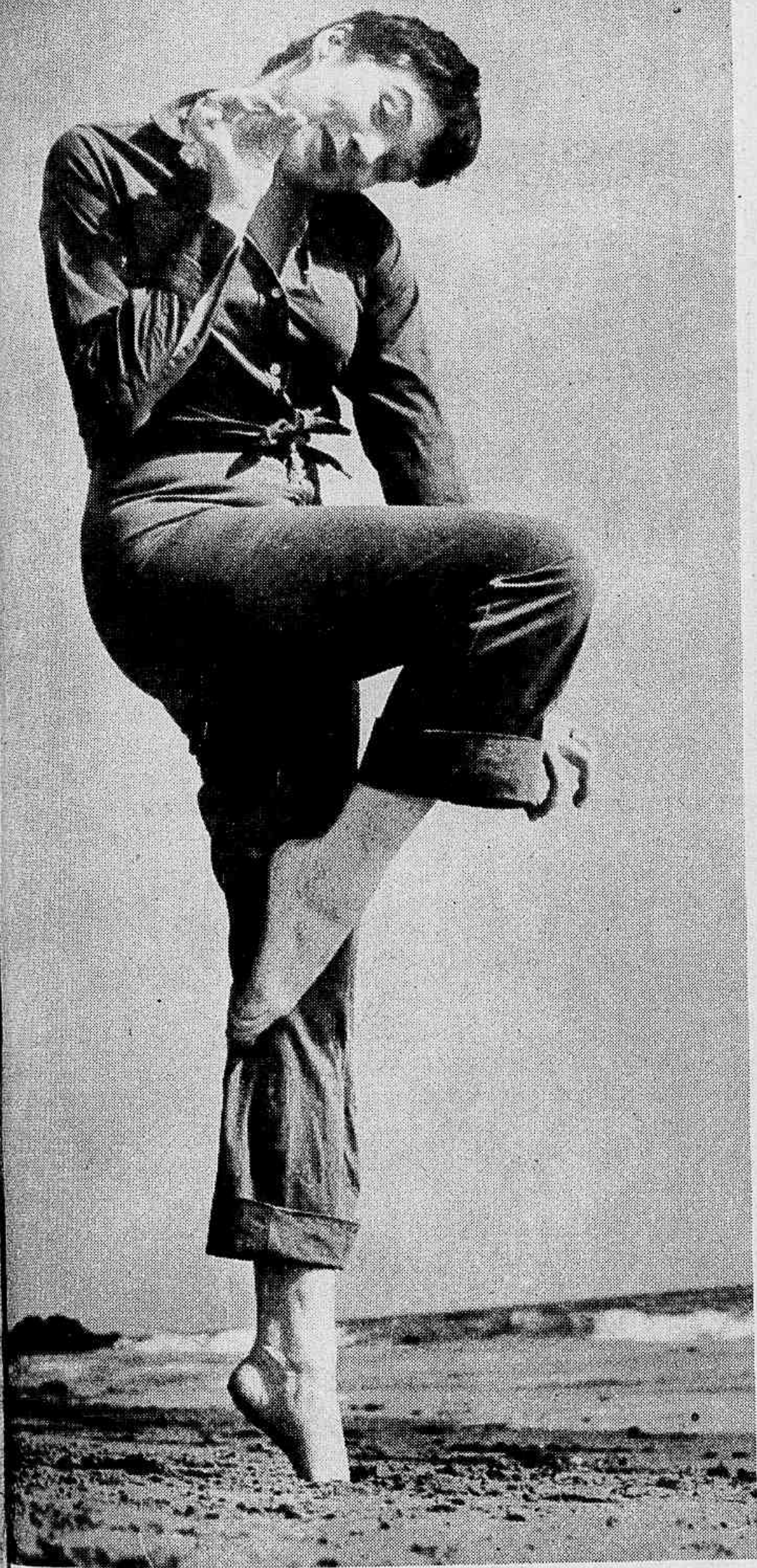


"Tem alguma história nova sobre 'Flash Gordon'?"

No dia de "Maria Cebola"

*Ninguém mais vai fugir
da Dulçurosa
Shirley Suino MacLaine*





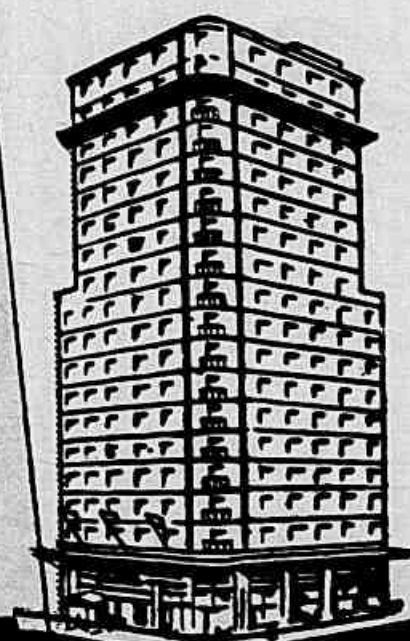
"O EFEITO QUE ESSA moça faz no palco é o mesmo que faz uma Coca-Cola quando nós colocamos o dedão na boca da garrafa e sacudimos bem" — disse Alfred Hitchcock sobre Shirley MacLaine.

Shirley foi eleita "a garôta mais biruta de 57" e Hitchcock disse que vai "fazer um filme sob medida para aproveitá-la melhor". Antes de ser descoberta, ela era modelo e "girl" na Broadway, onde fazia um número de dança cômica em "The Pajama Game". Um dia, Carol Haney (a estrêla) ficou doente e Hall Wallis (produtor da Paramount) ficou impressionado com a estrêla de cabelos vermelhos (Shirley MacLaine), contratando-a.

Shirley já fez "A volta do mundo em 80 dias", "Artistas e Modelos" e "O Problema com Harry" (com Hitchcock). Agora, substituindo Carmem Alvarez no papel de Dulçurosa Suino, Shirley "roubou a peça", desbancando Ferdinando e Violeta dos primeiros papéis. Resultado: "a melhor comédia musical de todos os tempos" ((segundo Al Capp, o criador de Ferdinando), vai para o cinema com Shirley. E no "Dia de Maria Cebola" ninguém mais fugirá da Dulçurosíssima Shirley Suino MacLaine.

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



Enderêço permanente dos mais ilustres visitantes

Restaurante com ar condicionado. Bar com atrações tôdas as noites. Jantar dançante aos domingos.

Serviço de restaurante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1958

PREÇO CR\$ 50,00 EM TÔDAS AS BANCAS

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



SUASSUNA MEDALHA DE OURO

CHEGOU A ÉPOCA de escolher os melhores do ano nisso e naquilo e os críticos de teatro também passam em revista as suas notas.

Um nome, sem dúvida, deve ser escolhido unânimemente: Ariano Suassuna, o melhor autor do ano.

O "Auto da Compadecida" — que passou a ser chamado agora simplesmente "A Compadecida" — perdendo muito com isso — deve ser premiada com o título de "a melhor peça brasileira apresentada no Rio (e no Brasil) em 1957".

Além de ser uma peça brasileiríssima, baseada mesmo em investigações folclóricas, abriu um caminho novo para os autores nacionais, que nas raras incursões no campo da literatura regional falharam em quase tôdas as oportunidades.

O "Auto da Compadecida" é brasileiro, regional e incrivelmente livre das fronteiras restritas do regionalismo e do nacionalismo.

Não é novidade para os iniciados, mas ler uma peça de teatro é uma das coisas mais paulificantes que existe e mesmo peças de grande nível perdem muito quando são lidas. Pois a peça de Ariano Suassuna é uma exceção à regra: Ela vale o que vale, mesmo sendo lida.

No entanto, quem não viu a apresentação original da peça, deixando para assisti-la em Copacabana, perdeu muito — quase tudo. A peça foi de tal maneira estragada que (confessamos) ela não teria nos impressionado quase nada, não fôsse a leitura e a apresentação dos amadores do Recife que assistimos antes.

Por isso, era importante premiar também aquelas moças e rapazes que vieram ao Teatro Dulcina e deram a Suassuna a interpretação que sua peça merecia — muito embora ainda pudesse ser melhor.

Outro ponto que deve ser levado em conta na hora da distribuição dos prêmios: O "Auto da Compadecida" não é um acaso, um acidente na vida de Suassuna. Ele apareceu em 1948, num concurso do Teatro de Estudante de Pernambuco (e de Pascoal Carlos Magno), sendo premiado como melhor autor por sua peça "Uma mulher vestida de sol". Estudou, pouco a pouco, a estrutura do seu auto, dedicando-se a ele — quase que exclusivamente — durante anos.

Se aos juízes ficar ainda alguma dúvida — o que achamos difícil — eles que leiam "O Casamento Suspeitoso" e o "Auto de João da Cruz", peças que três companhias sérias (as únicas companhias profissionais sérias do Brasil) disputam.

Ou leiam "O santo e a porca" — sua versão de "Aululária" de Plauto — com que Cacilda Becker pretende inaugurar sua recém-formada companhia.

Habitados a ver grandes injustiças nessa distribuição de prêmios, acompanhamos Gustavo Dória e Henrique Oscar num apêlo aos outros candidatos a "melhor do ano": saiam do caminho e reconheçam o valor do moço Ariano Suassuna. Ele precisa ganhar êsse título pelo trabalho que vem tendo até agora e que ainda não lhe rendeu mais do que glória.

Nessa época de decretos obrigando as companhias a montar peças brasileiras, é imprescindível uma campanha que permita o aparecimento de novos autores, para suprir êsse triste, pobre e mal alinhavado mercado de autores nacionais.

E não acreditem no moço Suassuna quando êle diz que "os prêmios não são o prêmio".

O vagabundo e o menino

BABINSKI



SEXTO CAPÍTULO

LOGO DEPOIS DO ALMÔÇO, Ivan saiu disfarçadamente com Dick para ver Abel. Contornou o quarteirão e entrou pelos fundos, pela picada do mato. Abriu a porta do barracão com todo o cuidado, esforçando-se para que não rangesse.

Foi inútil: as dobradiças enferrujadas gemeram alto. Dick, diante daquelas atitudes misteriosas, sentiu que alguma coisa importante estava para acontecer e, como era muito nervoso e não atinasse com o que poderia ser, pôs-se a latir furiosamente. Ivan, perturbado, não sabia se acalmava o cão ou se cuidava da porta. Pensou imediatamente em voltar para buscar Ceci, mas a menina não poderia vir, que era dia de aula de piano. Ivan decidiu fazer uma retirada estratégica para o mato e de lá pensar melhor. Tinha certeza de que o ranger da porta, somado aos latidos do cachorro, acabariam por chamar a atenção do pai ou da mãe. O bar era separado do barracão por um pátio retangular não muito grande, de forma que um ruído mais forte podia muito bem ser ouvido lá. Neste caso, bastaria que chegasse à porta lateral para verem o que estava se passando.

Ivan resolveu fazer outra tentativa. A curiosidade de saber como estava Abel

era maior do que o seu medo. Segurou o cão embaixo do braço e, alisando-lhe a cabeça, falou-lhe sério, como se estivesse se dirigindo a uma pessoa. A porta do barracão ficara entreaberta e ele julgou que poderia entrar pela fresta, sem necessidade de abri-la mais. Foi caminhando como quem passeia; de repente, fez um ângulo reto e entrou correndo no barracão. Aproximou-se lentamente do vulto deitado, que, agora envolto no cobertor, tinha o aspecto de um grande monte de roupa suja.

Sentia uma certa apreensão, mas Dick estava a ponto de se deixar tomar pelo pânico. O menino notou que o cão tremia no seu braço e na palma da mão que segurava o peito do cachorrinho sentia o pequeno coração do animal bater apressadamente.

Aproximou-se um pouco mais, com cautela. O medo de Dick o contagiava. A única luz que havia entrava pela fresta da porta e ele receava tropeçar nalgum tóco de madeira e cair. Já bem de perto, chamou baixo:

— Abel! Ó Abel!

Não obteve resposta. Resolveu largar Dick, para ficar com os movimentos livres e aproximar-se mais. No momento

Léo Victor

em que depositou o cachorro no chão, aquela sombra mais espessa moveu-se.

Dick pôs-se a latir de novo. O menino segurou-o depressa e apertou-lhe o focinho. O cão debateu-se, olhando, surpreso e assustado, e pôs a ganhar. O vulto moveu-se outra vez e Ivan viu Abel sentar-se. Dick debatia-se, ganhado. Ivan, sem saber como agir, com receio de ser encontrado ali, perdeu o controle e saiu correndo para o matos, atrás da barracão.

Sentou-se, ofegante e assustado, ainda com o cachorro nos braços. Dirigiu-se ao animal, ofendido pela sua falta de companheirismo, numa hora de perigo. Chamou-o de covarde e de ingrato. Referiu-se às maldades que lhe dera, aos danos, e tudo o que fizera por ele e, no fim, declarou-se arrependido de ter o feito. O cachorro olhava o menino humildemente. É possível que não entendesse as palavras, uma a uma, porém entendia o seu sentido geral, disso não havia dúvida. Sabia que fizera uma asneira e agora, seu amo o estava repreendendo. Depois de humilhar bem o cachorro, foi que Ivan, mais calmo, olhou em volta de si.

Era um dia de sol, muito luminoso. Todas as coisas pareciam limpas pela chuva recente, tudo estava tranquilo e em seus lugares, transmitindo uma paz tão grande que achou a maior bobagem do mundo ter sentido aquela névoa toda lá dentro do barracão.

— Que besteira! — disse alto. — Que grandíssima besteira! — repetiu, imitando Cien.

Compreendeu que Dick o contagiara com o seu pavor sem razão, pois o homem era seu amigo. Resolveu voltar. Mas, antes, tirou o cão, grandeza de o coarctar do cachorro e amarrou a outra ponta a uma árvore. Depois, segurando as orelhas, dirigiu-se de novo para o barracão. Mas, seu cão gassou. Dick voltou e latiu. Ivan irritado, gritou com ele:

— Fica quieto, "cão" covarde!

O cão parou e olhou-o muito humilde.

— Deixa! — ordenou energeticamente. Deixa, ainda!

Dick desistiu-se e continuou a olhá-lo. O olhar foi fazendo seu efeito e o menino, em outro tom, falou:

— Espere aí aqui a pouco, eu volto. Encaminhou-se para a barracão. Encontrou Abel sentado do mesmo jeito. Perguntou de longe:

— Você está melhor?

Abel sorriu e balançou a cabeça.

— Quer comer?

Abel sorriu, abriu duas ou três vezes a boca antes de emitir qualquer som, até que conseguiu dizer uma única palavra:

— Quero.

Como não podia falar mais, sacudia a cabeça afirmativamente, julgando talvez que o menino não o tivesse entendido bem e quem sabe, sorria sempre para abrandar o tom bruto com que pronunciava aquela palavra.

Ivan também não perguntou mais nada. Balançava igualmente a cabeça como se dissesse: "Entendi tudo. Está bem. Vou buscar já. Espere um pouco. Não fica nervoso!" E tornou a sair correndo, mas agora sem nenhum medo, muito alegre.

O cozinheiro foi categorico:

— Só com ordem de tua mãe.

— Você está louco, Silvio! Ela está quieta. Vá falar com ela agora, para você ver se o que te acontece.

— Encoraja não. Então, arranja aí uma lata que eu posso comer, mas grato não sou.

Ivan submeteu-se, protestando:

— Está bem. Mas você é um bocado desobediente!

O cozinheiro levantou as ombros, com aquela seta feita afirmativa.

Depois de muito procurar uma lata que se assemelhasse a um prato, para não humilhar Abel, o menino encontrou uma de queijo no Reino. Parecia um pra-

to fundo, uma tigela, enfim qualquer coisa que não fosse aviltante demais para um homem receber comida. Entretanto, a lata era vermelha, com letras em amarelo. Seria necessário arrastá-la até que ficasse sem nenhuma tinta, para fazê-la parecida com a tigela de aço inoxidável em que ele tomava o mingau da tarde. Planejar foi fácil. Realizar aquela operação é que custou muito esforço. Iniciou-a esfregando-a com a areia do pátio, depois com palha de aço, sapólio, pasta rosa, por fim, contido isso ao mesmo tempo. Apesar disso, mais de uma hora depois ainda não conseguira limpá-la inteiramente. Aqui e ali, nas pequenas reentrâncias da lata, a tinta estava tão agarrada, que não houve jeito. Ainda tentou raspar com uma faca, mas viu que não terminaria nunca e Abel devia estar com fome. Cansado, com as pontas dos dedos dormientes do frio e da umidade, Ivan consou-se pensando: "Vem se nota". Lavou muito bem a lata com água quente e sabão, enxugou-a e cheirou-a. Parecia-lhe satisfatória. Dirigiu-se ao cozinheiro, zangado:

— Pronto, Silvio. Agora, por favor, comida.

O cozinheiro examinou a lata e disse, rindo:

— Fica bem. Deu muito trabalho?

— Deixa de ser besta! Por favor, a comida logo.

— Já vou, patrão, já vou.

Foi aí que Ivan percebeu em outro detalhe.

— Está quente?

— Não.

— Então, esquenta.

— Quem tem fome, come de qualquer jeito.

— Não, frequente!

O cozinheiro puxou as panelas mais para o centro da chapa e Ivan sentou-se zangado, num canto. Enquanto o resto da comida do almoço esquentava, Silvio descascava legumes e como estava sempre na cozinha e gostasse de conversar, quando tinha oportunidade, perguntou:

— O vagabundo já acordou?

— Já.

— Eu tinha que dizer ao teu pai. Ele se mesmo descobre. Não adiantava esconder.

— Você é um falso muito grande.

— Olha, eu conheço um sujeito igual a esse.

— Não interessa — atalhou Ivan.

— Não quer conversar?

— Estou de mal com você.

— Está certo.

Pecaram em silêncio. Ivan herdara a ingenuidade do pai. Queria as coisas sempre diretas. Não se encheva e pediu:

— Pronto, Silvio. Já está bom.

O cozinheiro desamparou a panela e enfiou as costas de mão na comida:

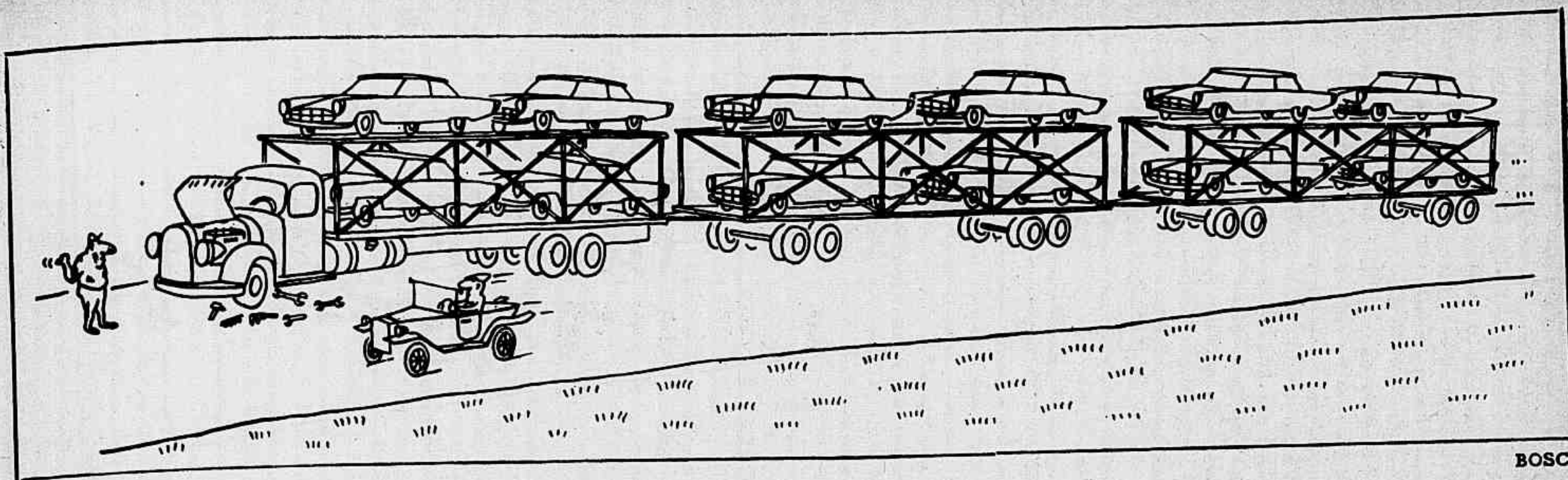
— Ainda não.

Ivan mexeu-se inquieto.

— Já está mesmo. Ele está esquentando.

O cozinheiro enfiou a mão de arroz, fofos, carne esmagada, macarrão e enfiou-a ao vento, dizendo:





BOSC

— Pronto. Tem comida aí para uma semana.

— Está faltando pão.

O cozinheiro colocou um pedaço de pão em cima daquela montanha de alimento.

E a sobremesa?

— Que sobremesa? Leva logo.

— Põe uma fatia de marmelada aí. Faz a coisa direito.

O mulato colocou a fatia de marmelada em cima do pão.

— Agora, vai embora antes que a tua mãe veja.

— E a água?

— Ah! Isso não! Copo já disse que não dou. Sabe lá quem é esse cara? Nem prato, nem copo, nem garfo, nem faca. De jeito nenhum.

— Ele não precisa beber água, não "seu" esganado.

O outro riu.

Ivan saiu com muito cuidado, equilibrando aquela cuia tão cheia que parecia um imenso sorvete numa das mãos e, com a outra, segurando as calças que ameaçavam cair.

Abel estava no mesmo lugar, só que agora se acorara e colocara o cobertor nos ombros. O menino estranhou a posição. Estava acorado, mas não se apoiava nos calcanhares, como em geral ele via as pessoas fazerem. Dobrava-se de tal jeito, que seus joelhos ficavam na altura das clavículas. Era uma posição curiosa e engraçada, mas parecia confortável.

Ivan aproximou-se:

— Olá, Abel!

O vagabundo sorriu e estendeu o braço. Ivan entregou-lhe a cuia. Abel segurou o pedaço de marmelada e começou a comê-lo. Ivan observou:

— Isso é a sobremesa, Abel. E' para o fim.

O homem sorriu e moveu a cabeça, para cima e para baixo.

— Bem, se você gosta... — disse Ivan.

Abel sorriu e balançou a cabeça novamente. Depois comeu o pão.

— Não, Abel. O pão é para comer junto.

O vagabundo, sorria sempre e movia a cabeça como quem diz: "E' isso mesmo. E' isso mesmo". Mas segundo Ivan ia fazendo, tudo errado. O menino receava que, daquele jeito, o Homem não iria apreciar devidamente a refeição.

Depois, Abel meteu os dedos na comida e começou a comer na ordem em que o cozinheiro a colocara. Primeiro, o macarrão, em seguida, o arroz, a carne, e, por último, o feijão. Ivan, ainda tentou ensiná-lo, dizendo:

— Mistura, Abel. Fica mais gostoso.

O vagabundo, sempre balançando a cabeça, sorrindo, parecia não entender ou talvez, quem sabe, achasse aqueles requintes inúteis para ele, porque quem tem fome, tem fome e comida é sempre comida.

Perto dali, Dick, amarrado à árvore, sentia-se humilhado, e abandonado, ganhando tristemente.

Entretanto, Ivan nem o ouvia. Era toda atenção para Abel, que ia comendo em silêncio. De vez em quando, o vagabundo levantava os olhos para a gorôto e sorria, balançando a cabeça, como quem dissesse: "Está muito bom. Obrigado". E comia com tal gosto, que o menino sentiu-se inteiramente recompensado. Esforçando-se para imitar a curiosa posição de Abel, Ivan acorou-se perto dele e ficou a olhá-lo, maravilhado.

x x x

A noite, Abel abriu a porta do barracão e ficou apreciando dali o movimento do bar, sem coragem de aproximar-se.

"Seu" Ferreira fingia não vê-lo. Os outros, também. Parecia haver combinado ignorar o homem. No fundo, sentiam-se ainda um pouco culpados.

No dia seguinte, Ivan levou-lhe o café da manhã e, à tarde, a cuia cheia de comida. À noite, novamente, Abel abriu a porta do barracão e passou horas acorado, olhando as pessoas que conversavam no bar. Só fechou a porta, quando "seu" Ferreira apagou as luzes.

Ceci não voltou mais ao barracão. Andava muito ocupada no colégio com as primeiras provas parciais, mas Ivan a mantinha a par dos acontecimentos. A menina, como sempre, dava-lhe conselhos, com seu ar superior.

Dick não se acostumava com Abel. Ivan, ao levar comida para o vagabundo, ainda fez umas tentativas, mas por fim desistiu e prendeu-o na corrente. O cachorro via quando o menino passava diante de sua casinha, rumo ao barracão e olhava-o como se estivesse sofrendo a maior injustiça do mundo. Na verdade, estava abandonado. E se não fôsse Sílvio, ficaria até sem comer, porque Ivan, mui-

to ocupado com Abel, esquecera-se inteiramente dele. O menino ia à escola de manhã e voltava correndo, pensando no almoço de Abel. À tarde, tinha aula de catecismo e ficava ansioso para que ela terminasse e ele pudesse servir o jantar do homem acorado no galpão. Fingia fazer isso às escondidas e o pai e a mãe fingiam não ver nada. Apenas Dick se revoltava com aquela dedicação. Mas só se revoltou no primeiro dia, porque depois, cheio de amargura, deitou-se e passava os dias desanimado, numa atitude de quem estivesse perdido em graves reflexões.

Tôdas às vezes que Ivan levava a comida de Abel, acorava-se em frente a ele e ficavam os dois sem falar, sorrindo e movendo a cabeça, muito satisfeitos um com o outro. O menino já não queria ensinar Abel a comer e arranjara-lhe uma lata de aveia, ariada pelo mesmo processo da cuia, para servir-lhe de copo. O vagabundo não pedia nada e tudo o que Ivan lhe dava, comia e bebia com um gosto que encantava o garôto.

Na tarde do terceiro dia, Abel surgiu na igreja, durante a aula de catecismo. Novamente, as crianças ficaram inquietas. Abel benzeu-se com água-benta, com o mesmo respeito e a mesma solenidade da primeira vez, mas, apesar disso, parecia engraçado às crianças, por causa dos seus movimentos bruscos. Aquêles movimentos lhes transmitiam a vaga impressão de que o homem estivesse brincando, que imitasse alguma beata. Quando os risinhos abafados começaram, o padre decidiu-se:

— Fiquem quietos! Olhem para a frente! Vou pedir àquele homem que se retire e não perturbe a nossa aula.

Ivan levantou o braço e falou aflito:

— Padre Tomás, eu conheço ele! Mora lá em casa. Eu digo para ele ficar quieto.

— Não! — respondeu o padre. — E' melhor pedir-lhe que se retire.

Estavam muito distantes o padre e Abel, mas olharam-se e esse olhar tirou toda a confiança do sacerdote. Ivan percebeu e reafirmou:

— Eu garanto, Padre Tomás, que ele não atrapalha. E' só falar.

— Bem — disse o padre — então vá.

Ivan levantou-se e dirigiu-se a Abel. Sentia na nuca os olhares do padre e de toda a classe. O momento pareceu-lhe de grande importância e receou fracassar.

Chegando perto, sorriu e disse ao vagabundo:

— Fica quieto, Abel. Senta e fica quieto, se não o Padre Tomás te expulsa da igreja. Senta, Abel.

Abel sentou-se e ficou quieto, com medo até de respirar. Ivan voltou orgulhoso para o seu lugar e falou:

— Pronto, Padre Tomás. Ele não vai mais atrapalhar.

A menina nervosa olhou-o amorosamente e os garotos, mesmo os maiores, com um certo respeito.

A lição prosseguiu sem incidentes. Ao terminar, Ivan ficou esperando que Abel saísse da igreja. Mas começava a escurecer e resolveu ir embora para não ser repreendido.

Quando o padre auxiliar veio fechar a igreja, encontrou Abel no mesmo lugar, sentado, quieto, na ponta do último banco. Encaminhou-se para ele:

— Meu amigo — disse — agora o senhor deve ir embora. Preciso fechar a igreja.

— Amigo — respondeu Abel elevando-se, dirigiu-se à pia de água benta, molhou a mão, ajoelhou-se com extrema dificuldade e benzeu-se. No momento de levantar-se, não o conseguiu. O padre jovem, pegando-o pelo braço, ajudou-o, dizendo:

— Força, amigo.

Abel sorriu, levantou-se, e saiu lentamente. No adro, enterrou com força o chapéu na cabeça e desceu as escadas, desequilibrando-se de vez em quando e assustando o padre que temia vê-lo rolar pela escadaria de cimento. Vagaroso, o homem descia degrau, por degrau, recuperando em cada um o seu equilíbrio. O padre até esqueceu de fechar a porta e acompanhou-o com os olhos, apreensivo. Finalmente, chegando em baixo, Abel voltou-se e vendo que o padre continuava a observá-lo, tirou o chapéu e gritou:

— Amigo!

O padre sorriu e cumprimentou com a cabeça, aliviado. Abel deu alguns passos, depois parou como se tivesse esquecido de algo muito importante. Voltou-se de novo e levantando o braço, disse:

— A paz seja convosco!

Automaticamente, o padre respondeu:

— Assim seja!

De súbito, compreendeu. Aquela saudação católica fora feita durante tantas centenas de anos por eles, padres, e pelas beatas, que terminara por perder o seu grande e profundo sentido de beleza e compreensão. Agora ali, na porta da igreja, naquele fim de tarde, readquirira na boca de um vagabundo idiotizado sua significação primitiva. "Sim", pensou o padre, "não há realmente no mundo uma saudação tão bela e tão cheia de boa vontade como essa de se desejar a paz a um amigo". Foi então que murmurou, como se falasse consigo mesmo, mas, na verdade, dirigindo-se ao vagabundo. E pela primeira vez, não falou maquinalmente, mas sentindo profundamente a essência de cada palavra:

— A paz seja convosco, amigo. A paz seja convosco...

NO ESPAÇO A MULHER É O SEXO FORTE

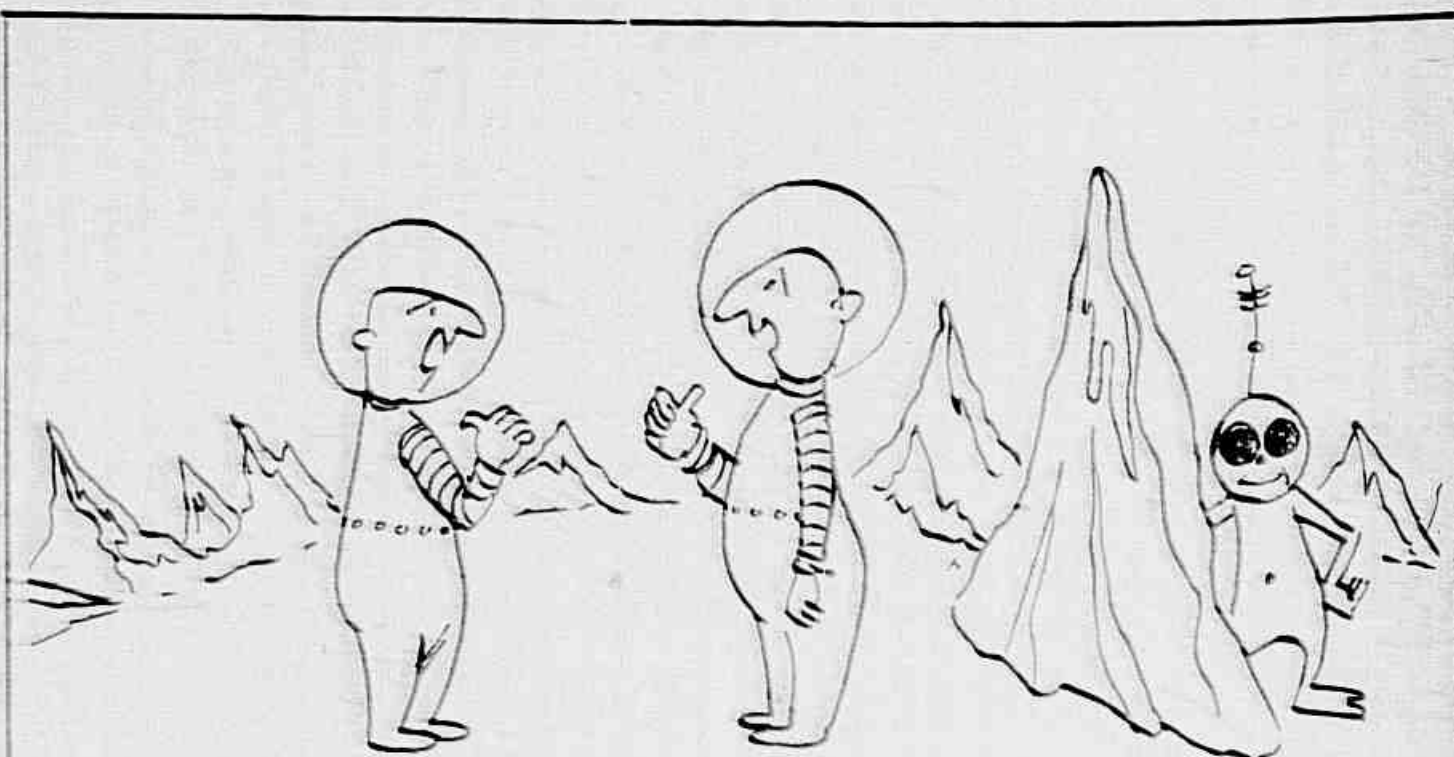
O TEOR MAIS BAIXO do metabolismo da mulher, em comparação com o do homem, torna-a mais apta às viagens interplanetárias. Das vantagens da mulher para os vãos no espaço cósmico há muitas explicações e o Cônego O'Grady Paiva, que já respondeu (Revista da SEMANA, 24, dez.) a uma pergunta sobre o assunto, volta a falar, "para explicar melhor":

PERGUNTA — É verdade que experiências de laboratório determinaram que a mulher é mais adaptável às viagens siderais que o homem? E teria sido por isso que os russos preferiram enviar ao espaço um animal do sexo feminino?

RESPOSTA — Já se sabia, antes mesmo de ser a mulher submetida a provas de laboratório, que o seu organismo, sob certos aspectos, é mais dotado que o do homem. O homem tem mais força física, a mulher maior resistência orgânica. Se ao homem cabe a designação do "sexo forte", deveria caber à mulher a de "sexo resistente". E não só do ponto de vista físico pode oferecer vantagens o organismo feminino. O riço psiquismo da mulher fá-la suportar melhor a depressão moral, sendo também psicológica a sua capacidade de resistência. Mas a real vantagem da mulher sobre o homem, nas viagens siderais, é o mais baixo teor do seu metabolismo, no consumo de calorias e oxigênio, isso em virtude da natureza sintética da alimentação no espaço e

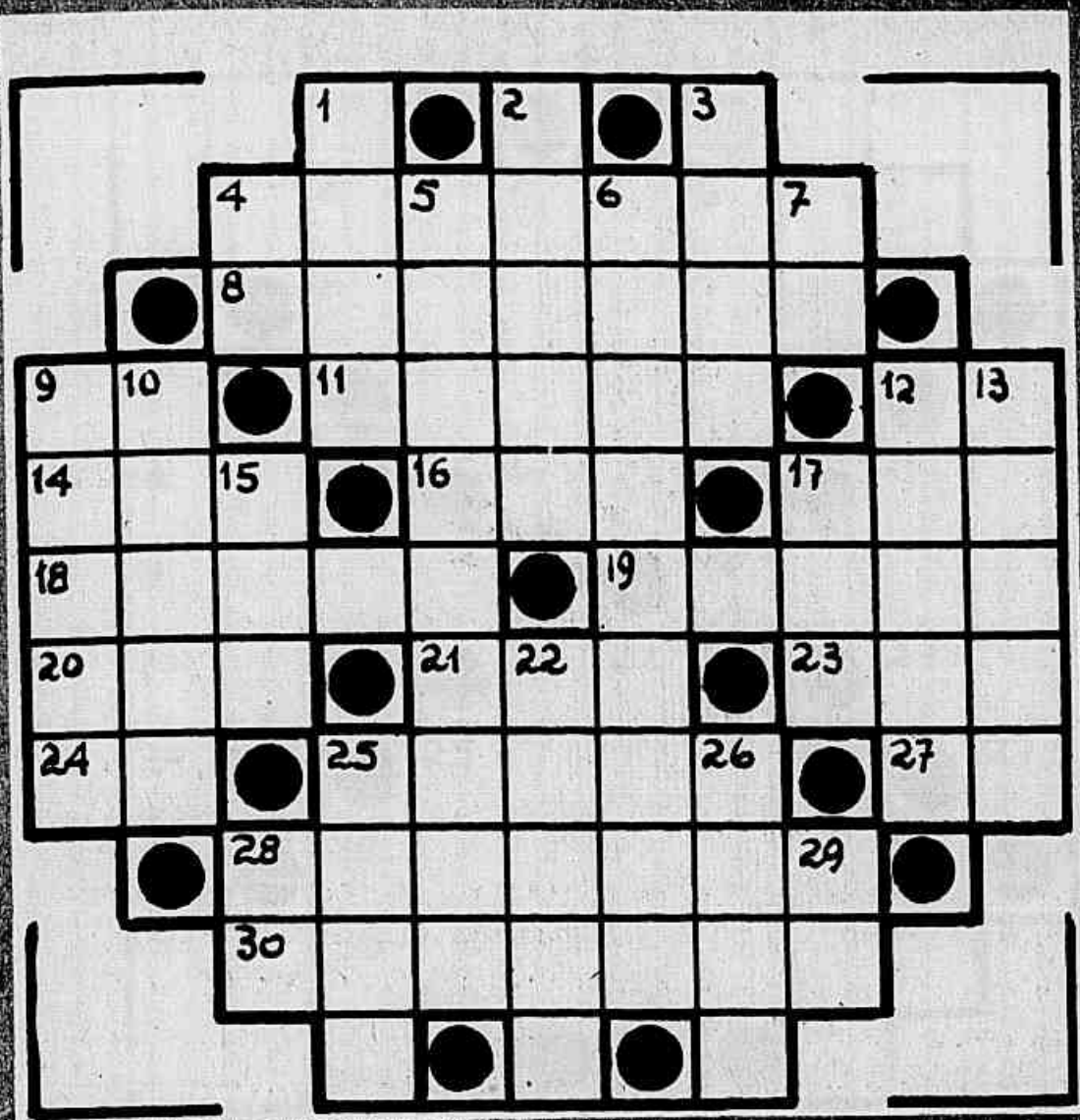
da máxima economia de oxigênio que se impõe fazer. As candidatas às viagens no espaço não farão concurso de beleza, mas de saúde. Vênus será destronada por Higéia. As medidas anatómicas cederão lugar às fisiológicas, saindo "eleitas" as que apresentarem melhores índices de economia funcional, melhor controle de nervos e forem, ainda, saudáveis e esbeltas. Do mesmo modo que a leveza é indispensável aos jóqueis, terão de ser lépidas as amazonas do espaço. E assim, em vez de *misses*, serão as mulheres cósmicas *misseis*, isto é, enviáveis ao espaço. Se algumas reunirem, aos requisitos hígidos indispensáveis, predicados de beleza, tanto melhor para os possíveis marcianos...

Quanto à cadelinha russa, não se pode dizer que tenha sido o sexo a razão determinante de sua escolha. Esta por certo resultou, como nos casos congêneres de animais-testes submetidos a provas, das melhores condições em que foi achada, no final. Tais provas, para o espaço, têm sido freqüentemente vencidas por animais do sexo masculino (camondongos, coelhos, cães e macacos).



— O que é que o senhor está fazendo na minha Lua?
— Sua? O senhor me desculpe, mas eu cheguei primeiro.

AMBROSIO



PROBLEMA Nº 13

PARA VETERANOS

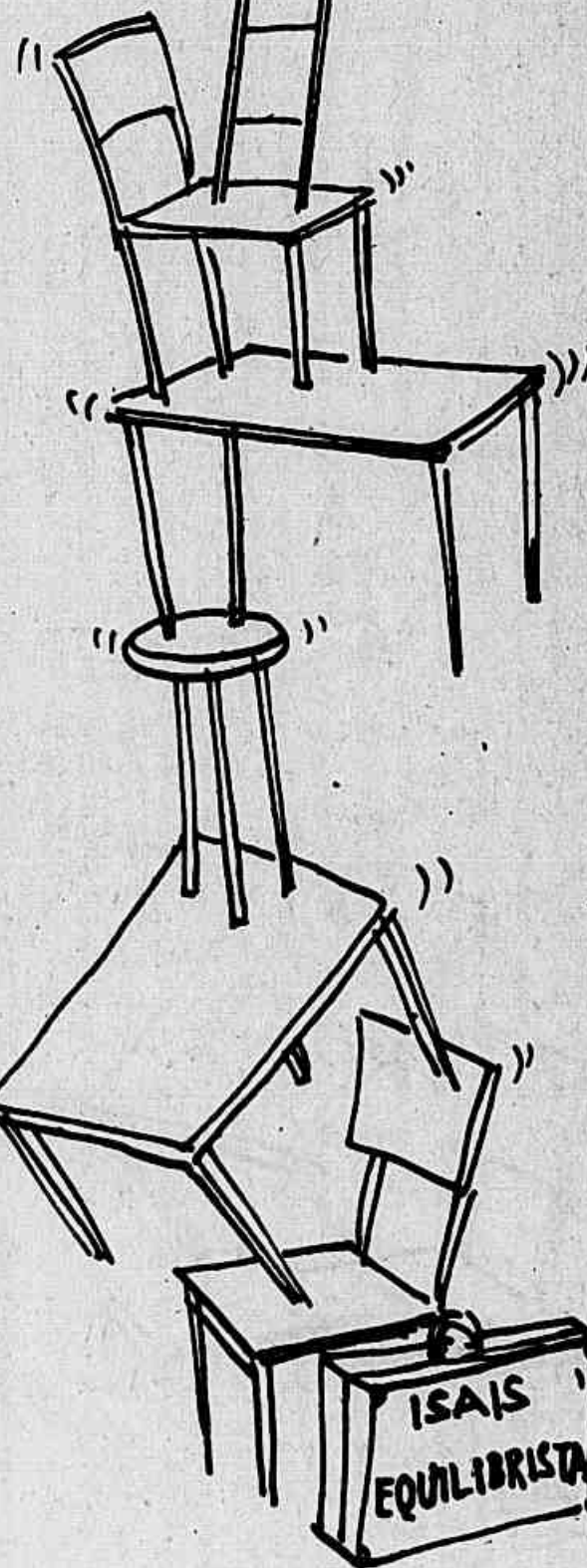
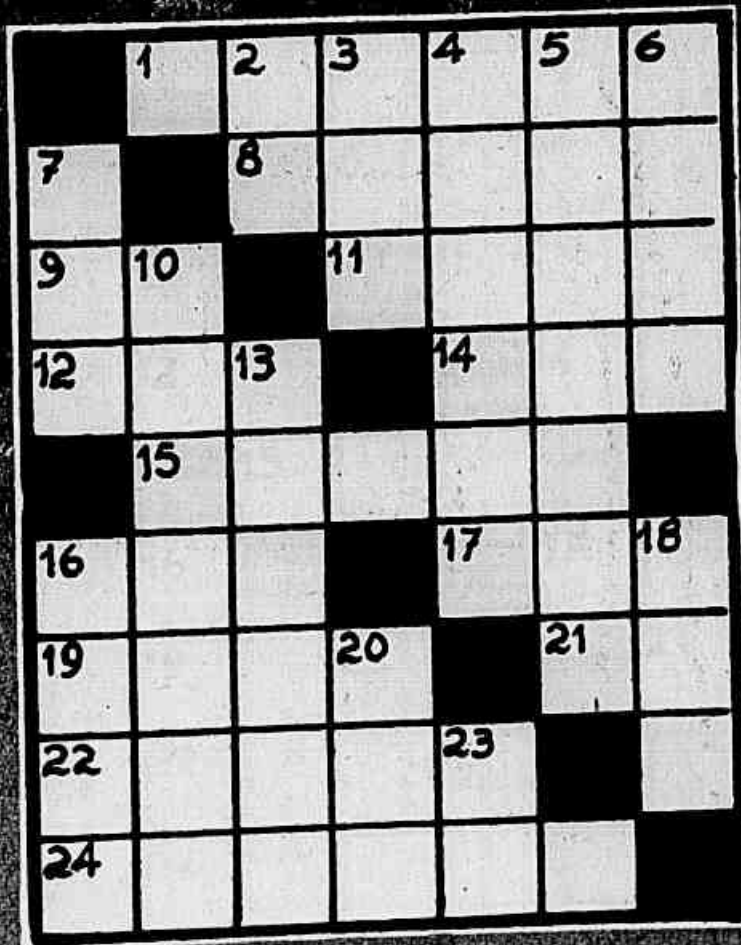
HORIZONTAIS — 4 — Sente horror a; 8 — Produto; 9 — Modo de andar; 11 — Planta da família das Crucíferas; 12 — Andar; 14 — O primeiro a jogar no jogo do beto; 16 — Campo extenso, no Paraná; 17 — Dona de casa; 18 — Alcançar; 19 — Coçar; 20 — Parlapatice; 21 — Espaço entre luas mortanhas; 23 — Espaço de tempo gasto pela Terra numa translação completa ao redor do Sol; 24 — Artigo plural; 25 — Albinos; 27 — Flexão do verbo ser; 28 — Marupaúbas; 30 — Vichático.

VERTICAIS — 1 — Guarneci de abas; 2 — Dividir ao meio; 3 — Na presença; 4 — Fisionomia; 5 — Fizera ver; 6 — Contrabandista; 7 — Contração; 9 — Armadilha; 10 — Calhaus; 12 — Desmedido; 13 — Pouco abundantes; 15 — Pedra; 17 — Fadiga; 22 — Pássaro azul do Canadá; 25 — Sucessões de idéias; 26 — Salva de metal; 28 — Nociva; 29 — Orfão.

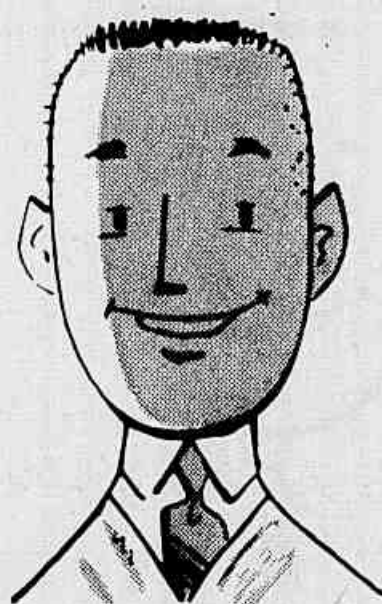
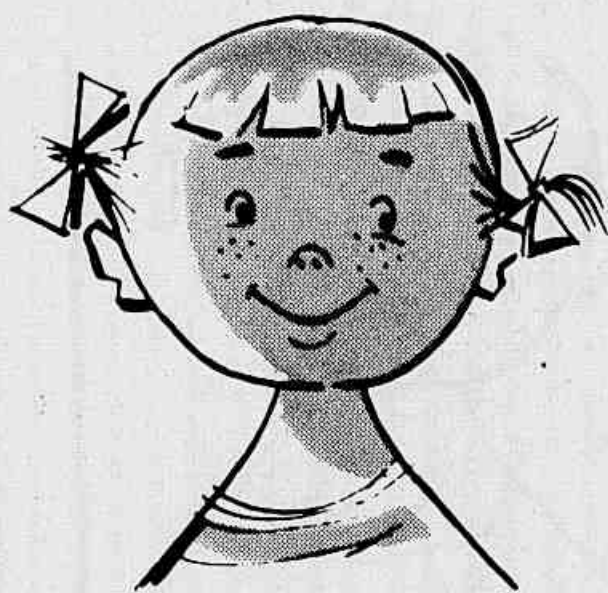
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS — 1 — Ombreira de porta; 8 — Espécie de tartaruga d'água doce, na Amazônia; 9 — Brisa; 11 — Fecham as asas para descer mais depressa; 12 — Norma, decreto; 14 — Caminho; 15 — Andariam; 16 — Ate, ligue; 17 — O mesmo que arrás; 19 — Coisa nenhuma; 21 — Símbolo químico do rádio; 22 — Que tem bastante idade; 24 — Corado.

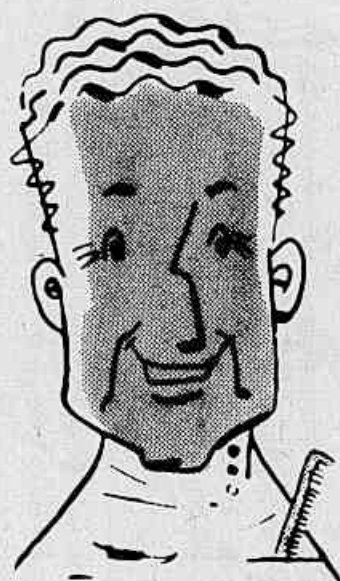
VERTICAIS — 2 — Ferversa; 3 — Outra vez!; 4 — Ter raiva; 5 — Pôr açaímo; 6 — Lodo; 7 — Cano de moinho; 10 — Tempo que um rei governa; 13 — Cheios de ira; 16 — Ligar; 18 — Cloreto de sódio; 20 — Membro empenado das aves; 23 — Luz que emana da ponta dos dedos.



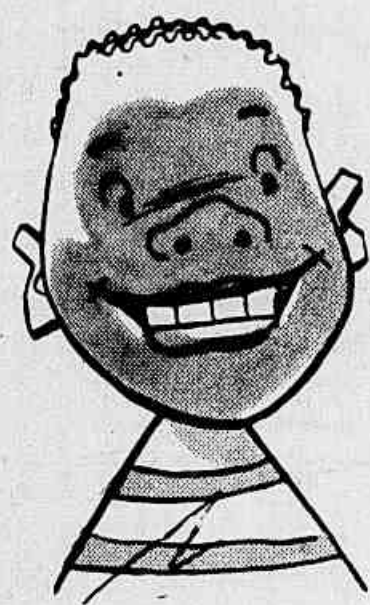
WASSERMAM



O público que aprecia rádio e televisão



· não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

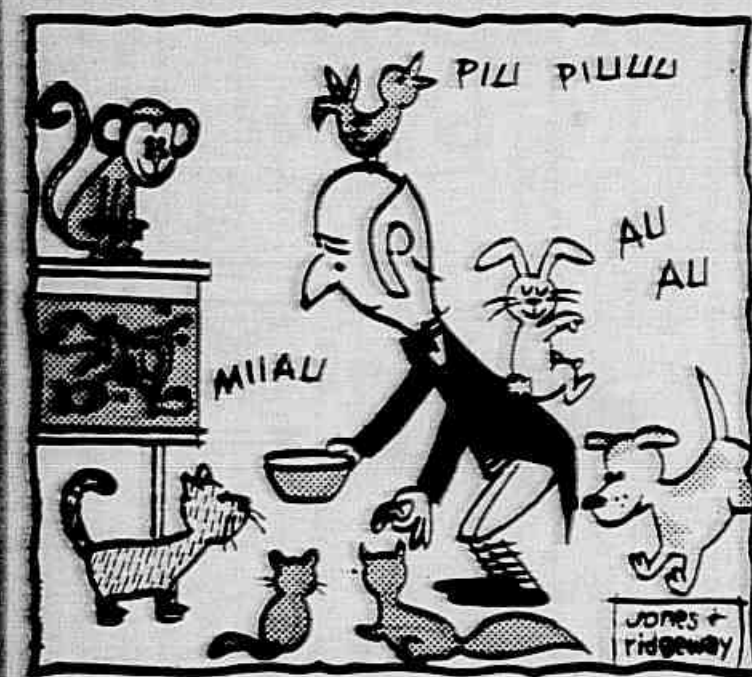
TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!







Elena foi o divórcio artístico dos Rossellini

CINEMA

“AS ESTRANHAS COISAS DE PARIS”

ELENA ET LES HOMMES, em “Technicolor”, com Ingrid Bergman, Jean Marais, Mel Ferrer, Jean Richard, Pierre Bertin, Jean Claudio, Dora Doll, Frédéric Duvalles, Juliette Greco, Jacques Hilling, Elina Labourdette, Marjane, Renaud-Mary, Gaston Modot, Jacques Morel, Magali Noel e Albert Remy. Direção e “script” de Jean Renoir. Fotografia: Claude Renoir. Música: Joseph Kosma. Produção: Franco London Film/Films Gibé (França) e Electra (Itália), 1956. Distribuição: 20th Century-Fox.

EM PRIMEIRO lugar, é preciso dizer que Ingrid Bergman obtém o que ansiava em “Elena et les Hommes”: sucesso. Após alguns filmes frustrados sob a direção de Rossellini (“Europa 51”, obra admirável, com Ingrid em clímax de expressividade, é, como indica o título, de seis anos atrás), necessitava de aplausos — oxigênio do ator. “Elena”, de 1956, anterior a “Anastasia” (“Anastácia, a Princesa Esquecida”) e a seu segundo “Oscar”, foi o “divórcio” artístico de Bergman & Rossellini, prelúdio da recente separação legal que a mulher conduziu com um domínio de cena e uma dignidade à altura da atriz, em meio à alegre sordidez das aves agourentas empoleiradas nas colunas de mexericos. A intérprete obteve a unanimidade de aplausos que faltou ao filme.

Elena é uma princesa polonesa viúva
24 — REVISTA DA SEMANA

e sem dinheiro, em Paris, na penúltima década do século passado. Ao começar o filme, vamos encontrá-la separando-se de um compositor que acaba de conhecer o sucesso. Motivo: julga que não lhe pode ser mais útil. “Mecenas” sem fortuna, Elena preenche seus dias de princesa-sem-côrte com “missões” que o comum dos homens chamaria de lazer: distribui seus dons de espírito, graça, amor e, principalmente, sua “sorte”, cujo talismã é a margarida. Como é preciso viver, ela se apresta a casar com Martin-Michaud (Pierre Bertin), o “rei” da indústria de calçados, velho e ridículo. Mas conhece o aristocrata Henri de Chevincourt (Mel Ferrer), que a apresenta ao herói do momento, o general Rollan (Jean Marais), hesitante no limiar de uma carreira política. Pouco depois o general é convidado para ministro da Guerra. Naturalmente por força da margarida que a princesa lhe deu. As festividades do 14 de julho favorecem um romance Elena-Henri, mas uma discussão política os separa. Elena vai para o castelo de Martin-Michaud.

Um aerostato militar escapa ao controle e cai na Alemanha, provocando um conflito internacional que o “entourage” político de Rollan pretende explorar para projetá-lo como ditador e obter revanche sobre os alemães. Madame Escoffier (Elina Labourdette) amante do general, opõe-se à manobra. Henri, partidário do

golpe, concorda em solicitar os serviços de Elena e suas margaridas. Uma crise de ciúme termina em duelo com Rollan, mas o secretário de Estado interrompe a bravata. Rollan lança um ultimatum e é bem sucedido. A margarida se transforma em símbolo nacional.

Assustados, os adversários de Rollan conseguem afastá-lo de Paris. Novamente Elena é mobilizada para convencê-lo: deve assumir o governo. O general impõe uma condição: o amor de Elena. Encontra resistência e parte sozinho para a aventura política. Mas sua amante, trazida por Henri, espera-o à porta, e reassume o controle da situação. A paciência fleugmática de Henri será recompensada pela posse definitiva de Elena.

A reação da crítica francesa ao novo filme de Jean Renoir foi de perplexidade. Adeptos e inimigos de “Elena et les Hommes” revelam espanto e confusão na justificativa de suas posições. Escreveu Eric Rohmer em “Arts-Spectacles”: “Como uma boa senhora à saída do sermão, eu só sei dizer: **E’ muito belo, eu não compreendi nada**”. Opinião que não se refere ao enredo, muito simples, mas às intenções que levaram Renoir a repetir, numa estrutura de vodeville aparentemente clínico, banal, superficial, grande parte dos

motivos e da construção de “La Règle du Jeu” (“A Regra do Jogo”, inédito no Brasil), de 1939, considerado sua obra-prima. E quando um cineasta tem obras como “A Bêsta Humana” e “Amor à Terra” (“The Southerner”), uma outra considerada superior reúne-se obrigatoriamente às maiores do cinema.

Georges Sadoul, no comunista “Letres Françaises”, vê altos e baixos na construção (elogia muito o “primeiro ato”; considera o segundo uma “refilmagem” quase exclusivamente burlesca de “La Règle du Jeu” o terceiro inteiramente frustrado), e trata o filme como irresponsável. Aponta um figurino histórico para Rollan: o general Boulanger, ministro da Guerra e candidato a ditador em 1886-1887. Mostra-se chocado por não encontrar em “Elena” uma crítica “aos generais ou coronéis candidatos a ditadores, que têm sido há 150 anos um fator permanente em nossa História”.

O filme tem outros adversários, como Georges Chârensol (“Les Nouvelles Littéraires”); “Alguma lógica, um vago liame entre os episódios, um mínimo de verossimilhança nos personagens: de tudo isso, visivelmente, o autor se ri”. Robert Benayoun, em “Demain”: “A dimensão humana que sempre impediu que os heróis de Renoir se transformassem em marionetes de René Clair parece ter desaparecido”. Contesta Claude Mauriac no “Figaro Littéraire”: “Um pouco do mistério

dêse filme parece residir no fato de que os personagens de "Elena", embora se comportem como os de Guignol, não deixam de ser humanos. Mesmo os que, a exemplo do excelente, do admirável Jacques Jouanneau, parecem simplificados ao máximo em um estilo à Feydeau, nos inquietam e nos comovem no momento exato em que nos fazem rir da maneira mais mecânica".

Pierre Mirande, em "Telé-Ciné": "Reencontramos no último filme de Renoir uma das constantes que dominam sua obra: a alegria de viver, a sensualidade franca, o senso do que é verdadeiro, o equilíbrio e a saúde. Desmonta com ironia mordaz as marionetes da política ou dos negócios, mostra-nos sua sequeidão e seu vazio, o lado artificial de sua agitação, a mesquinha de seus cálculos. Eles manejam idéias sem qualquer significação e passam à margem da vida. Consideram os homens como abstrações, porque perderam todo contato real com eles. (...) Isolado em sua torre de marfim (Renoir) nos dispensa seus conselhos, com a posição um pouco superior do sábio. (...) Os sonhos, os sofrimentos dos homens não lhe parecessem mais de muita importância. Certas fontes parecem secas em Renoir. Mas esse ressêcamento se acompanha de um senso de beleza cada vez mais agudo (...) de uma plenitude de sua arte que talvez nunca tenha atingido".

«A LUZ DE UMA ILUSÃO.»

THE GREAT MAN, em branco-e-prêto, com José Ferrer, Dean Jagger, Keenan Wynn, Julie London, Joanne Gilbert, Ed Wynn, Jim Backus, Russ Morgan e Robert Foulk. Direção de José Ferrer. "Script" de Al Morgan e Ferrer, baseado na novela de Morgan. Fotografia: Harold Lipstein. Música: Herman Stein. Produção de Aaron Rosenberg (Universal-International).

COM A MORTE DE HERB FULLER, "o mais querido humorista da América", em desastre de automóvel, uma das grandes organizações de rádio e televisão do país perde seu maior "cartaz". Imediatamente traça-se a "promoção" funerária: o corpo ficará exposto à visitação pública (250 fãs por hora) em um estúdio transformado em capela, mudança de flores de quatro em quatro horas, coros, elogios fúnebres, cobertura diária por cadeia de 54 estações de TV, etc.

Um programa espetacular dedicado à memória de Fuller com depoimentos dos que o conheceram intimamente entra em preparação, a cargo de Joe Harris (José Ferrer), comentarista da vida noturna da estação filiada de Nova York. O grande preocupado com o acidente é Sid Moore (Keenan Wynn), "manager" da estação, que tirou Fuller do nada e participou amplamente dos lucros de sua transformação em ídolo nacional. Moore faz com que Harris assine um contrato parti-



JOSÉ FERRER
Integridade vale muito...



JULIE LONDON
... se fôr capaz de vender...



KEENAN WYNN
... sabão e pasta de dente.

cular com êle. Quer tê-lo sob controle porque, se o programa tiver sucesso, o comentarista será o substituto de Fuller.

Harris, à caça de depoimentos com um aparelho gravador, logo constata o conflito entre o mito e a realidade. Segundo o agente de publicidade Nick Cellantano (Jim Backus), a felicidade de Fuller só existia à base da infelicidade do próximo. Harris encontra a mulher do humorista ainda mantendo as aparências de um matrimônio que deixou de existir há muitos anos. Visita a ex-celebridade Carol Larson (Julie London), que os "fan magazines" apontavam como cantora de talento lançada desinteressadamente pelo grande Fuller, mas o que obtém é a confissão de uma jovem do interior que teve chance enquanto foi companhia noturna do humorista, e a quem, depois, só restou como saída o alcoolismo. Finalmente, uma das lendas mais comoventes sobre o falecido, sua viagem aérea ao "front" na Alemanha, para salvar com plasma sanguíneo a vida de um soldado americano, é desmentida pelo próprio Moore, em meio de alguns "drinks". Moore falsificara a "gravação no front", responsável por uma onda de doações de sangue, enquanto Fuller se divertia em Paris com uma beneficiária do mercado negro.

Embora enojado consigo mesmo. Harris forja um programa de louvores ao "grande Fuller". Antes, como parte de um plano anti-Moore do presidente da estação (Dean Jagger), corre a notícia de que foi abandonado o projeto de entronização de Harris, e êle recebe cinco mil dólares, discretamente, para comprar a rescisão de seu contrato pessoal com o "manager". Efetuada a transação, Harris toma posse de todos os programas de Fuller.

"The Great Man" tem um final-surpresa que "Time" considera "improvável", embora elogie sua confecção. Classifica o filme como "um comentário corrosivo, cínico, sobre o meio de TV-Rádio", onde "vale tudo, até integridade — se fôr capaz de vender sabão e pasta de dente. Está dirigido com vigor e interpretado com audácia".

Também Bosley Crowther (New York Times) elogia a força crítica do filme, destacando a circunstância de que "os financiadores do charlatão não só estavam perfeitamente a par de suas ações, como procuram perpetuar seu mito para continuar a vender sabão. Naturalmente Al Morgan e José Ferrer, que cenarizaram a novela de Morgan, não pensavam fazer uma acusação violenta e desapiedada contra a indústria radiofônica em conjunto. Evidentemente pretendiam apenas mostrar um exemplo do que pode acontecer na vida de alguns personagens de Madison Avenue. Mas isto basta para dar ao filme validês social e significado de advertência sobre uma espécie de corrupção a evitar. Trata-se, em conjunto, de um forte drama que também se faz convincente pela boa interpretação do elenco e pela direção segura de Ferrer. Keenan Wynn está perfeito".

QUEM É VOCÊ?

JÁCE — 33 anos, casada — Apesar de ter sofrido muito na infância, de ter passado por grandes golpes, Jace, você se refêz e vem levando bem a familinha. Encantada com a filha, meio truncada vocacionalmente, mas bem ajustada ao matrimônio e ao lar. Benza-se... isto é tão raro...

PREDESTINADO — 42 anos, casado — Desejaria, Predestinado, que fôsse predestinado a ir, urgentemente, a um médico. Tem tamanho ódio da espôsa que isto o levará a um ato de desespero. Procure com urgência um médico psiquiatra. Não está louco — está sob influência de qualquer traumatismo afetivo intenso. Agitado, em dúvidas, em angústia. Siga meu conselho. Escreva se desejar expandir-se.

RED INDIAN — Casado desde fevereiro de 1956 — sem idade — Está no auge da felicidade. O casamento lhe deu tudo o que desejava. Tem paz, expande sua personalidade, não se sente constrangido, a espôsa é compreensiva e boa. Parabéns... Que consolo ver isto depois do teste de Predestinado... Continue assim, são meus votos e também a garantia de filhos sadios, bons e belos.

IPUR — Campinas, 36 anos, casado — Sente-se injustiçado, acha que a vida não lhe deu ainda tudo o que desejava, tudo o que merecia. Um pouco talvez, de excesso na auto apreciação, não? E por que tanto rigor com a filha? Por que a espôsa se queixa do senhor?

DORIS — 14 anos, Campinas — Acha que o irmãozinho nasceu além do que seria de desejar. Não o queria. Muito romântica mas também muito adiantada em certos aspectos. Quer fazer vida de moça, quer ser muito independente, Doris. E quem é o Ipur que acompanha seu teste?

FREDERICO II — Solteiro — Muito organizado demais, Frederico... Muito

rígido em seu modo de planejar as coisas, em sua organização. Escravo da "alta fidelidade..." mas saiba que isto é ótimo para aparelhos — na vida humana há poucas criaturas que correspondem aos ideais de pessoas rígidas como o senhor...

LILIA — Viúva, 35 anos — Ainda sob o impacto da morte do marido. Está pessimista, vendo tudo escuro em sua volta, tudo de luto. Mas saiba, Lilia, que no mundo não há "situações verdadeiramente desesperadoras, há pessoas que se desesperam em determinadas situações"; e quando a vida lhe oferecer um limão, transforme-o numa limonada.

INDECISA — 32 anos, casada — Infância muito sem liberdade, família muito cheia de tabus. Indecisa entre o marido e o padrasto? Por que não desmama psicologicamente da família de origem e vive mais para os seus filhos e seu marido? Escreva, Indecisa, talvez lhe possa ajudar.

LENA PERKINS — 18 anos, solteira — Está muito nervosa, menina. Brigou com o namorado? Desiludida... Lembre-se de que só nós mesmos nos podemos fazer mal... e trate de ser feliz. Leia "Como evitar preocupações e começar a viver".

MORENINHA DE COPACABANA — 13 anos e 8 meses — Você é um exemplo de que não há somente gente transviada no nosso bairro, Moreninha... Há meninas como você, boas, puras, sonhando com crianças, um lar feliz, um marido leal e uma vida reta e bela...

MIRELLA — 21 anos, solteira — Acha o pai infantil, indiferente, acusa-o de não dar à sua mãe a atenção devida. Preocupada com a saúde de sua mãe e de sua tia. Cansada, desanimada.

MATILDA LARANJEIRAS — Tudo em paz para seu lado, Matilda — Marido bem, filha bem, você bem harmoniosa em suas reações. Só lamenta que seu marido a separa um pouco de sua mãe e que lhe deixe grande parte das questões de responsabilidade para resolver. Mas contente-se em ter tanto.

MANON — 24 anos, casada — Creio que já é tempo de considerar seu marido como sua família, não? Mamãe, irmãos, etc., etc., são família de origem, não família atual. Você mesma fez seu marido como se o achasse constrangido, sem expansões, sem liberdade. Solte-o dando a ele um lar próprio, menos intromissão de parentes, mais vida a dois.

J.C.S.G. — 9 anos — Queria que seu pai lesse isto, J.C. — ele está traumatizando você. Você sente que os dois não se entendem — seu pai e sua mãe, e sofre muito. Você é muito inteligente e isto ainda piora os fatos. Preocupações com dinheiro, comida; falta de liberdade, de expansão. Medo. Tendência à liderança. Deseja de paz, de felicidade, de família unida. Pais de J.C. — ele não vale o sacrifício de seus desejos pessoais, de sua vaidade, de seus direitos feridos?

PAT — Muito idealista, sonha demais, até. Viva um pouco mais com o pé na realidade, Pat, ou vai se sentir muito infeliz porque os esquemas que traçamos com a imaginação não servem bem para enquadrar a humanidade... Moça boa, sincera e leal. Feliz do rapaz que a conquistar...

MR. SLANG — 28 anos — O sr. anda com a consciência pesadíssima, senhor Slang. Sabe que age mal, que trai a espôsa; é excessivo em tudo — politicamente é apaixonado, afetivamente tem paixões fulminantes, mas volta sempre ao recesso da família. Pense, apenas, que se tudo passa para o senhor talvez deixe marcas na espôsa e nos filhos... Domine-se.

MAE — 32 anos — Mulher equilibrada, boa mãe, boa espôsa. O próprio pseudônimo que escolheu demonstra que vive para o lar, que ama os filhos, vive para o marido. Deus a conserve e dê forças para viver bem sua tarefa. E de pessoas assim que as Pátrias se fazem fortes e o Futuro se garante...

DISCRETO — 31 anos — Vive demais em função da família antiga. Preocupação tremenda com a cunhada que vive em sua casa — acha-a igual a sua espôsa e isto gera confusões em seu espírito, lhe traz dúvidas terríveis e na verdade bem difíceis para todos... Seu filho tem algo nos braços? Confuso o senhor, sem ordem, sem ilusões; um homem neurastênico que precisa recuperação física através de férias, higiene mental, descanso, enfim. Tendências artísticas.



"... e o meu filho quebrou a vidraça da sua casa? Pois olhe, seu Parrudo, pare de se lamentar e de dar queixa do meu menino, se não eu vou aí e acabo de quebrar as outras..."

JONZ



ARQUITETURA

OSCAR NIEMEYER, o arquiteto brasileiro que a 15 de dezembro fez 50 anos, nasceu e se criou no Rio, formou-se em 1935 mas só aos 30 anos realizou seu primeiro projeto.

Entre os principais trabalhos de Oscar Niemeyer figuram:

1937 — Obra do Berço.

1938 — Pavilhão do Brasil na Feira de New York, com Lúcio Costa; residência de Oswaldo de Andrade; residência M. Passos.

1940 — Hotel de Ouro Preto.

1941 — Ribeirão das Lajes; Estádio Nacional.

1937-1943 — Ministério da Educação e Cultura, com Lúcio Costa, Afonso E. Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira e Hernani Vasconcelos.

1942 — Residência Niemeyer; Cassino da Pampulha; Igreja da Pampulha (com Portinari e Burle Marx).

1943 — Hotel da Pampulha; residência Juscelino Kubitschek; residência Peixoto; residência Prudente de Moraes.

1944 — Restaurante e "Boite" para a Lagoa Rodrigo de Freitas.

1945 — Tribuna Popular; Hotel de Nova Friburgo; Colégio de Cataguazes.

1947 — Centro de Aeronáutica de São José dos Campos; residência Capanema; trabalho para o edifício da ONU, com Le Corbusier, Harrinon, Bassonn, Brunfaut, Soilleux, Cornier, Markeluis, Robertson, Su ch'eng Ling, Vilamajo; casa Tremaire, na Califórnia.

1948 — Teatro do Ministério da Educação e Cultura (completo).

1949 — Residência para fim de semana; Empresas Gráficas "O Cruzeiro"; residência no Rio; Monumento a Ruy Barbosa; Hotel Regente, na Gávea.

1950 — Centro Industrial em São Paulo, com Hélio Uchôa; Edifício Montreal, em São Paulo.

1951 — Edifício Copan, em São Paulo; conjunto Governador Kubitschek, em Belo Horizonte; Hotel de Diamantina; Colégio Júlia Kubitschek; Parque Ibirapuera, em São Paulo (com 6 projetos diferentes).

1952 — Hospital Santa América; Estação Automobilística em São Paulo; residência L. Miranda; TV-Tupi.

1953 — Banco Mineiro da Produção; residência Niemeyer, nas Canoas; Centro em São José dos Campos; Colégio Corumbá; residência Pignatary; residência E. Lima.

1954 — Residência Canavellas; Air Deport, em Diamantina; Colégio em Belo Horizonte; TV-Rio.

1955 — Museu de Arte Moderna de Caracas; projeto para uma capela; Clube Sírio-Libanês; Fundação Getúlio Vargas; edifício na reconstrução de Berlim.

1956 — Chefe do Departamento de Urbanização e Arquitetura da NOVACAP, em Brasília; primeira experiência cenográfica em "Orfeu da Conceição", de Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim (Tom).

1957 — Projeto Brasília; Palácio; residência; hotel de turismo; capela; Congresso Nacional; Tribunal Federal e praça dos 3 Poderes; cenografia: "Pedro Mico", de Antônio Callado.

ENSINO

O MINISTRO da Educação é contrário à redução das médias exigidas normalmente para a aprovação final dos alunos do ginásio, achando mesmo que a "asiática" não é motivo para que os pais dos alunos pleiteiem a redução alegando que a gripe concorreu para dificultar e agravar sensivelmente a situação dos estudantes.

O Ministro da Educação, por outro lado, vai nomear uma comissão para estudar as razões por que a percentagem de alunos reprovados nos ginásios do Distrito Federal atingiu verdadeiro "record" em 1957 e por que esse problema tem-se agravado de maneira alarmante nos últimos anos.

Dados estatísticos revelam que em muitos ginásios, 40, 50 e até 60 por cento dos alunos matriculados saíram dos exames finais sem alcançar a média regulamentar de aprovação (5 a global e 4 a de aprovação em cada matéria).

RELIGIÃO

INAUGURANDO A NOVA (e poderosa) estação de rádio do Vaticano, o Papa Pio XII fez novo apelo de paz na sua Mensagem de Natal.

Referindo-se aos "Sputniks" russos, disse:

"As nações amantes da paz devem por fim à rivalidade, não se deixando enganar por uma superioridade aparentemente momentânea, ou pelos prodígios lançados aos céus (satélites) que provocaram uma corrida armamentista".

Condenando a corrida armamentista "que pode comprometer seriamente a estabilidade econômica, mesmo dos povos mais ricos", o Papa Pio XII disse que a sedução "quase cega" do progresso arrastará as nações ao desprezo dos perigos

evidentes e fará que não tomem na devida conta perdas não ignoráveis.

Disse o Papa que os governantes dos povos devem impedir a guerra, todos concordando na superioridade do espírito sobre a técnica e seguindo a Lei Suprema.

"Se a humanidade de nossos dias não concordar com a supremacia dessa Lei, isto é, com o respeito absoluto da ordem e da harmonia universais, será difícil prever o destino das nações".

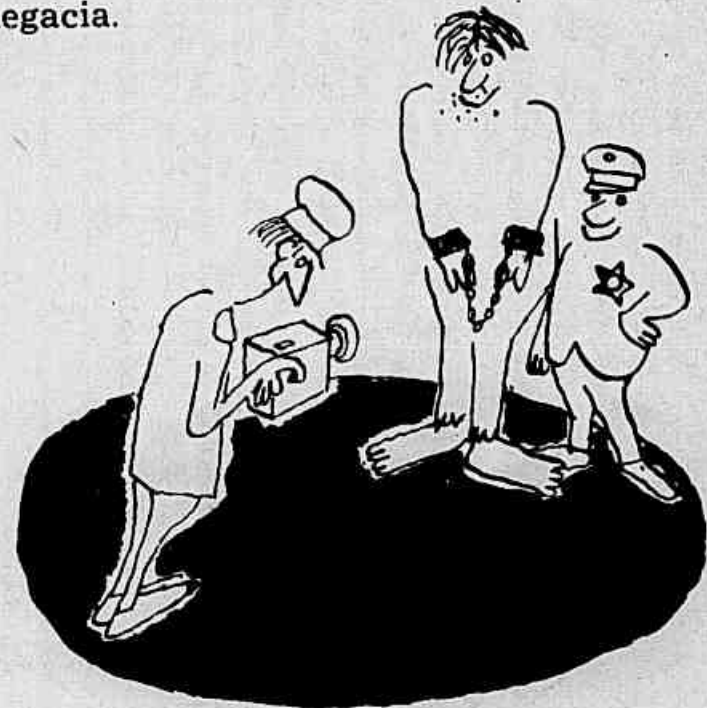
ESPORTE

AO SER DERROTADO (1x0) pelo Santos na rodada de domingo último no Campeonato Paulista, o Corinthians perdeu a invencibilidade que mantinha há 35 jogos consecutivos, mas continuou líder, agora ao lado do São Paulo.

POLÍCIA

ALEGANDO ter estrangulado o comerciante em legítima defesa, apresentou-se à Polícia (em São Paulo) o jovem (18 anos) Carlos Alberto Almeida, confessando-se o assassino do sr. Hugo Vari, encontrado morto a 13 de dezembro em um apartamento em Botafogo.

"QUANDO SOUBE, pelos jornais, que o menor M.H.E. estava sendo procurado como o maior suspeito da autoria do estrangulamento, resolvi me apresentar, porque não gostaria que um inocente pagasse por um crime que não praticou", disse Carlos Alberto assim que entrou na delegacia.



Carlos Alberto conhecia Hugo Vari há dois anos, freqüentando seu apartamento para jogar partidas de "buraco" em companhia de outros rapazes. No dia do crime, estavam jogando quando, subitamente, Hugo Vari levantou-se dizendo que estava sendo roubado. Os jogadores se desentenderam, retirando-se todos, com exceção de Carlos Alberto. Hugo Vari, ainda irritado, sacou de uma pequena faca e investiu contra Carlos Alberto, que se atracou com o negociante e o estrangulou. Antes de tombar, a vítima conseguiu ainda dar um golpe no criminoso, que foi atingido no pescoço.

"Certo de que o negociante estava morto — concluiu Carlos Alberto à Polícia — fugi para São Paulo, roubando-lhe, antes, 3.600 cruzeiros".

A mil metros por segundo:

PÓLVORA SÊCA LANÇA O BRASIL NA CONQUISTA DO ESPAÇO

Só cinco jornais abriram manchete para os dois foguetes que o Exército lançou na quinta-feira:

Jornal do Brasil: "Lançado foguete supersônico (brasileiro) 114";

Imprensa Popular: "Exército lançou com êxito dois foguetes brasileiros";

O Jornal: "O Brasil na corrida dos teleguiados"

O Globo: "Foguetes supersônicos do Exército lançados ontem a uma distância de 30 kms.";

A Noite: "Brasil na Era dos Foguetes".

Os outros jornais noticiaram o lançamento, menos o Correio da Manhã e a Luta Democrática. As outras manchetes:

Diário Carioca: "Diplomáticas, não; comerciais, talvez".

Diário de Notícias: "Tem êxito completo a reunião da NATO".

"Correio da Manhã": "União para a defesa das liberdades e dos povos".

Luta Democrática: "Conflito em meio à escuridão numa sala com 800 homens".

O Dia: "Conflito e morte".

Tribuna da Imprensa: "Governo desvia 1 bilhão para Brasília".

Última Hora: "Governo fixa posição, comércio com todo o mundo!".

Diário da Noite: "Prêso no Rio, hoje de manhã, Otoci Ketzler!"

A Notícia: "Filas colossais às portas das escolas".

A uma velocidade de 700 metros por segundo foi lançado o primeiro (e o segundo) foguete supersônico brasileiro, oficialmente chamado "L-114" e popularmente conhecido como o "Sputbrás".

"Pelo amor de Deus não façam confusões, tentando estabelecer comparações entre os nossos foguetes e os "Sputniks", "Vanguards", "Júpiteres" e outros", — disse o general Rodrigo José Maurício, diretor da Escola Técnica do Exército (onde foi construído o foguete).

Pelo cálculo dos oficiais e dos técnicos, o "L-114" deve ter caído em alto-mar, enquanto a primeira fase caía perto da Ilha Rasa. Distância (aproximada): 30 quilômetros. Altura (máxima) que deve ter atingido: 6 quilômetros.

x x x

O "L-114" tem 3 metros de comprimento por 30 centímetros de largura. Em duas seções, é uma miniatura do "Atlas" americano. A ogiva é azul e afunilada (e aí fica a carga explosiva, que não foi colocada na primeira ou na segunda experiência); o segundo estágio é verde e o primeiro é amarelo.

Compressão inicial: 2.000 mil toneladas na primeira seção e 1.500 na segunda. Ainda de acordo com dados técnicos, a velocidade inicial atinge "MAC 2" e na segunda etapa chega a "MAC 3". Isto quer dizer que o "L-114" voa mais rápido que o som.

Sistema de projeção: a jato, com pólvora fabricada pela Fábrica Presidente Vargas, em Piquete. Na composição da pólvora é que está o segredo do sucesso do lançamento.

Construtores: alunos da Escola Técnica do Exército, com material e estudos inteiramente brasileiros. O único estran-

ANO XXXIII — Rio de Janeiro, sexta-feira, 26 de dezembro de 1957 — Nº 9793

O GLOBO
FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

A NOITE

Foguetes Supersônicos do Exército Lançados Ontem a Uma Distância de 30 km
Em 24 horas foram realizadas duas experiências com foguetes de duplo estágio, inteiramente planejados e fabricados por alunos da Escola Técnica do Exército, pela primeira vez na América do Sul — O EMFA estudará o emprego técnico dos novos projetos (3).

Brasil na Era Dos Foguetes

O JORNAL

Brasil na corrida dos teleguiados

JORNAL DO BRASIL

Lançado foguete supersônico (brasileiro) "114"



geiro a participar da construção foi o engenheiro holandês François L. K. Neits (ex-técnico dos laboratórios da V-2 na Alemanha). Sua participação foi na construção da válvula de explosão que provoca a combustão da pólvora do segundo estágio.

O homem tido como principal idealizador do "L-114" é o coronel Manoel dos Santos Lage e os oficiais apontados como cabeças na construção do "Sputbrás" são os irmãos Maurício (Aunir e Olmir), Celso Franco, Nilton Ferreira e Jorge Pereira, todos maiores.

x x x

Autoridades militares consideram o lançamento importantíssimo, muito embora o general Rodrigo José Maurício tenha afirmado que "a experiência foi de rotina". Motivo: o foguete dá ao Brasil a liderança no campo (moderno) dos projéteis balísticos na América Latina.

Essas mesmas autoridades, no entanto, mostram-se aborrecidas por dois motivos:

1. Jornalistas furaram a barreira de silêncio que vinha sendo mantida em torno da experiência. A tal ponto que o teste da manhã de quinta-feira foi amplamente noticiado e a experiência da noite do mesmo dia quase teve de ser adiada por causa da afluência de repórteres.

2. Porque esses mesmos jornalistas "fizeram muito estardalhaço, exagerando o tom do noticiário". Dizem as autoridades militares que "têm acontecido coisas mais importantes (para as quais jornalistas têm sido convidados ou não), sem que se fizesse tanto escândalo".

O general Rodrigo José Maurício é o mais preocupado. Diz ele:

"As circunstâncias de momento deram ao nosso foguete uma projeção justa mas

que ele não teria normalmente. E' preciso que se saiba que o "L-114" não se trata de um teleguiado e sim de um projétil balístico, de dois estágios, de estudos elementares".

A diferença:

a) entre um foguete e um projétil de artilharia;

b) entre o foguete e o teleguiado:

a) é que o foguete tem a força propulsora em si mesmo, enquanto o projétil é detoda por espoleta. Vantagem para o foguete, que alcança distâncias maiores e muito maior altitude;

b) é que o teleguiado tem em seu bojo um aparelho para determinar sua direção (que pode ser alterada em pleno vôo), enquanto que o foguete é lançado (como o projétil de artilharia) num rumo determinado. Vantagem para o teleguiado, de muito maior mobilidade.

x x x

O primeiro lançamento (teste) aconteceu na manhã de quinta-feira, dia 19, na praia particular do Gávea Golf Club. Só oficiais da Escola Técnica assistiram. Resultado: sucesso.

A prova oficial (segundo lançamento) também seria assistida somente por oficiais do Exército. Mas a notícia da primeira experiência já circulara e os jornalistas forçaram um pouco, pleiteando assistir a experiência, marcada para as 20 horas.

Às 21,15, exatamente, comandado à distância, o "L-114" disparou de sua base metálica sobre rodas, num barranco de areia na praia de São Conrado, fazendo um clarão muito forte, amarelado. Quase não se viu o foguete, que saiu a 700

metros por segundo. Menos de 18 segundos depois, a 12 quilômetros de distância (sobre a Ilha Rasa) caiu o primeiro estágio, enquanto o segundo partia a 1.000 metros por segundo. Mais 18 segundos e o foguete caía em alto-mar, a 30 quilômetros (calculadamente) do ponto de lançamento.

O barulho: igual ao de três ou quatro aviões quadrimotores esquentando os motores ao mesmo tempo.

O resultado: Às 21.16 palmas e vivas movimentaram cinegrafistas, fotógrafos, repórteres, oficiais, soldados, mulheres e crianças que assistiram ao lançamento.

Satisfeito, o general ainda foi observar a base de lançamento (metálica, com cinco metros de altura), que estava intacta. (Essa base é desmontável e muito simples. A instalação elétrica também é muito simples: um fio coberto, ligado a uma bateria.

No dia seguinte, à noite, a base ainda estava na praia, desguarnecida).

Primeiras anedotas que correram a cidade, assim que noticiaram o lançamento do foguete:

1. — Você viu o foguete brasileiro em duas seções?

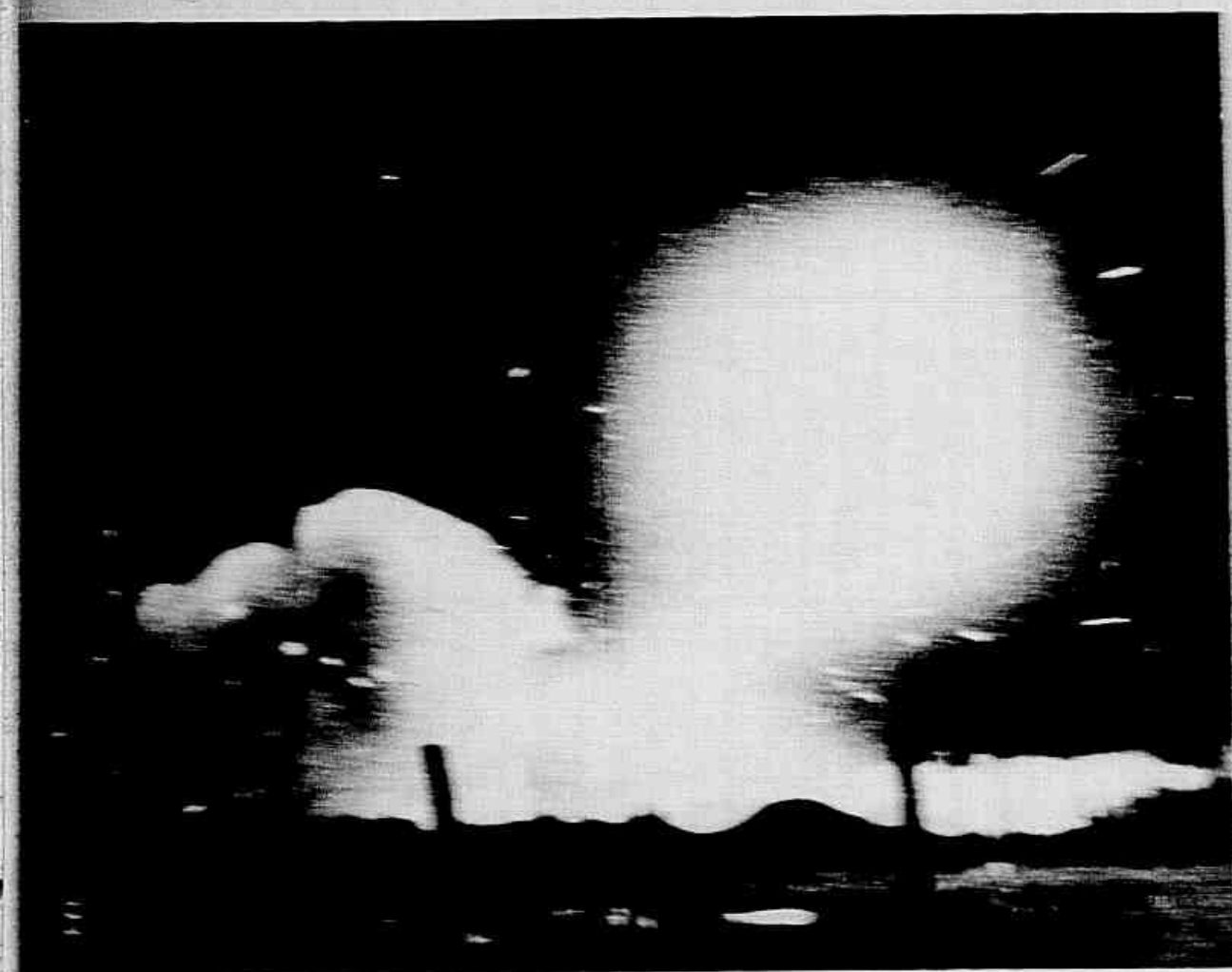
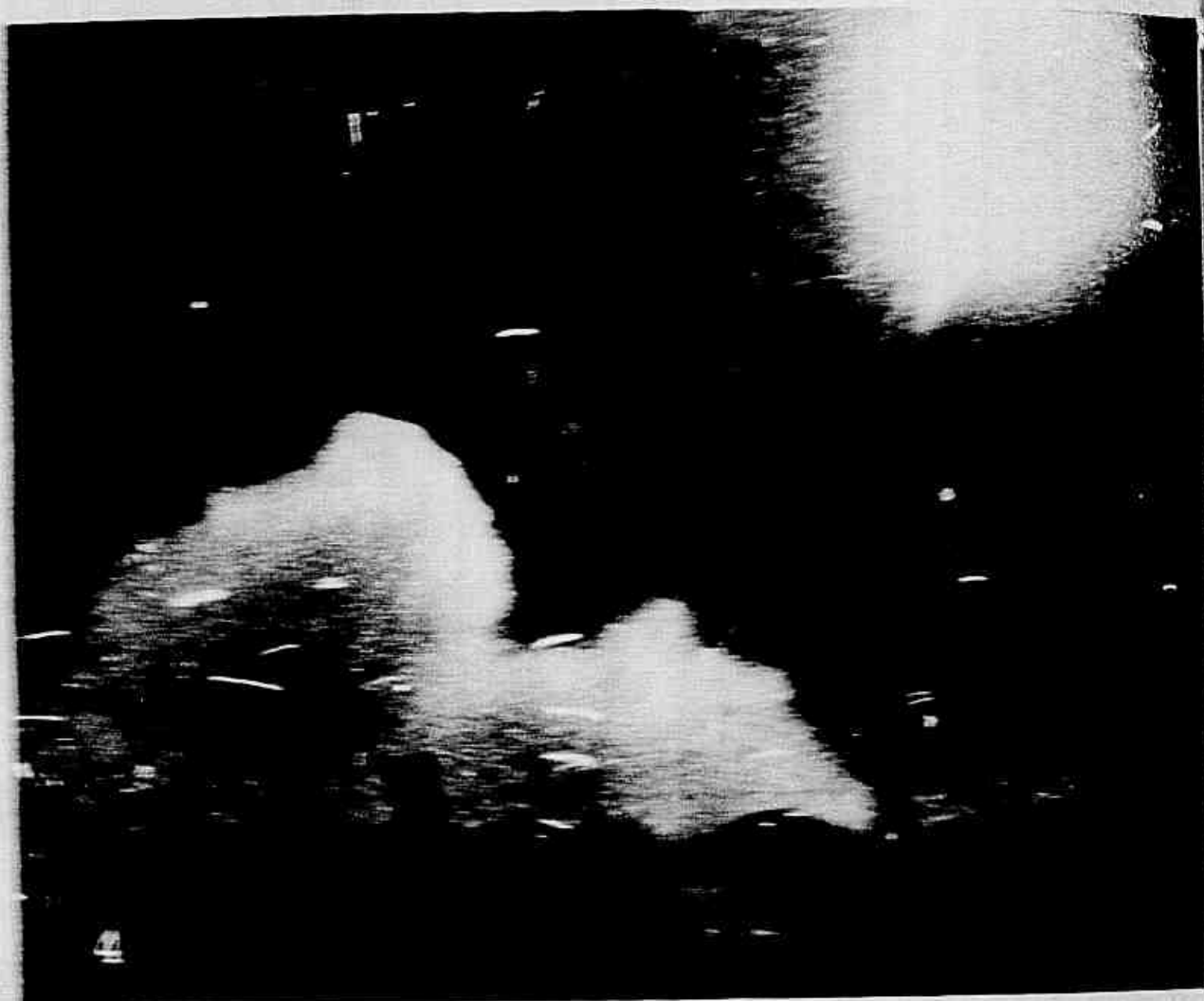
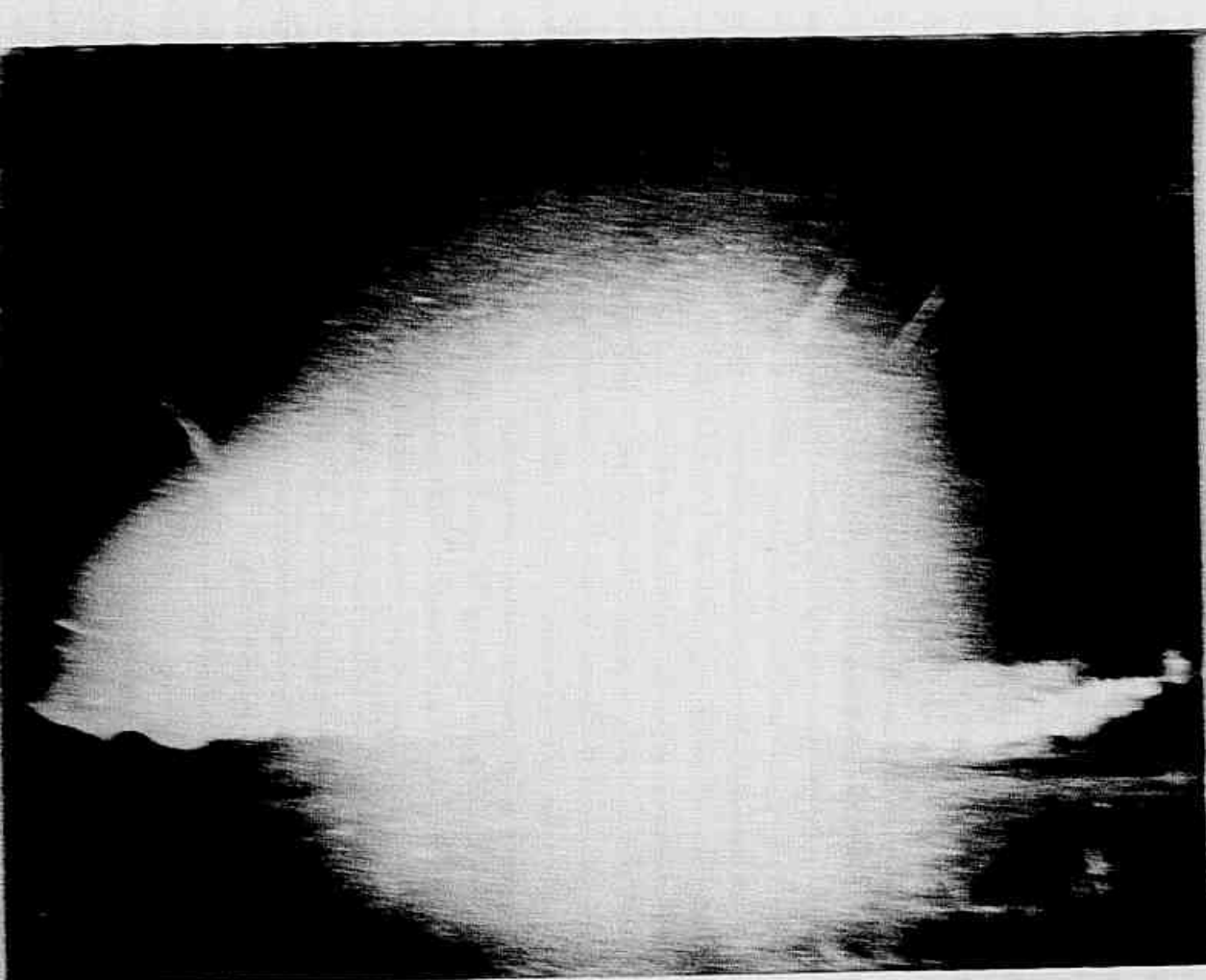
— Não. Vi só na primeira. Não tinha desenho animado.

2. Telegrama do Ministro da Marinha ao Ministro da Guerra:

"Parabéns foguete pt Quantos tiros?

3. Nas mesmas condições do Exército americano, o brasileiro entregou a construção do seu foguete a uma indústria civil: Fogos Caramuru.

Primeiros apelidos: "Sputbrás", "Sputchek", "Ferdinando". (Ferdinando Buscapé).



EXCLUSIVO

ASSIM SERÁ o "T-112". No fim de próximo ano os técnicos do Exército esperam ter construído um foguete irregular, em três fases, que atingirá 100 quilômetros. No momento o "T" vai ser experimentado na Maranduba, com carga de incêndio. As autoridades militares da Escola Técnica do Exército dizem que "a imprensa fez um conto de fadas" de lançamento e que "não vai tudo errado", além de ser "dado demasiada importância a um simples foguete". Mas não querem atender os repórteres que vão ao serviço de Notícias Públicas pedir a justa medida dos acontecimentos. O general Maurício — que é o mais abertado com os acontecimentos — disse de estante que "serão o começo das irregularidades e dos sucessos".



ESSAS EXPRESSÕES do Presidente Eisenhower foram registradas durante o discurso que fez na abertura da reunião da OTAN, quando disse: "Estou aqui para continuar o trabalho da OTAN por uma paz justa".

INTERNACIONAL

1. "PARA DETER a expansão comunista na Europa" a OTAN foi fundada a 4 de abril de 1949, amparada no poderio bélico dos Estados Unidos, os únicos ocidentais que então possuíam a bomba atômica e a de hidrogênio.

2. TRANSFORMOU-SE a OTAN em verdadeira muralha econômica (Plano Marshall) e militar (bases americanas na Europa) de defesa contra "os possíveis ataques soviéticos".

3. SE O NÚMERO DE deputados comunistas na França e na Itália diminuiu desde 1949, a massa eleitoral comunista permaneceu a mesma, tendo as reformas eleitorais se encarregado de ajudar a OTAN no terreno político, afastando as maioria comunistas nos regimes parlamentaristas.

4. PAUL-HENRI SPAAK, secretário-geral da OTAN, disse que "os dois Sputniks despertaram novamente o alarma de uma maioria comunista e uma nova experiência começa, obrigando os associados do Atlântico a transformarem a sua aliança de 1949 numa comunidade, embora, como disse Macmillan na Câmara dos Comuns, conservando-se os limites de soberania a cada país".

5. A OTAN COMPORTA duas engrenagens essenciais: o Conselho Permanente dos Embaixadores e a Administração do Pacto, formada por funcionários internacionais.

6. O CONSELHO dos Embaixadores se reúne sempre que surge um problema que afeta os interesses da Aliança ou de um dos seus membros. Duas vezes por ano, o Conselho dos Embaixadores deve ceder sua mesa ao Conselho dos Ministros do Exterior dos países atlânticos, de que é o órgão permanente executivo. Na administração do Pacto há uma divisão

de assuntos políticos, dirigida pelo político italiano (de direita) Aubrey Casardi, uma divisão da produção, chefiada pelo norte-americano J. Murray Mitchel e uma divisão econômica e financeira, sob a orientação do francês Didier Gregh.

7. EM LIGAÇÃO com o Conselho Permanente da Administração existe um grande número de comitês encarregados de várias questões: orçamentos militares e civis, transportes oceânicos, transportes interiores europeus, exames anuais da situação nos diversos países-membros, relações culturais e organização civil em tempo de guerra. O dispositivo de segurança militar cobre todas as partes do mundo atlântico, desde o Cabo Norte à África do Norte, do Atlântico e do Canal da Mancha à fronteira oriental da Turquia, do Ártico ao Trópico de Câncer, das águas territoriais da América do Norte até às costas da Europa e da África.

8. TODOS OS DEPARTAMENTOS da OTAN são controlados pelo Comitê Militar da Aliança do Atlântico, que se compõem de um dos chefes do Estado-Maior de cada país membro e que depende, politicamente, do Conselho de Ministros da OTAN. O Comitê Militar dirige os diversos organismos executivos da defesa atlântica: "Supreme Headquarters Allied Powers in Europe" (SHAPE) é o principal, sendo seu comandante-geral o general americano Norstad, cuja caserna é em Saint Germain-en-Laye, nos arredores de Paris.

9. A ÚLTIMA conferência da OTAN visou dar maior poderio bélico ao SHAPE, munindo-o de armamentos modernos capazes de neutralizar, em caso de guerra, as novas e poderosas armas soviéticas (foguetes intercontinentais). Mas os dados do problema europeu em relação aos Estados Unidos são bem diferentes dos de 1949. Os 14 demais membros da OTAN desejam ficar, cada um, com o controle do botão que dará partida aos foguetes de alcance médio americanos. Daí porque houve divergências na reunião da OTAN, que não teve o sucesso esperado.

10. EM CASO de guerra os Estados Unidos não ficarão fora do raio de ação das bombas atômicas e de hidrogênio. E mais: os seus foguetes de alcance médio só poderão atingir território soviético se disparados das bases européias.

ENGANARAM-SE OS QUE aguardavam resultados espetaculares da reunião do Soviet Supremo realizada em Moscou nos últimos dias da semana passada.

Desta vez, o Soviet limitou-se — apenas — a tratar de assuntos "pacíficos", lançando poderosa ofensiva de propaganda, e o fez com a superioridade de quem tem dois Sputniks dando voltas à terra.

De fato, a reunião foi convocada exatamente na época em que se realizava em Paris a reunião da OTAN, a fim de neutralizar o efeito do encontro dos 15 países ocidentais. Como não havia melhor oportunidade para uma campanha "pró-paz", os soviéticos se reuniram na antiga Sala do Trono do Czar para mostrar ao Ocidente que, mesmo munidos de Sput-

niks e de outras armas secretas cuja existência foi repetidamente anunciada pelo marechal Rodion Malinowski, eles não fazem outra coisa, senão sonhar com a paz mundial e o bem-estar de todos os povos.

Para salvaguardar a paz mundial, o Soviet Supremo sugeriu as seguintes medidas:

1. que as potências que dispõem de armas atômicas e termonucleares renunciem imediatamente ao emprego destas armas;

2. que a Rússia, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha se comprometam, a partir de 1.º de janeiro de 1958, a suspender todas as experiências de bombas "A" e "H";

3. um acordo entre as grandes potências estipulando que renunciem a colocar seja qual for o tipo de armas nucleares em território da Alemanha Ocidental e Oriental, renunciando, ao mesmo tempo ao armazenamento de armas nucleares na Alemanha e concordem com a proposta da Polônia, Tchecoslováquia e Alemanha Oriental: criação de uma zona desarmada, formada pelo território desses países;

4. redução dos efetivos das forças armadas;

5. que se conclua um acordo de não-agressão entre a OTAN e o Pacto de Varsóvia;

6. que intervenha um acordo para que se não empreenda nenhuma medida violando a independência dos países do Oriente Médio e Oriente Próximo, e que não será utilizada a força nessa parte do mundo;

7. que se ponha fim a "propaganda de guerra e que sejam desenvolvidas as relações internacionais, as trocas comerciais e culturais.

Se subtermos os 7 pontos do Soviet a uma análise fria e objetiva, não será difícil constatar que os soviéticos redigiram suas propostas de tal modo, que a política "pró-paz" seja apresentada da melhor maneira possível, enquanto as potências ocidentais aparecem como agitadores e propagandistas de uma nova guerra mundial.

* FONTES NORTE-AMERICANAS nunciam que teria fracassado o lançamento do Sputnik III. Enquanto isto, os russos se preparam para erguer um monumento em homenagem ao Sputnik I, cujo fim foi previsto para abril de 1958.

* OS ESTADOS UNIDOS empenham todos os seus esforços para lançar o satélite norte-americano ainda na primeira semana do mês de janeiro.

SOCIEDADE

Lady Maxwell informa:

TERESA SOUZA CAMPOS é a grande surpresa na lista das 10 mais elegantes do sr. Ibrahim Sued. Ela não está na lista deste ano. Teresa era veterana entre as 10 mais. A esperança da família está agora no sr. Didu de Souza Campos, que formava com Teresa o "casal 20".



Parte do refeitório da Escola, durante o lanche que se seguiu à entrega de prêmios.

Na Escola Jockey Club Brasileiro

UMA ENCANTADORA FESTA DE FIM DE ANO

O Templo paroquial da Gávea ficou cheio durante a missa e a comunhão das crianças. Setenta e três crianças fizeram a Pri-



CONSIDERADA A MELHOR escola primária do Brasil, a Escola Jockey Club Brasileiro (Rio) encerrou o ano letivo de 1957 celebrando missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e entregando no moderno auditório da escola diplomas, medalhas e presentes aos alunos que mais se distinguiram. Crianças e seus pais e convidados confundiram-se em ambiente festivo. O Jockey Club Brasileiro educa, alimenta, veste, calça e cuida da saúde de suas crianças. À mesa que entregou os prêmios as crianças estavam o sr. Mário de Azevedo Ribeiro (presidente do Jockey Club Brasileiro), o dr. Darci Monteiro, Secretário de Saúde, os srs. Álvaro Carijó, Paulo Burlamaqui de Mello e Jorge Ribeiro, além das diretoras da Escola.

Depois de ter sido servida u'a mesa de salgados, doces e bebidas finas, os presentes visitaram as salas de aula enfeitadas por trabalhos dos alunos. Encerrando a festividade, as crianças representaram números artísticos variados no auditório. Entre os alunos que mais se destacaram em 1957 na Escola Jockey Club Brasileiro figuraram: Valcir Gomes Pereira, Regina Celi Soares de Azevedo, Sheila Cataldo Costa, Aderci Castro, Sandra Maria Profice, Eliana Rebello Horta, Amarilis Martins Cura, Roberval Pereira Filho, Regina Helena Fontoura, Luiz Carlos Pereira, Marco Antônio Cabral Dias, Paulo Roberto da Silva, Renato Barbosa Paternostro, Paulo Roberto de Carvalho, Iório e Maria Inês da Conceição, Luiz Guilherme Rebello Horta, Carlos Alberto da Silva Itrilo, José Francisco Júnior, José Carlos Dimas Concordido, Daniel Cummings, Lucia de Oliveira Santos, Gonçalves Feijó Júnior, Sandra Amorim, Paulo Roberto de Barros, Luiz Jorge da Conceição, Isaura Maria de Souza Moreira, Francisco Affonso do Valle Figueiredo e Regina Maria Ferreira.



O presidente do Jockey Club, dr. Mário de Azevedo Ribeiro, entrega um prêmio especial ao aluno que maior número de livros da biblioteca leu durante o ano; à direita, uma aluna premiada recebe os cumprimentos do dr. Darci Monteiro, secretário de Saúde da Prefeitura.



O sr. Alvaro de Moura Carijó, diretor do Jockey, entrega o prêmio que esta menina mereceu; à direita, o dr. Paulo Burlamaqui de Mello, supervisor da Escola, coloca numa aluna a medalha de distinção.

meira Comunhão, dando início às festas de encerramento do ano letivo na Escola que é um alto padrão de organização e eficiência.



PELOS C O BOAF



Garrincha sumiu entre os braços de seus companheiros após fazer o 5.º gol. Quarentinha (à direita) abraçou-o sozinho.



Garrincha (de costas, à esquerda) marcou o 5.º gol do Botafogo. Paulinho (grito) pediu o gol, mas Garrincha não lhe deu a bola.

EM 1910 O BOTAFOGO venceu o Fluminense por 6 a 1 e foi campeão. No dia 22 de dezembro de 1946 o Fluminense venceu o Botafogo por 1 a 0 e foi super-campeão.

No dia 22 de dezembro de 1957 o Botafogo voltou a decidir o título com o Fluminense, nas mesmas condições que em 46: com um ponto de vantagem. Resultado: 6 a 2.

Além de ser Campeão o Botafogo conseguiu, com esse resultado, fazer o artilheiro do campeonato (Paulinho que estava quatro gols atrás de Dida e fez cinco sobre Castilho); ser o ataque mais positivo de 1957 e a defesa menos vazada.

Detalhes: a torcida do Flamengo torceu para o Botafogo e centenas de carros, "peruas" e ônibus vieram de Minas com torcedores do Atlético (alvi-negro), que fizeram um carnaval em General Severiano com Paulinho. Os gols, pela ordem: Paulinho, Paulinho, Paulinho (de bicicleta), Escurinho, Paulinho, Garrincha, Paulinho e Valdo.



Linha avançada permitida para os fotógrafos do gol do Botafogo

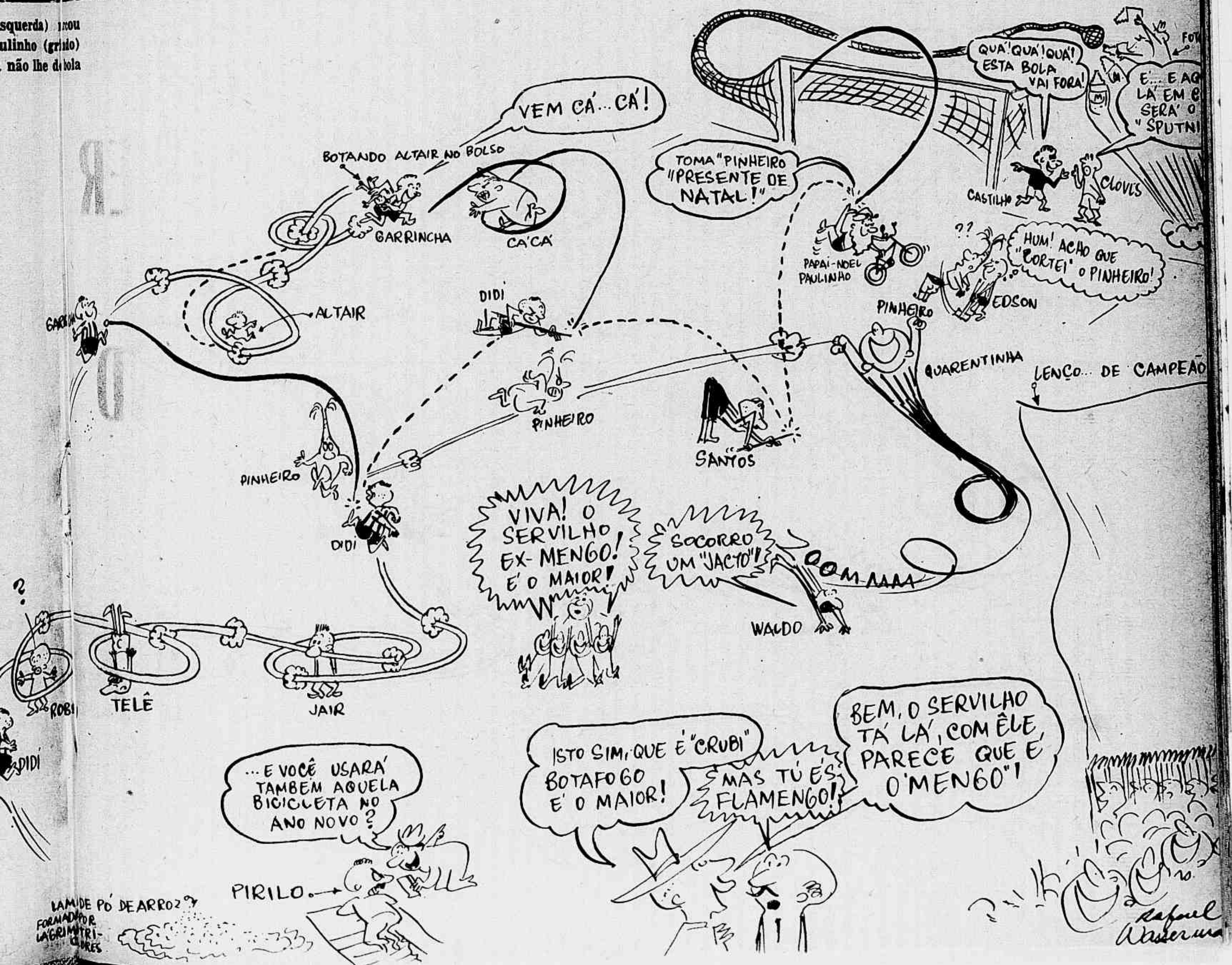


LAMIDE PO FORMADORA LAGRIMOTRI-LORES

OS CINCO GOLS DE PAULINHO O BOTAFOGO PAGOU CR\$ 1 MILHÃO



(esquerda) Paulinho (grito)
não lhe dá bola



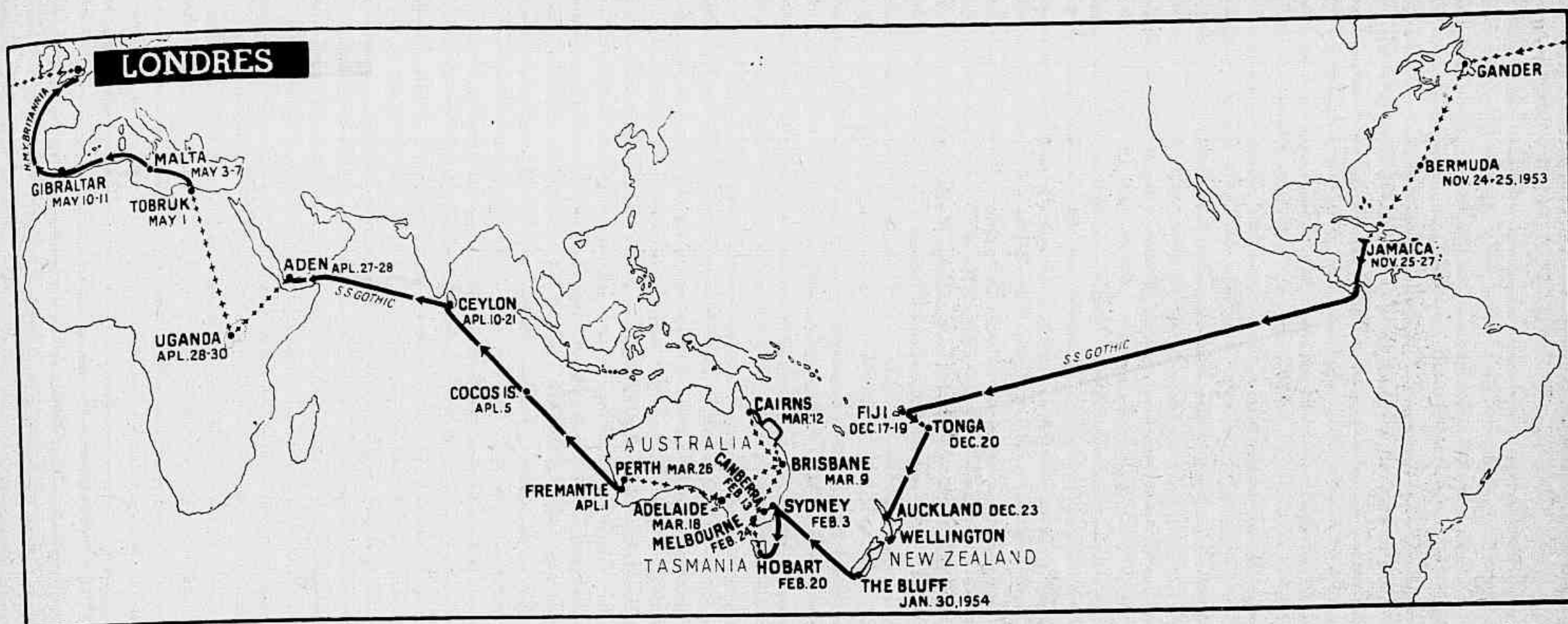
EXTRA



MARGARET
VAI MESMO
CASAR
COM PETER
TOWNSEND



1961
1961
1961



Tentando esquecer Peter Townsend, Margaret fez uma viagem pelos países da Comunidade Britânica, seguindo o roteiro do mapa de cima. Esta viagem foi logo em seguida às primeiras notícias de que a Família Real desaprovava o romance. Peter ficou em Bruxelas.

Tentando esquecer Margaret Rose, Peter está fazendo uma viagem de jipe pelo mundo, seguindo o roteiro do mapa ao lado. Esta viagem começou logo em seguida ao rompimento (oficial) entre os dois. Margaret está em Londres.



QUANDO A INGLATERRA soube que Margaret passou o fim-de-semana na casa de campo onde ela e Peter Townsend passaram os dias que antecederam à nota que emocionou o mundo inteiro (comunicando que razões de Estado impediam o casamento), o assunto voltou às primeiras páginas dos jornais.

Quando os jornais disseram que pela primeira vez Margaret Rose deixara de comparecer à festa dos empregados do Palácio de Buckingham e que não aparecera no casamento de uma prima, no Castelo de Windsor, o assunto voltou a valer capa de revista na França.

Quando as revistas francesas disseram que a Princesa e a Rainha estavam brigadas pelo fato de Margaret preferir a Vila Uckfield (casa de campo de seus amigos Lady e Lord Neville que Townsend frequentou muito para namorar Margaret) ao Palácio de Buckingham, o assunto chegou a todas as partes do mundo, muito embora os círculos palacianos tenham desmentido a notícia.

X X X

QUANDO 32 ASTRÓLOGOS (importantes) fizeram suas previsões para 1958 na Europa, esta semana, 21 garantiram que a princesa Margaret vai se casar, 13 disseram mais: com Peter Townsend.

Os 12 restantes estão divididos: 7 dizem que ela não casa mais; 3 afirmam que ela vai demorar muito a casar; e 2 garantem que ela casa, mas em 1959.

O que talvez seja mais importante em matéria de estatística é que todos os 11 astrólogos ingleses palpitaram pelo casamento e 10 deles apontando como noivo o cel. Peter Townsend. (O 11.º não apresentou candidato).

Muita gente que não acredita em astrologia mas crê na matemática — e nas estatísticas — vê nesses números um indício

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo. Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON n° 1 e quando for, ao contrário, demasiado volumoso, use BEL-HORMON n° 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Nogueira Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON.

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50



EU SEI TUDO

A VENDA EM TODOS OS JORNALEIROS CR\$ 10,00

MARGARET

muito forte de que Margaret está mesmo a caminho do casamento, e com Townsend.

E' preciso dizer ainda que outras estatísticas já foram feitas (sem consulta aos astros) e os números indicam o seguinte: 68% dos ingleses receberia a notícia do casamento de Margaret com Townsend "bem".

24% acha que "eles não deveriam se casar" mas "não desaprovaram o casamento".

4% "não pensou na possibilidade".

Os 4% restantes são "contra por vários motivos".

Mas, o que talvez preocupe Elizabeth — a irmã de Margaret e a Rainha — é um dado importante do problema, que está assim, em números:

42% dos súditos de Sua Majestade diz que "o casamento (com Townsend, especificamente) comprometeria o prestígio da Família Real".

Deixando de lado os números (e as apostas), observadores da Córte informam que "de fato há ainda uma grande possibilidade de que tal casamento venha a acontecer". E apontam os motivos:

1. Não resta a menor dúvida de que os dois se amam.

2. Na mensagem que anunciou a "impossibilidade de um casamento" o amor dos dois está declarado, e ficou bem claro que era um sacrifício o que Margaret estava fazendo.

3. Quando houve a primeira oposição ao amor dos dois, Margaret fez uma longa viagem para esquecer — e não esqueceu.

4. Depois do rompimento público foi a vez de Peter Townsend viajar pelo mundo. E' muito provável que ele também não tenha esquecido, uma vez que não houve rompimento completo. (Eles trocaram cartas).

5. Margaret, desde que Peter está viajando, retirou-se da Córte propriamente dita, freqüentando o menos possível as cerimônias oficiais.

6. Nos últimos dois meses — ostensivamente — passou a evitar por completo aparecer como princesa, inclusive deixando de ir a lugares e solenidades a que não poderia faltar sob pena de quebrar o protocolo.

7. Voltou a freqüentar os lugares onde costumava encontrar-se com Peter.

8. Tem recusado, sistematicamente, companhias masculinas que possam ser apontadas como "candidatos".

9. Tornou-se melancólica, deixando de participar das festas de gente moça que eram o seu divertimento predileto.

10. Recusou-se a falar pelo rádio e pela televisão como princesa, nessa época de festas.

Os mesmos observadores dizem que Margaret tornou-se "extremamente fria e protocolar" nas suas relações com a irmã e garantem que ela "já se arrependeu do sacrifício que fez".

Margaret parece ter "o mesmo espírito de seu tio, o homem que não quis ser Rei" e talvez raciocine da seguinte maneira: "Ele, que era Rei, deixou o trono pela mulher que amava. Eu sou mulher, não estou e nem espero estar diretamente sujeita a sentar-me no trono e também amo. Não é possível que ele não tenha comprometido a Família Real e que eu comprometa".

Se ela não raciocina assim, milhares de ingleses (e cidadãos de outros países) raciocinam. E escrevem isso, em cartas que ainda chegam — até hoje — no Palácio de Buckingham.

Para terminar: Peter Townsend mudou o mote do seu sinete, que passou a ser: "Toujours fidèle".

HOLLYWOOD SEXSACIONAL:

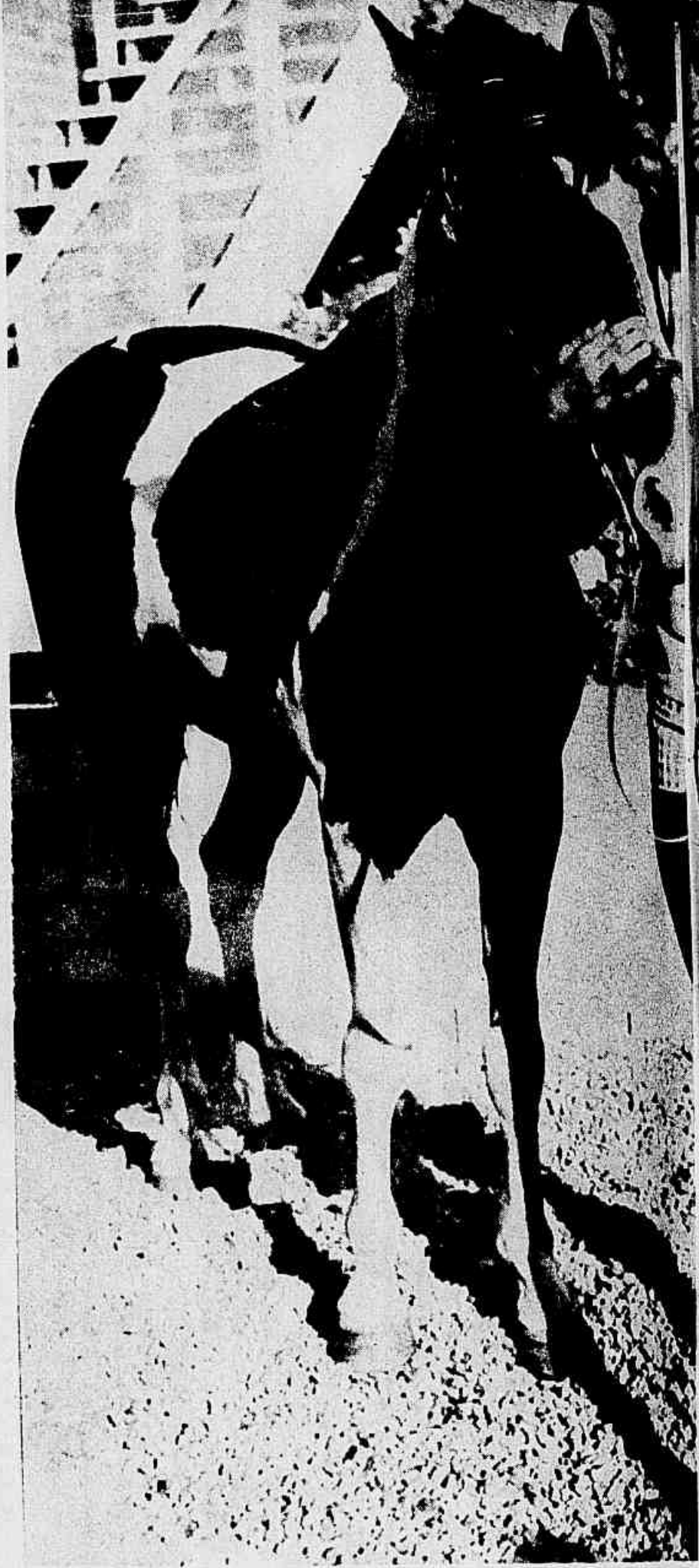


Jayne Mansfield: "Em busca de um homem"

JAYNE MANSFIELD



Com Marilyn em plena fase de "atriz de talento", Jayne assumiu o trono do erotismo na Fox.



Entre um filme e outro, Jayne se faz esportiva Califórnia.

"SAÍ DO CINEMA com pena dessa moça. Deve ser muito penoso equilibrar tal volume de tronco, principalmente de busto, sobre pernas relativamente tão frágeis e em sapatos altos!" A declaração é de um crítico inglês ao ver pela primeira vez Jayne Mansfield em "Sabes o que quero" ("The Girl Can't Help It").

Esse é o tipo de comentário que não faz o menor efeito sobre a estrela sexsacional da 20th Century-Fox. Muito consciente de sua plástica "exuberante" (para usar uma expressão polida), dela procura tirar o melhor proveito possível. Sabe que seu produto é extremamente apreciado pela platéia masculina americana, desde a memorável luta de oito anos com a censura de Hollywood, vencida pelo produtor Howard Hughes, responsável pelo lançamento de Jane Russell no "western" "O Proscrito". E que o público internacional não é insensível a tais generosidades da Natureza, prova-o o sucesso do neo-erotismo italiano, com Lollobrigida, Pampanini, Loren.

Assim, Jayne não hesita em fazer à imprensa "confidências" como essa: "Mickey (NR: Mickey Hargitay, seu acompanhante persistente, ex-Mister Universo) tem um metro e 30 de expansão torácica. Eu tenho cerca de um metro. E ambos temos braços curtos. É uma dificuldade quando queremos dançar!".

Jayne foi batizada Vera Jayne. Casou-se aos 16 anos com o jornalista Paul Mansfield. Em 1956 divorciou-se de Paul, mas conservou o Mansfield e a filha Jayne Marie (seis anos). Depois seu paladar oscilou entre tipos tão diversos quanto o advogado Greg Bautzer (hoje marido de Dana Wynter), o sofisticado Oleg Cassini ("ex" de Gene Tierney), Steve Cochran,

galãs igualmente necessitados de publicidade, como Race Gentry e Lance Fuller, o aviador Robby Robertson (que casou com Linda Darnell, etc. Mas o galã constante dos últimos tempos é Mickey Hargitay. E os observadores da vida íntima de Hollywood prevêem que a coincidência (intencionalmente procurada) entre a trajetória de Jayne e a de Marilyn Monroe prosseguirá em casamento com Hargitay — o Joe DiMaggio de Jayne. (Marilyn também casou pela primeira vez aos 16 anos).

Após a retração de Marilyn, que começou recusando o papel de "Como Usar as Curvas" ("How to be very, very popular"), a Fox recorreu a Sheree North, loura bem vista nos musicais da Broadway. Mas Sheree não pegou. Boa intérprete de musicais, porém sem um centésimo do talento de Marilyn, já foi relegada a produções classe "B", como "Herança de um Forçado" ("The Way to the Gold"). Marilyn, às voltas com divórcio, casamento, maternidade (frustrada) e com seu primeiro trabalho de atriz-produtora ("O Príncipe e a Corista"), continuava inacessível.

Quando a Fox foi buscá-la na Broadway, Jayne Mansfield já perdera duas oportunidades em Hollywood: (1) não conseguiu impressionar os produtores quando, sob contrato de 250 dólares por semana com a Warner, era utilizada somente para fotografias e "pontinhas" do tipo pernas-de-fora; (2) embora disposta a pagar 50 mil dólares por sua liberdade, não obteve rescisão de contrato com o produtor da peça "Will Success Spoil Rock Hunter?", e não pôde aceitar um dos papéis femininos do filme de Clark Gable "Este Homem é Meu" ("The King and Four Queens").



Tony Randall, revelação de "Os Noivos de Minha Noiva", apaixona Mansfield em "Em busca de um homem".

Groucho Marx aparece em uma cena-surpresa em "Em busca de um homem", com seu eterno charuto



e se bronzeia ao sol da

Jayne entrou decididamente na "linha" Marilyn Monroe com a peça de George Axelrod. O papel era uma paródia de M.M. E o diretor-escritor Frank Tashlin conservou-a nessa "linha" em seus dois primeiros filmes na Fox: "Sabes o que quero", com Tom Ewell e Edmond O'Brien; e "Em busca de um homem" ("Oh, For a Man!"), adaptação elogiadíssima da peça de Axelrod (o autor de "O Pecado Mora ao Lado"), com Tony Randall, Betsy Drake, Joan Blondell, John Williams e... Mickey Hargitay. A exuberância física de Jayne adaptou-se perfeitamente ao "estilo desenho animado", seguido por Tashlin em "Sabes o que quero". E' problemático em talento, mas talvez nenhuma outra atriz, com exceção de Marilyn, funcionasse tão bem no papel.

Em publicidade, Jayne também segue o caminho de Marilyn. Frequentou Lee Strasberg, o famoso diretor de "Actors' Studio". Não lê Dostoiévsky como M.M., mas declara-se fã de Shakespeare. Sentimentalmente, batizou de Hamlet e Ophelia seu casal de gatos. Mas Hamlet morreu e Ophelia desapareceu. Seu enorme cão dinamarquês se chama Lord Byron.

Em sua recente viagem pela Europa (Londres, Paris, Roma, Atenas) foi apresentada à Rainha Elizabeth em uma sessão cinematográfica de gala. Sua "fome de cultura" era tão grande que ao desembarcar em Roma quis visitar imediatamente o Partenon...

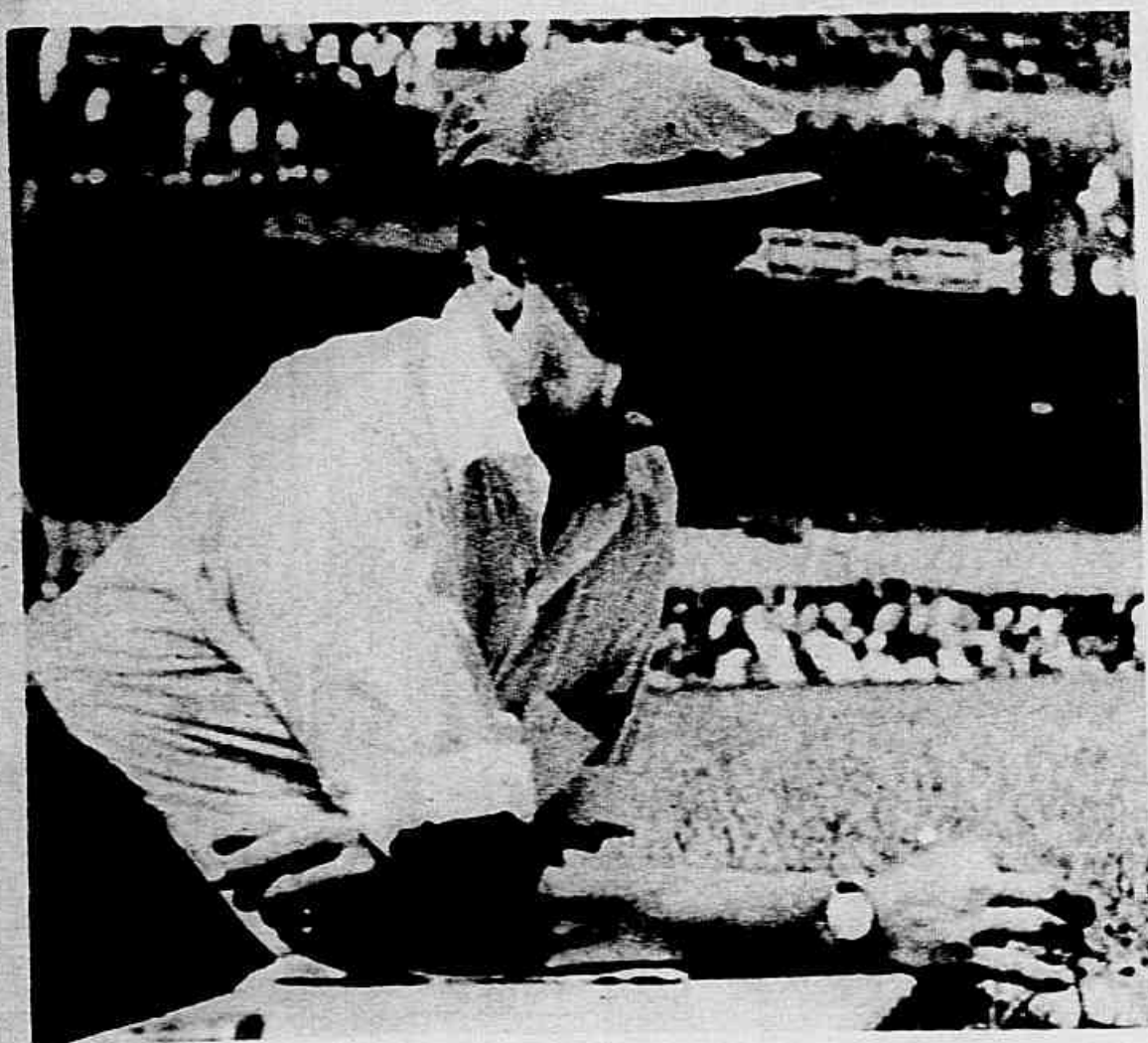
O último filme de Jayne é "O Beijo da Despedida" ("Kiss Them for Me"), comédia sob a direção de Stanley Donen, com Cary Grant e a nova descoberta da Fox, "Suzy Parker". Mas antes veremos "Em Busca de um Homem", que será um dos programas de abertura da temporada carioca de 1958.



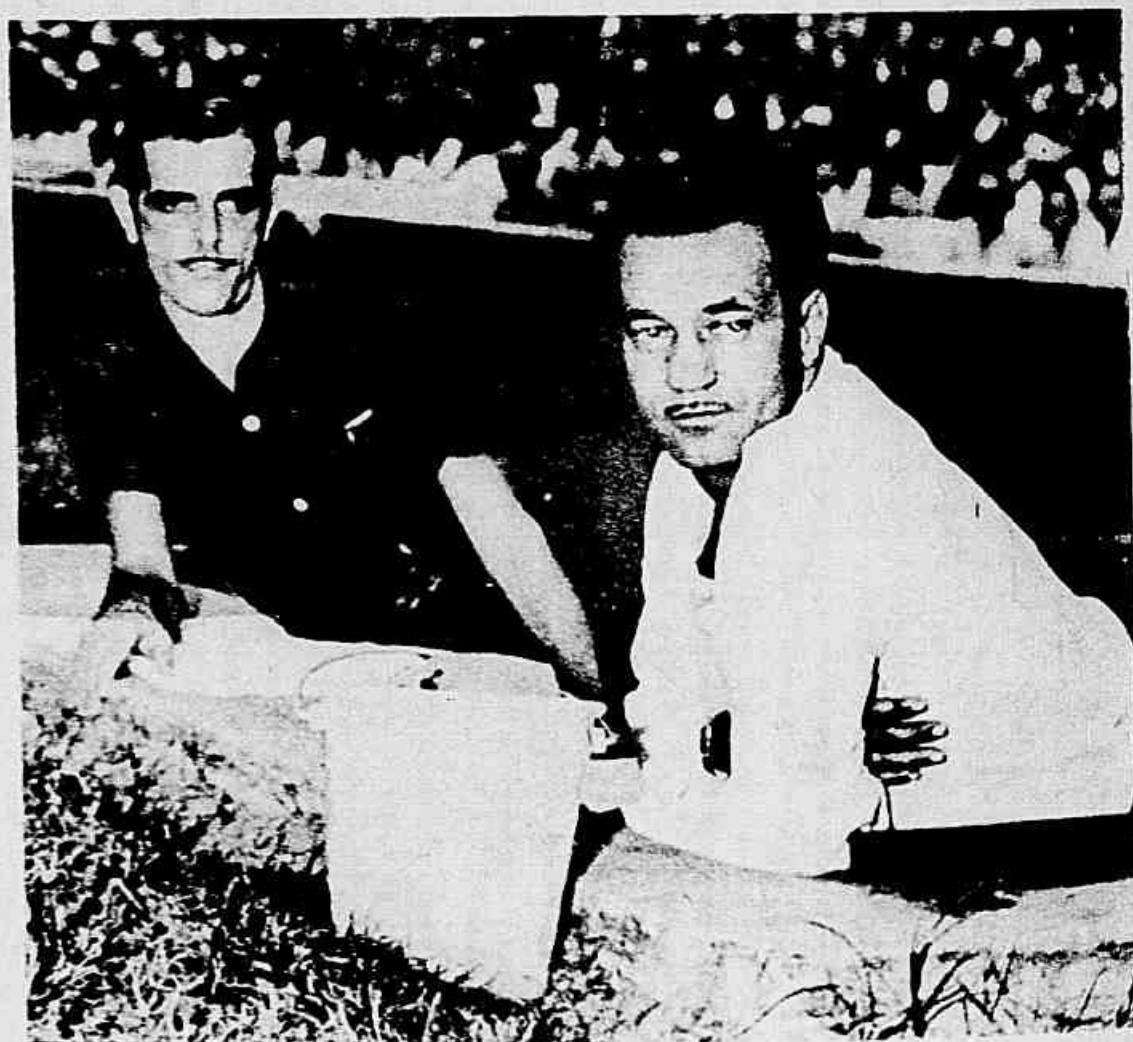
SALDANHA



PAULO AMARAL



ZOULO RABELO



PIRILO

QUANDO O TERCEIRO gol entrou, muito antes de acabar o primeiro tempo, apareceram os primeiros lenços brancos, dando adeus ao campeonato tricolor. E até um lençol apareceu. Faltavam dez minutos para acabar o jogo e já a torcida queria carregar o João Saldanha, o primeiro técnico amador a levantar um Campeonato Carioca de Profissionais. Mas para a Federação, o campeão não foi Saldanha. O técnico oficial (e diplomado) do Botafogo chama-se Paulo Amaral e assistiu o jogo lá das cadeiras.

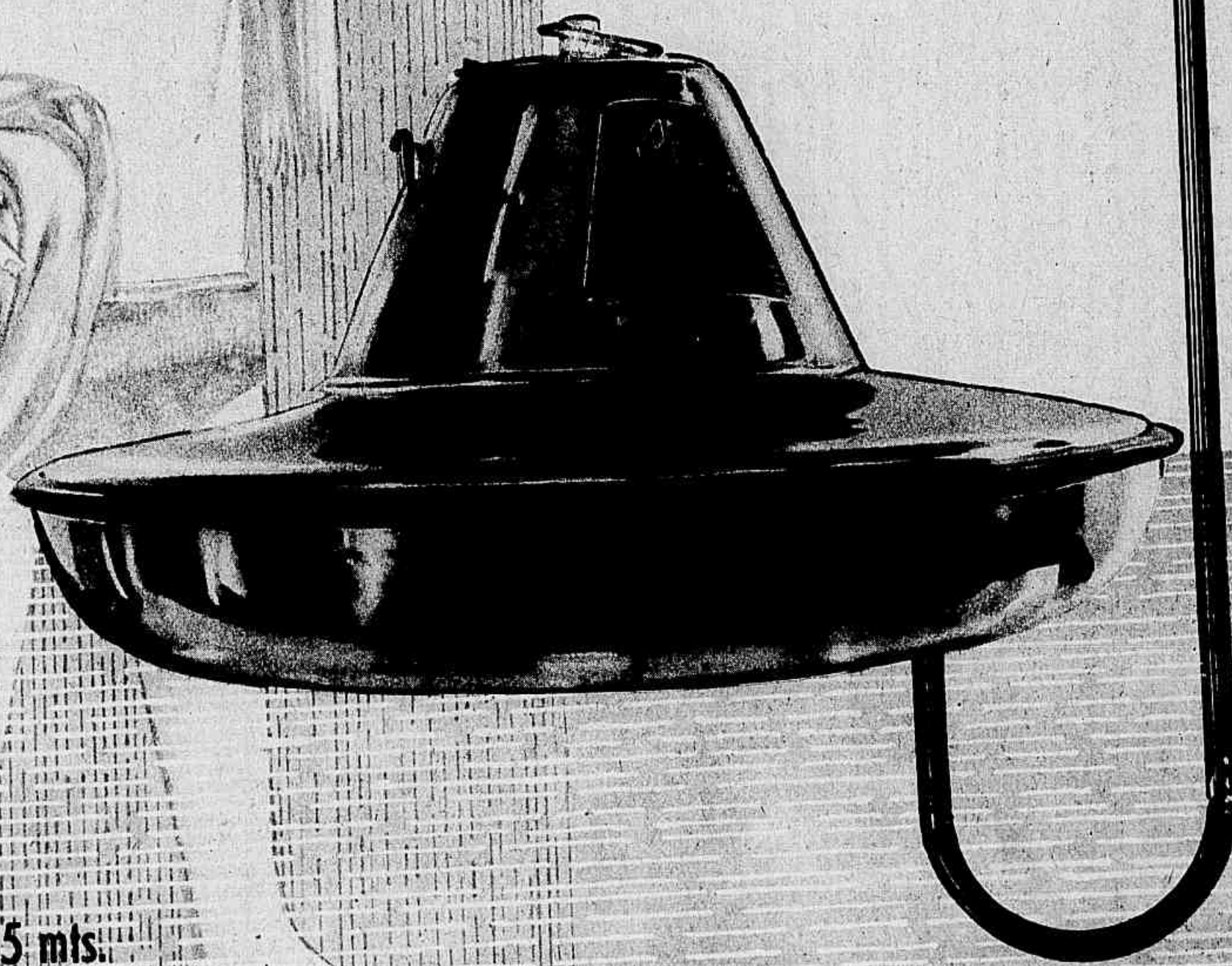
E Pirilo (para a Federação) não foi o técnico dos 6 a 2. Oficialmente, o técnico (diplomado) do Fluminense é Zoulo Rabelo, que desapareceu depois da preliminar. Enquanto isto, Didi saiu do campo doído, de tanto abraço. E de General Severiano foi a pé, uniformizado, até em casa, bem defronte do Fluminense. Depois, Guiomar vai à Bahia, levar a camisa, o calção, as meias e as chuteiras de Didi para o Senhor do Bonfim.

EU RESOLVI O MEU PROBLEMA



A bomba flutuante EPEL resolverá o seu.

Patente Nº 1567



fácil aquisição
eleva a água até 35 mts.
acompanha o nível da água
gasta menos energia

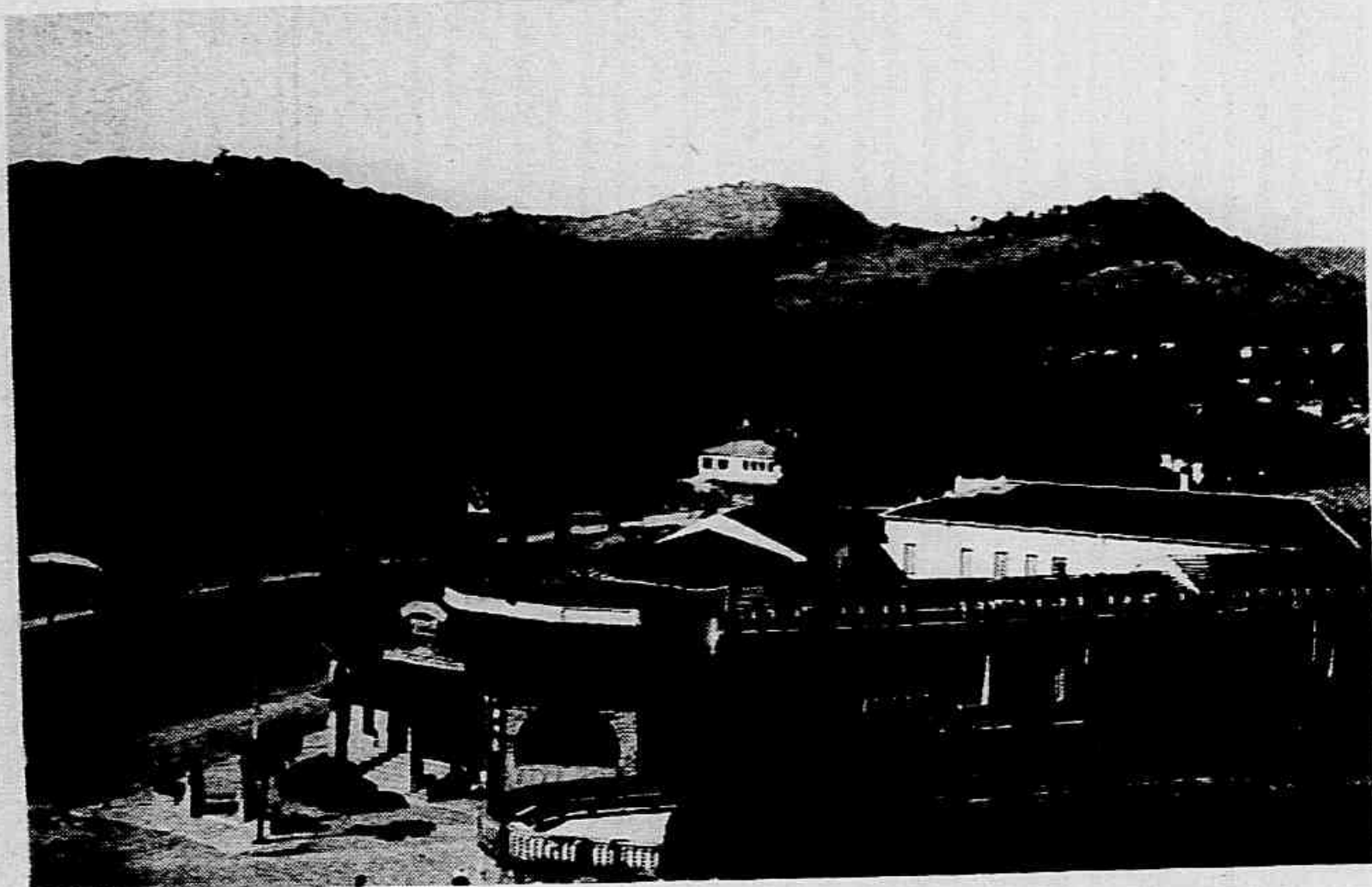
Instalação facilíma
Não requer técnica

EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos

S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — em frente a Biblioteca Municipal
Fones 35-85-31 — 33-17-24

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar — sala 207
Fone 52-54-16

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

◆ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escritório de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACOLHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO

Diária para casal — ap. Cr\$ 650.00 — Diária para solteiro — ap. Cr\$ 380.00



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios

Reservas de aposentos: «Exprinter», Av. Rio Branco, 57-A. Tel.: 23-5361 e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4. Águas da Prata, Est. S. Paulo. ◆ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

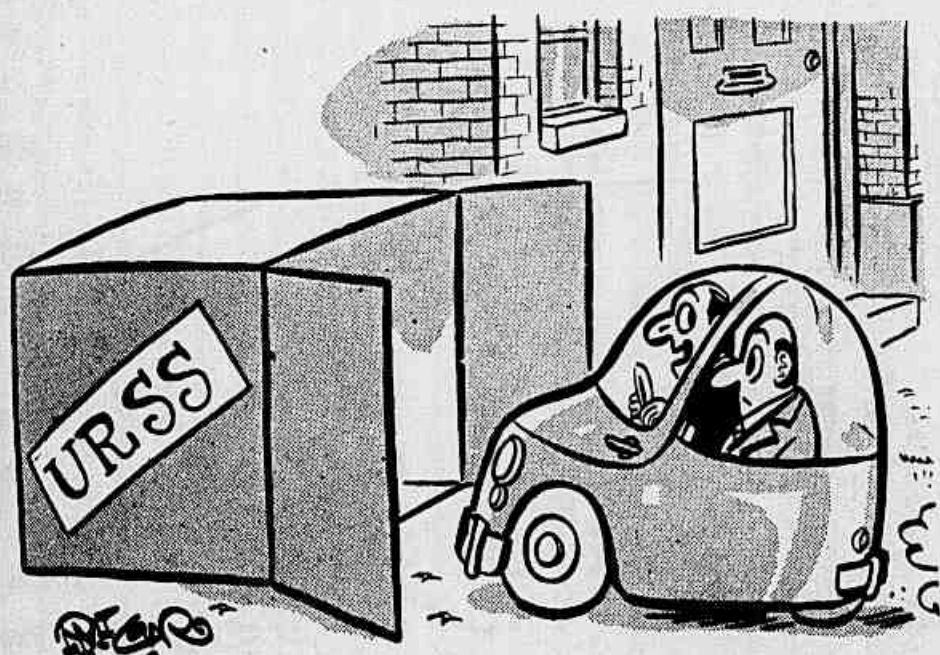
o clima
do ano.
ra, pró-
peratura
vernosa.
bucólico
e para
ar ener-
centros
altitude,
ATA. é
como su-
ça, pela
as gene-
éstias do-
figado e
r no tra-

JUNTOU
GRANDE
E ACO-

A



nte
da
ma.



"Você tem certeza de que o carro ouviu
bem todas as instruções do Partido?"

A RÚSSIA OFERECE AO BRASIL

AUTOMÓVEL

AO PREÇO DE LAMBRETA



Este é o "Moskvitch" 402, que a Rússia oferece ao Brasil por me-
nos de Cr\$ 100.000,00: as autoridades procuram o dente de coelho

OFERECENDO AO BRASIL automóveis quase ao preço de lambretas (menos de cem mil cruzeiros, "em trinta módicas prestações") a Rússia deu o (até hoje) mais sério passo para estabelecer relações e concorrer com os Estados Unidos aqui. O automóvel: "Moskvitch" 402, sedan 4 portas, 4 lugares, carroçaria de aço, motor de 4 cilindros com 35 HP.

O intermediário: "Torgbraz", firma constituída por um russo e um brasileiro, com sede na praça de São Sebastião do Rio de Janeiro, à rua Buenos Aires, 79, 3.º andar. A repercussão: alguns porta-vozes oficiais disseram que importar os carros seria importar comunismo; a opinião geral é que o "Moskvitch" pode ser comunista mas é barato e anda bem.

A proposta de venda dos automóveis foi feita ao Clube Militar pela firma, mas o Clube não aceitou imediatamente: pediu que viesse por escrito. Enquanto isso os diretores da

"Torgbraz", srs. Eleutério Tido do Canto e Valerian Odintsoff, mudaram de planos: não querem mais importar os "Moskvitch" e sim uma fábrica inteira deles, que seria montada aqui por técnicos russos. A firma (cujo capital é de 200 mil cruzeiros) diz que a fábrica seria exclusivamente nacional e os "Moskvitch" seriam exclusivamente nossos.

Acredita-se que, pelo menos por enquanto, o Governo não permitirá a vinda nem dos carros nem da fábrica: o Itamarati e o GEIA são contra. Algumas pessoas que podem pagar menos de 100 mil cruzeiros "em trinta módicas prestações" — mas andam de lotação porque um carro norte-americano ou europeu custa muitas vezes 100 mil cruzeiros — dizem que quem é contra mesmo é a General Motors, que pretende instalar uma grande fábrica em Minas.

Raciocínio das autoridades: "laranja na beira do caminho é azêda ou tem marimbondo".

ENTRE A CASTANHA DE LÁ E A CASTANHA DE CÁ NÃO COMPRE A MAIS CARA

OS ARTIGOS DE NATAL, que têm grande venda no período das festas (nozes, castanhas, avelãs, amêndoas, passas, figos turcos, tâmaras e outros), não encontraram este ano quem as importasse, pois cada comerciante, julgando que seus concorrentes fossem importá-los, não quiseram lançar mão de seus disponíveis. Assim, a entrada foi mínima. No ano de 1956 quase todos os comerciantes de gêneros alimentícios perderam dinheiro nas vendas de Natal. Apareceram muitos importadores. Navios chegavam lotados de mercadorias. A procura era menor que a oferta. Os preços baixaram sensivelmente. Todos fizeram estoques vultuosos, com esperanças nas grandes vendas. Não houve a correspondência desejada. A mercadoria, muito perecível, foi toda posta no lixo. Consequência: moderação este ano.

A castanha, principal produto em todo o período das festas, teve seu preço elevado para setenta cruzeiros, no atacado. Consequentemente, para os consumidores variou entre 68 e 100 cruzeiros, pois existem comerciantes que vendem artigos abaixo do preço de custo, a título de propaganda e para atrair fregueses. Um dos jogos perfeitos para iludir a massa de compradores e ao mesmo tempo vender barato é colocar o mesmo produto com dois preços.

Exemplo: o preço para o varejista, da castanha, é de 70 cruzeiros. Ele coloca uma bonita exposição do produto, com o le-

treiro de "espanholas", a 70 cruzeiros, e ao mesmo tempo, ao lado desta, uma outra arrumação de castanhas com cartazes avisando que são portuguesas ao preço de 85 cruzeiros. Aquêles que têm pouco dinheiro compram o produto a bom preço. Os que podem, pagam pelas castanhas de 70 cruzeiros um acréscimo de 15.

As nozes são classificadas em dois tipos: chilenas e italianas. As nozes chilenas são escuras, mais moles, e seu interior vem quase sempre apodrecido. Seu preço é bem inferior. As nozes italianas são claras, duras e de qualidade superior. Os preços, para as chilenas, variam de 70 a 110 cruzeiros; para as italianas de 100 a 160 cruzeiros. Tiveram um aumento, em relação a igual período do ano passado, de quase 60 por cento.

As passas, que vêm da Argentina têm seus preços mais ou menos estabilizados. Os figos turcos quase não sofreram alteração.

As amêndoas e as avelãs tiveram grande aumento.

As tâmaras aí estão em abundância. Sua procura, entretanto, é muito pequena e força o comerciante a vendê-la com um lucro de aproximadamente 70 por cento.

A COFAP nada providenciou para o Natal.

O abacaxi veio em grande abundância e o estoque de frutas naturais está bastante sortido. As frutas cristalizadas apresentam tendência a se esgotarem.



"... e não fique triste; pode ser que você tenha descoberto um novo adesivo".



"Oba!; o que é que nós temos hoje para comer?"



"A senhora está, por acaso, interessada em comprar uma frigideira que vira panquecas automaticamente?"

NARDI

O BRASIL NÃO PODE PASSAR POR PREGUIÇOSO NO HINO NACIONAL

"DEITADO ETERNAMENTE em berço esplêndido" e "heróico brado" são os dois versos mais combatidos do Hino Nacional brasileiro. Um, porque dá a impressão de que o Brasil é um país preguiçoso; outro porque é um cacófato.

Já houve várias tentativas de mudança do Hino, inclusive uma patrocinada pelo então ministro da Educação Gustavo Capanema.

O ministro nomeou uma comissão de intelectuais e militares para estudar o problema e apresentar soluções. A comissão: Olegário Mariano, Afonso Arinos, Alceu Amoroso Lima, Afonso de Carvalho (do Exército), Gastão Penhalva (da Marinha) e um técnico de música do Exército.

Todos concordaram em que deveriam ser feitas pequenas modificações (pelo menos) na letra do Hino.

Essas modificações não puderam ser feitas. Motivo: o problema dos direitos autorais. Além disso era preciso revogar o decreto que instituiu e oficializou o Hino.

Diante dos obstáculos o sr. Gustavo Capanema desistiu e a Comissão dispersou-se.

Agora, quando o deputado Carlos de Albuquerque pretende alterar a bandeira brasileira e as armas da República (R.S., dez. 21) volta-se a falar na alteração do Hino.

Diz o poeta Olegário Mariano que uma reforma total do Hino Nacional Brasileiro não poderá ser feita porque ele já está entranhado na alma do povo e que basta substituir os versos "Deitado eternamente em berço esplêndido" e "heróico brado".

Recentemente, o sr. Judas Isgorogota, pseudônimo de um redator de "A Gazeta", remeteu ao poeta Olegário Mariano um trabalho relativo a alterações que fizera em estrofes do Hino Nacional Brasileiro. Disse que "o trabalho se estendeu desde o estudo analítico, desde a crítica objetiva da peça musical à estratificação

de sua forma definitiva mais pura, liberta de todos os corpos estranhos que revestem o Hino Nacional de um artificialismo vulgar".

"A começar pelo famigerado "Laranja da China, laranja da China, laranja da China!", a introdução, cheia de repetições em bases operísticas, e pela coda, em que se acentuam influências da música italiana ("Barbeiro de Sevilha" de Rossini e "Norma" de Bellini), através daqueles arabescos destinados a tornar a música graciosa e elegante, ao gosto da época".

"Em lugar da longa série de motivos, tirados da própria peça, a introdução ficou limitada apenas ao motivo central (compassos 23 a 33), com a eliminação dos ornamentos constantes dos compassos 26-30, 32-33, sem sacrifício da idéia do autor. Dêste modo, o canto começa no compasso 33 e termina no 53, trecho que é duas vezes repetido. E isto sem qualquer modificação fundamental no que respeita à melodia, que assim, na plenitude de sua pureza musical, mais realça em seu sentido patriótico, eminentemente brasileiro".

Disse o sr. Judas que na parte poética a modificação consistiu apenas no cancelamento das primeira e terceira estrofes, precisamente aquelas que se caracterizam pelo espírito descritivo e em que se fala das margens plácidas do Ipiranga, dos nossos céus que têm mais estrelas; de um gigante deitado eternamente em berço esplêndido; de um novo heróico brado retumbante, além da repetição das rimas "forte" e "morte", que concorre para que a imagem se torne em coisa apenas bombástica, permanecendo as estrofes de exaltação à Pátria, estrofes em que vibra a alma nacional em toda a sua exaltação de deslumbramento, de beleza e fé.

Com as modificações feitas pelo redator de "A Gazeta", o Hino ficaria assim:

I

Brasil um sonho intenso, um raio vivido de amor e de esperança à terra desce

e em teu formoso céu, risonho e límpido a imagem do Cruzeiro resplandece, Gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso, e o teu futuro espelha esta grandeza

Terra adorada
entre outras mil,
és tu, Brasil,
ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil.

II

Brasil, de amor eterno seja símbolo, o lábaro que ostentas estrelado e diga o verde louro desta flâmula: Paz no futuro e glória no passado! Mas, se ergues da justiça a clava forte, Verás que um filho teu não foge à luta, Nem teme quem te adora, a própria morte

Terra adorada
entre outras mil,
és tu, Brasil,
ó Pátria amada!

Dos filhos dêste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil.

Uma das vantagens que apontam para o "novo" Hino: é mais curto, mais fácil de decorar. Segundo dados estatísticos do Exército, menos de 35% dos brasileiros conhecem de cor o Hino Nacional.

O sr. Gustavo Capanema disse à REVISTA DA SEMANA que com o ministro da Educação constituiu uma comissão para estudar os símbolos nacionais. Daí, um decreto-lei que regula o uso dos símbolos e que está em vigor até hoje. A mesma comissão tentou fazer pequenas modificações no texto do Hino Nacional, mas chegou à conclusão de que o mais certo era não mudar nenhuma vírgula, preferindo manter o Hino como fora escrito, porque qualquer modificação seria pior. "Em qualquer hino estrangeiro — disse o sr. Capanema — se encontra defeitos, como o "deitado eternamente em berço esplêndido". A tradição é que torna bonito o que parece feio".

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**

**AOS NOSSOS CLIENTES E AMIGOS,
AOS AUTOMOBILISTAS DO BRASIL,
A TODOS — FELIZ NATAL**

Nestes dias festivos em que os mais expressivos sentimentos se entrelaçam nos corações, a «MIL» reserva todo o espaço de sua propaganda para, desvanecida, nesta oportunidade da magna festa do ano: NATAL, comungar em tôdas as preces a DEUS, aos anseios de paz em todos os lares e fraternidade entre os Povos.

**São os mais ardentes votos da
MIL, A MILIONARIA DO CASTELO**



**INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.**

Caixa Postal nº 1.202

GOVERNO:

A TB ESTÁ MATANDO MENOS

MEDICINA

MÉDICOS:

MAS ESTÁ ATACANDO MAIS

O GOVERNO CORTOU 95 milhões de cruzeiros das verbas do Serviço Nacional de Tuberculose alegando que os índices de mortalidade pela tuberculose declinaram acentuadamente até 1954: denunciou a IV. Conferência Nortista de Tisiologia reunida em Belém.

Os conferencistas apelaram para o Presidente da República a fim de que prestigie os seus trabalhos na campanha contra a tuberculose, no momento em que três Estados do Norte mais de metade dos leitos destinados a tuberculosos estão vagos por falta de recursos para mantê-los.

Disseram que a rede dos sanatórios não chegou ao final de construção, arrastando-se as obras por falta de dinheiro, motivo por quê também nos hospitais e sanatórios o tuberculoso não se vem beneficiando dos progressos da cirurgia na luta contra a tuberculose.

Embora diminuindo o índice de mortalidade — informaram os tisiologistas em Belém — a incidência da tuberculose tem aumentado, havendo hoje mais doentes precisando de internação. O estudo do "cadastro torácico" no Norte mostrou aos tisiologistas reunidos em Belém que há, ainda, predominância dos casos avançados quando do diagnóstico da tuberculose, o que mostra a deficiência do trabalho dos dispensários.

As soluções apontadas em Manifesto à Nação pelos tisiologistas reunidos em Belém são:

1. Reforma das organizações destinadas à luta contra a tuberculose, de acordo com "as novas modificações científicas".
2. Renúncia à preocupação de "campanhas baratas, de pouco rendimento e desrespeitosas à dignidade dos doentes".
3. Excluir a Campanha Nacional Contra Tuberculose de toda e qualquer influência político-partidária.
4. "Concessão de verbas substanciais nos Orçamentos dos planos de economia e do atraso na entrega das respectivas cotas, que precisam desfrutar de prioridade".
5. Ampliação da rede dispensarial.
6. Funcionamento dos leitos até agora não ocupados.
7. Criação e ampliação dos centros cirúrgicos nas principais cidades do Norte do Brasil.

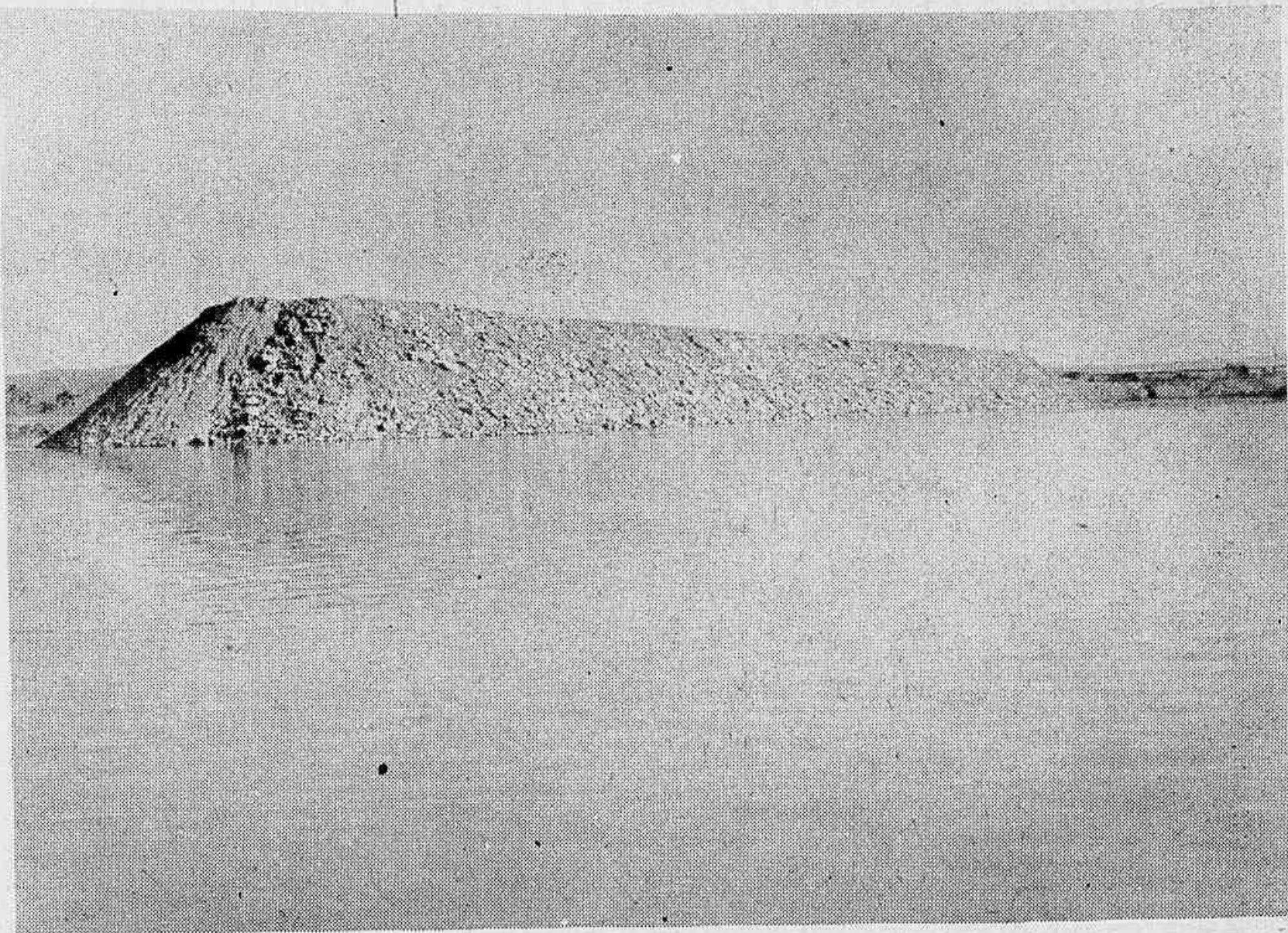
O manifesto é assinado pela Comissão Executiva e 44 congressistas, sendo relator da matéria o médico Djalma Batista.



A BARRAGEM

DE

"TRÊS MARIAS"



DEPOIS DE MAIS de três séculos de expectativa, de sofrimentos e de abandono, as populações que se espalham pelo Vale do São Francisco despertam para uma nova era. A construção da barragem de "Três Marias" é o seu marco principal, que deterá e regularizará a indisciplina do grande rio São Francisco, tornando-o perene-mente navegável e propiciando a construção de usinas de energia, que irão fomen- tar a produção agrícola e industrial na região. Pode dizer-se que a construção dessa barragem, que será entregue ao povo do norte e do nordeste, em 1960, é o maior empreendimento já concebido no Brasil, em todos os tempos. O clichê mostra uma "escavadeira", no rio São Francisco, no local da barragem.

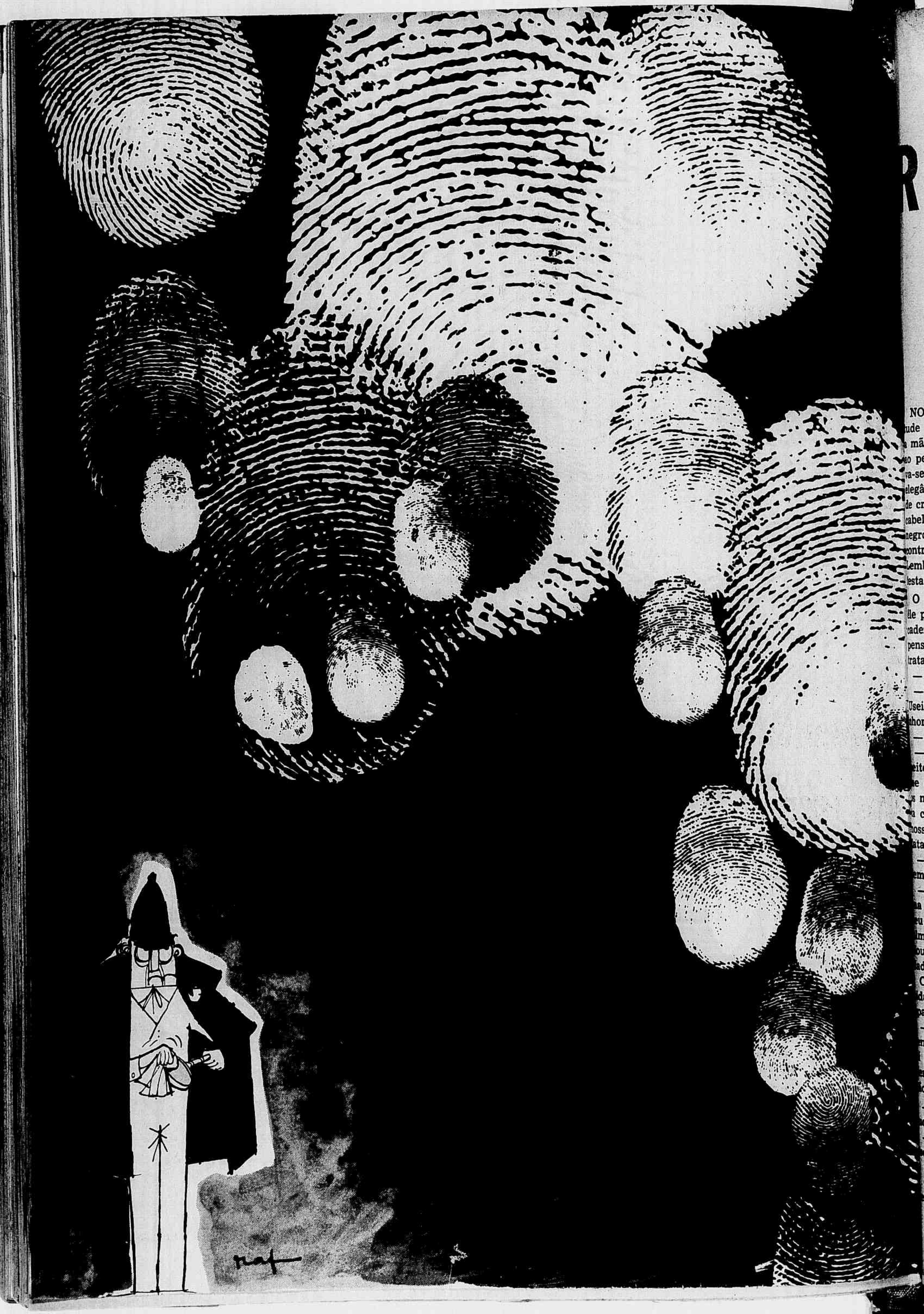
A FUNDAÇÃO DA

CASA POPULAR

EM BRASÍLIA



AS PRIMEIRAS edificações definitivas, em Brasília, estão sendo construídas pela Funda-ção da Casa Popular. Trata-se de uma primeira etapa de 500 moradias, já em fase de conclusão, a que se seguirá idêntico número para entrega em meados de 1958. As casas foram projetadas pelo arquiteto Oscar Niemayer e para a sua execução, nos prazos fixados pelo Presidente da República, o sr. Marcial do Lago dotou a sua entidade de todos os recursos necessários para o exato cumprimento de suas atribuições. Assim é que instalou em Brasília um completo cantei- ro de obras, composto de casa de administração, geradores, fábrica de blocos e lajeotas de con- creto, alojamento para 1.000 operários, com tôdas as instalações. Os serviços da FCP periódi- camente são inspecionados pelo Presidente Kubitchek que não esconde sua satisfação pelo ritmo dos trabalhos. Na última visita presidencial, foi fixado o flagrante acima, frente à casa de administração da FCP. Os encargos da Fundação da Casa Popular, em Brasília, não se li- mitam apenas ao seu programa habitacional. Está ela encarregada de abastecer de material básico todos os Institutos de Previdência, na Nova Capital, e de construir o Santuário Nossa Se- nhora de Fátima, também projeto Niemayer, estando o seu término estabelecido para maio futuro.



R

NO
ude
a mã
ao pe
va-se
elegã
de cr
cabel
negro
contr
eml
esta
O
lle p
cade
pens
trata
—
—
Usei
hor
—
—
eite
e
s n
a c
moss
ata
—
em
—
na
eu
lm
ou
ac
C
di
pa
—
m
—
er
do

raf

RAPTO EM SURDINA

LUÍS LOPES COELHO

NOTAVA-SE A REVERÊNCIA da atitude na leve inclinação da cabeça. Com a mão direita, sustinha o boné encostado ao peito. A farda cômica de chumbo ajustava-se ao corpo delgado, conformando a elegância da figura. Estranha simbiose de cromossomos: contra a pele clara e os cabelos louros, dois olhos escuros, quase negros. A placidez das linhas do rosto contrastava com a agudeza do olhar lembrava um militar num salão de festas.

O milionário Chaves Neto, que escolhia de próprio os seus choferes, dada a delicadeza e a relevância de certos misteres, pensou imediatamente: "Esse está contratado".

— Trouxe referências?

— Dr. Chaves, eu não sou motorista. Usei este disfarce para falar com o senhor sobre o assunto que me interessa.

— Como assim? Explique-se.

— Vim conversar com o senhor a respeito de pessoa de sua família. Parece-me que o senhor é um homem que tem os nervos no lugar. Vai precisar de muita calma e compreensão para resolver o nosso caso. Qualquer impulso poderá ser fatal. Além disso...

— Vamos parar com essa história. Se não tem alguma coisa que dizer, diga logo.

— O senhor recebeu hoje um telefonema do dr. Otero, pais de um colega de meu filho. Pediu-lhe para deixar o garoto sozinho em casa dele. O senhor concordou. Isso acontece às vezes, não é verdade?

O homem fez uma pequena pausa, nitidamente nervosa, embora pretendesse aparentar serenidade.

— Quem telefonou fui eu. Sei que o senhor guarda o automóvel na ruazinha de trás. Com esta farda, foi fácil apoderar-me dele. Penso que os pormenores são dispensáveis.

— O que é que o meu filho tem com isso?

— Fui esperar o garoto na porta da escola. Disse-lhe que era o novo chofer que deveria levá-lo a uma chácara... Chaves Neto contornou a mesa e atirou sobre o homem, agarrando-o pelo pes-

coço, que comprimiu com as duas mãos.

— Seu canalha: você vai dizer que raptou meu filho?

Não tentava o homem esboçar a menor reação. Buscou articular a resposta, mas o colar dos dedos rijos asfixiava-o, retinha-lhe a voz na garganta. Chaves Neto sentiu nas mãos que o homem procurava abaixar a cabeça para frente, com o intuito de manifestar-se afirmativamente. Dos olhos arregalados emanavam sucessivos apelos. Chaves Neto afrouxou os dedos e empurrou o homem com toda a força em direção à poltrona, onde ele caiu sentado. Enquanto tossia, levou a mão ao pescoço, acima do colarinho da farda, esfregando-o, como se quisesse apagar a dor que ainda o oprimia.

Chaves Neto, convulsionado, atônito, trememente, voltou à mesa, sentando-se. Instintivamente apanhou a espátula de metal, transformada em legítima arma branca pelo vigor do gesto.

— Onde está o menino?

O homem engoliu saliva. Recompôs-se na poltrona, avocando, outra vez, a atitude reverente com que se apresentara. Ajeitou com os dedos os cabelos louros, desmanchados pela violência.

— Onde está o menino, seu cachorro?

— Calma, dr. Chaves. Seu filho está numa chácara. Não se inquiete com ele. Está na companhia de meu sócio, numa ampla sala, distraído com brinquedos. Não sabe nada do que acontece. Disse a ele que o senhor irá buscá-lo. A segurança dele, entretanto, depende do resultado da nossa conversa.

Em Chaves Neto, lufadas de ódio e de ímpeto iam e vinham, alternando com estados de prudência e de receio. Os dois homens fitaram-se demorada e profundamente, no diálogo silencioso da provocação e da resistência. Enquanto isso, Chaves Neto decidia ir mais adiante, a fim de conhecer melhor a situação. Como se os olhos estivessem fatigados da luta, baixou as pálpebras, e, no mesmo instante, jogou a espátula na mesa, empurrou a cadeira giratória para trás, num gesto brusco.

— Qual é o plano?

O homem acomodou-se na poltrona, certo de ter vencido a primeira etapa:

— Antes de mais nada, ambos precisamos de calma. Depois, o senhor deve suprimir as ofensas, que excitam demais. Podem comprometer a solução do nosso caso. Talvez eu seja tudo o que o senhor diz, tudo o que o senhor pensa: canalha, cachorro... Mas uma coisa é a gente ser e outra é a gente ouvir que é.

— Deixe de conversa. Vamos ao que interessa.

— Antes, queira pedir a sua secretária que não nos interrompa. A não ser quando seu filho telefonar. Depois, desligue esse aparelho de falar com ela.

Imóvel, Chaves Neto continuou a olhar o homem num conflito entre a conformação e a repulsa, entre levar as mãos ao aparelho ou, de novo, ao pescoço claro, para apertá-lo até ficar roxo. Mas o certo, o estratégico, era ir mais adiante. Sem retirar os olhos do homem, apertou o botão e transmitiu as instruções.

— Você é de um cinismo raro, hein?

— Pretendo executar meu plano sem que sua senhora e o menino percebam. Ele pensa que o senhor vai comprar a chácara.

— Conte logo como vai funcionar esse maldito plano.

— Não se deixe influenciar pelo que acontece nos Estados Unidos. Lá, eles, apesar de receberem o resgate... magoam a criança. No meu plano, não. O senhor mesmo receberá o menino, íntegro, perfeito. Coisa limpa, simples.

Fêz uma pausa. Chaves Neto continuava a fitá-lo, sentindo uma impressão de irrealidade, de devaneio, à espera de que, de repente, o homem desaparecesse e tudo voltasse à tranquilidade anterior.

— Nós saímos juntos daqui e o senhor vai ao banco retirar o dinheiro. Ficarei esperando no automóvel. Quando o senhor voltar, telefonarei a meu sócio. Ele sairá com o menino para encontrar-se conosco em determinado lugar. Quando chegarmos lá, o senhor verá seu filho, vivo, brincando. Nesse momento, apresso-me do dinheiro. E o senhor, do menino. Desnecessário é dizer

que, enquanto executamos essa manobra, o garoto estará sob a mira do meu sócio. Darei instruções por escrito sobre a sua volta, que deverão ser respeitadas à risca.

— Mas isso tudo é uma loucura!

— Vai depender do senhor. Eu corro um grande risco, é verdade. Mas, por outro lado, o senhor também corre. E o meu é menor do que o seu. Já estou perdido, Dr. Chaves. No lugar onde eu moro, existem cinco cheques sem fundo emitidos por mim. E outras coisas mais... Não posso mais viver no Brasil. Vou para o estrangeiro e preciso de...

O telefone.

Chaves Neto atendeu:

— Ligue.

— Papai?

— Que é, meu filho?

— Quando é que você me vem buscar? É verdade que eu vou ganhar um cavalo?

Os olhos acesos, pregados no homem. Idéias confusas, ante a voz ingênua, feliz. Não conseguiu responder prontamente, gaguejando a princípio, para depois perguntar:

— Onde está você, meu filho?

— Ora! Na chácara que você vai comprar. Você vem logo?

— Olhe, Carlinhos. Papai vai demorar um pouco. O que é que você vai fazer até papai chegar?

— Vou bater bola com seu Eduardo.

— Você almoçou?

— Comi sanduíche, tomei guaraná.

— Meu filho, meu filho... Cuidado aí, ouviu? Papai vai logo, o mais depressa possível. Um beijo, meu filho.

Chaves Neto depositou o fone, com violência. Pôs-se de pé, resolutivo:

— Quanto é?

— Cinco milhões.

— Isso é um absurdo! Você está louco!

— O senhor sabe o valor mais do que eu...

Chaves Neto abandonou a sua atitude erecta, firme, com os punhos fechados e

apoiados na mesa, para andar de um lado para outro.

— Veja bem, seu... Uma empresa nunca tem muito dinheiro em caixa. Investe tudo no negócio. São poucos no Brasil os industriais que podem, em uma ou duas horas, mobilizar cinco milhões em dinheiro. Você sabe disso. E eu não estou entre eles, infelizmente.

Sem mudar de atitude, o homem continuou a enfrentar o olhar duro e incisivo de Chaves Neto. Como se nada tivesse ouvido, permaneceu na poltrona, com o boné entre as mãos, sem alterar as linhas plácidas do rosto, sem apagar o brilho dos olhos, sem esconder o interesse na resposta ao seu silêncio. O milionário retirou papéis da gaveta e examinou-os, detidamente.

— Não sei se você entende disto. São os balancetes da companhia. E aqui estão os extratos de minhas contas particulares nos bancos. Vou fazer o cálculo de minhas disponibilidades imediatas. Debruçou-se sobre a mesa, estendeu as folhas de papel à sua frente e, à medida que as consultava, escrevia algarismos, riscando-os, vez por outra, menos por errar no cálculo do que por não reproduzir o número com exatidão. Levantou a cabeça, revelando ira nos olhos, tremor nos lábios, impaciência na atitude:

— Cinco milhões e quatrocentos mil. É o de que posso dispor, imediatamente.

Inalterado, com a frieza de um réptil que sente ter enfeitado a presa, formulou as perguntas:

— E emprestado? Quanto pode arranjar?

— Essa é demais, cachorro!

Retornou mais calmo, para manter a linha tática adotada:

— Você há de convir que eu não posso retirar dos bancos todo o dinheiro disponível e, ainda, pedir emprestado a descoberto, sem garantia. Isso abalaria meu crédito.

— Não acredito que o senhor não possa arrumar pelo menos um milhão com a sua assinatura.

Chaves Neto levantou-se, voltando a andar de um lado para o outro, enquanto esmurrava seguidamente a palma da mão esquerda. Estacou, mantendo a mão fechada dentro da outra, que recobriu os dedos apertados.

— Quatrocentos mil cruzeiros, eu arranjo.

Moveu-se o homem, jogando a cabeça para trás e os olhos para o teto. Levou a mão direita ao rosto, passando a esfregá-la no queixo, como quem, ao barbear-se, procura os bocados ásperos.

— Se arranjar seiscentos, o negócio fica por três milhões. Acho que o meu sócio não se oporia.

Chaves Neto desembaraçou as mãos:

— Aceito.

— Agora, sente de novo. Temos o que falar, com calma. Passou pela sua cabeça, diversas vezes, que poderia facilmente me subjugar nesta poltrona. E é verdade. Sou franzino, fraco e não estou armado, como pode verificar. O senhor é grande e forte. Estou nas suas

mãos. Além disso pensou, ou pensa ainda, em duas soluções: a primeira, chamar a polícia; a segunda, mandar seguir o seu automóvel, quando formos para a chácara. Poderia fazer isso, quando fôsse ao banco retirar o dinheiro. As consequências seriam as seguintes: porque eu estou numa parada de vida ou de morte, assim que eu perceba a sua traição, dou por encerradas as nossas tratativas. Depois que o senhor sair do banco, teremos quarenta minutos para completar o serviço. Qualquer atraso significará, para o meu sócio, o malôgro do plano. Dado o perigo que corremos, a solução será fatal... funcionará o método americano. Aconselho o senhor a meditar bem sobre o que vai fazer.

Chaves Neto não se moveu da poltrona. Olhava fixamente para um ponto da mesa, não escondendo que idéias muitas lhe transitavam o cérebro. Mas não conseguia sair do triângulo: chamar a polícia, mandar seguir o automóvel, aceitar. Pensou no desespero da esposa. Pensou também que enganara o homem, pois eram bem maiores as suas disponibilidades. Chegou a imaginar até, superficialmente, um meio para recobrar o dinheiro que despendesse. Mas quando a figura do filho único surgiu na retina, mediu o risco a que o sujeitava se recusasse o acordo.

— Está bem. Mas quero, agora, avisá-lo: se acontecer alguma coisa ao menino, eu esmago você, seu canalha. Ah! outra coisa: depois da volta, não tenho mais nenhum compromisso. Denunciarei o caso à polícia. Vou atrás de você e do meu dinheiro.

— Perfeito. Nada acontecerá ao garoto. E terminado o meu negócio, o senhor pode fazer o seu com a polícia... Preciso telefonar. Peça uma linha à secretária.

Depois de atendido, largou o fone sobre a mesa, cobriu o disco com a mão esquerda e com a direita ligou o número.

— O. K., com modificação.

E virando-se para Chaves Neto, depois de desligar:

— Torna-se desnecessário dizer que o senhor irá a um só banco. O da sua preferência. Lá descontará os cheques dos outros. Pelo telefone, os saldos poderão ser verificados. Estou às suas ordens. É conveniente levar o talão de cheques para evitar demora com a retirada dos avulsos. Leve, também, uma pasta para pôr o dinheiro.

Saíram.

O automóvel encostou do lado direito da Rua Líbero Badaró, na esquina da Rua Miguel Couto, onde os guardas de trânsito toleram o estacionamento, por algum tempo, desde que permaneça alguém no carro. Ali ficou o homem, sem deixar o banco da frente, a olhar, depois de algum tempo, o topo da pequena ladeira que desce da Rua de São Bento. Quase trinta minutos depois de haverem chegado, despontou Chaves Neto no alto, segurando a pasta de couro. Imediatamente o homem largou o automóvel, correu para o bar da esquina e fez uma li-



ORMES

gação telefônica. Ao voltar, Chaves Neto já se encontrava no interior do veículo.

— Fui telefonar ao meu sócio. Os quarenta minutos começam neste instante. Espero que o nosso contrato continue em pleno vigor.

O automóvel subiu a Rua Líbero Badaró, desceu a Dr. Falcão, virou à direita na Avenida Anhangabaú, prosseguindo por ela até a Avenida Tiradentes. Depois de atravessar a ponte das Bandeiras e antes de entrar na estrada, o homem encostou o carro ao lado de um terreno baldio, marginal do Rio Tietê.

— Agora o doutor me faz o favor de descer. Vou abrir o cofre do carro. Enquanto o senhor finge consertá-lo, eu confiro o dinheiro.

Chaves Neto cumpriu a ordem recebida. O homem abriu a pasta e contou trinta pacotes de cem mil cruzeiros. Escolheu dois deles, ao acaso, e, desfazendo o amarrão, contou dez maços de dez mil cruzeiros. Destacou um dos maços e contou dez notas de mil cruzeiros.

— O. K., Chaves.

O milionário retornou ao seu lugar. O automóvel entrou na Via Dutra. Na altura de Guarulhos, o homem encostou o carro repentinamente à beira da estrada e, apanhando um binóculo em baixo do banco, visualizou o trecho da reta percorrida, seguindo os automóveis até que eles sumissem no extremo oposto da reta. Depois de assim proceder durante cinco minutos, guardou o binóculo, no mesmo lugar.

— Acho que o senhor não abriu o bico mesmo...

Retomada a marcha, seguiu o veículo pela Via Dutra, mas, logo depois da ponte que leva a Cumbica, entrou à esquerda, virando logo depois à direita, onde estacou. Cinco minutos de espera. Verificando o homem que nada acontecera, retomou a estrada de terra e prosseguiu. Daí por diante foram muitas as curvas e os atalhos. No final de uma subida, mais ou menos longa, o carro parou. O homem desceu com o binóculo e focalizou nitidamente o trecho da estrada de terra que derivava da Via Dutra e que fôra por ele percorrido. Não havia sinal algum de movimento, muito menos de veículo que nêle transitasse.

O homem convidou Chaves Neto para sair do automóvel. Apanhou a pasta com o dinheiro.

— Aqui estão as instruções para a sua volta. Deve ler este papel antes de sair daqui. O caminho para atingir a Via Dutra é sempre à esquerda. Do lugar onde está o automóvel, é fácil orientar-se.

Andaram por entre arbustos e, ao atingirem uma clareira, ouviu do homem:

— Chame por seu filho.

— Carlinhos! Carlinhos!

Em frente, uma touceira tremeu. Do lado esquerdo, saltou o menino.

— Papai, como você demorou!

Atravessou a clareira e atirou-se nos braços estendidos do pai, que o apertou junto ao peito.

Um ruído de motor, do lado oposto da clareira. O milionário procurou o ho-

mem. Desaparecera. Em poucos segundos, o ruído desaparecera também. Tirou o papel do bolso:

“Dr. Chaves

Necessitamos de uma hora para que a polícia não nos alcance. Sabemos que o senhor vai informá-la, assim que recuperar seu filho. Para nossa garantia, demos ao menino um veneno de ação lenta. Leve-o para o Hospital da Penha. Dentro de pouco tempo, quando estivermos a salvo, telefonaremos para indicar-lhe o antídoto”.

— Bandidos!

—o—

No quarto 16 do hospital, trinta minutos depois, soou a campainha. Chaves Neto, ansioso, levantou o fone:

— Dr. Chaves? Sou eu.

— Sim.

— Não demos nada a seu filho. Ele está perfeito. O senhor tem um filho e tanto!

Ruído de ligação cortada.

Iam saindo do hospital, quando a telefonista interpelou o milionário:

— O senhor é do 16?

— Sim, senhora.

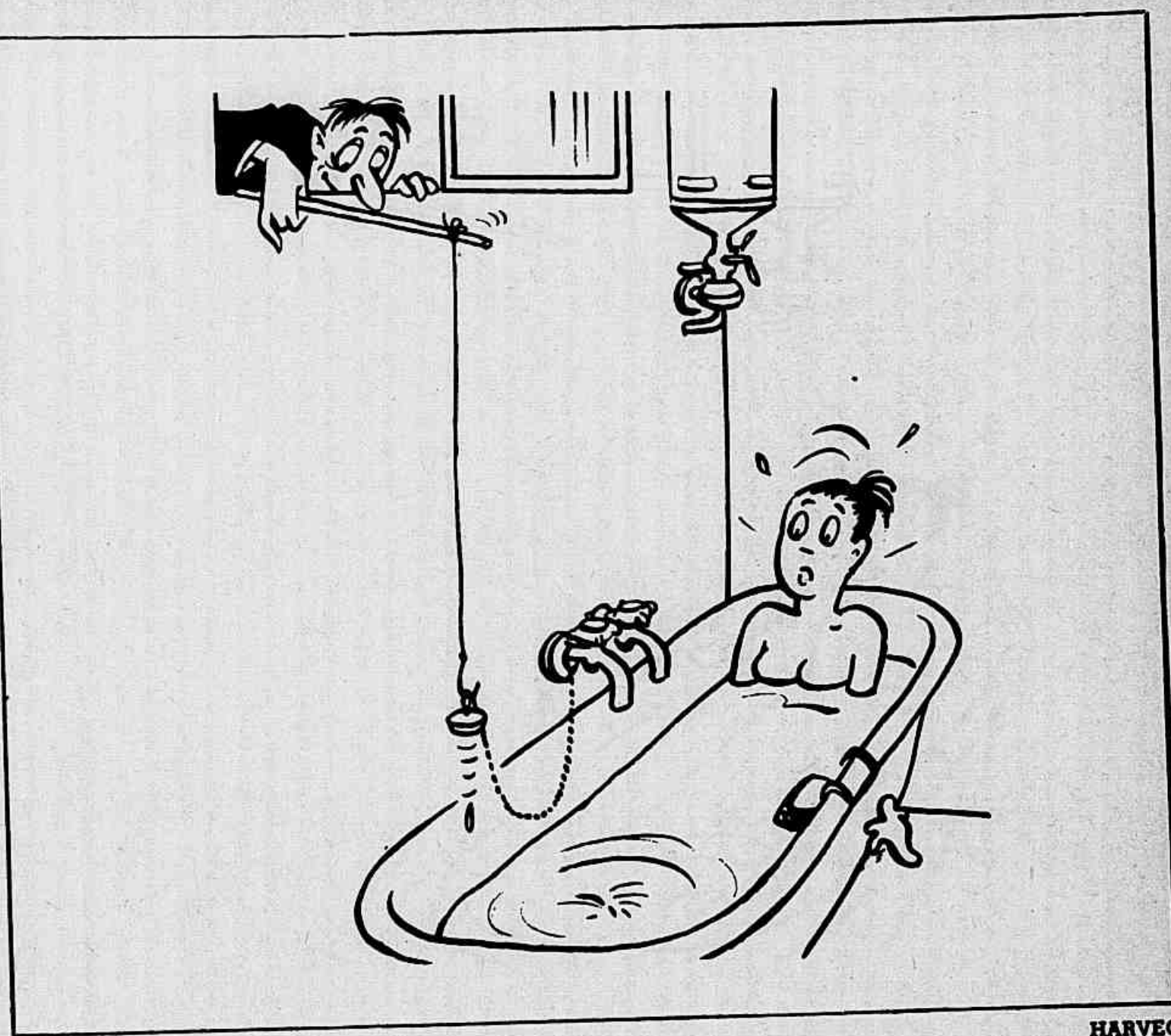
— Chamei lá para cima, mas me disseram que o senhor estava descendo. Querem falar com o senhor novamente.

Atendido o chamado, deixou Carlinhos em casa e rumou para o Departamento de Investigações.

—o—

No dia seguinte, muito cedo, durante o café da manhã, o criado anunciou a visita do Dr. Leite. Chaves Neto levantou-se e foi ao encontro do delegado.

— Bom dia. Alguma novidade?



HARVEC

— E que novidade!

— Já? O que houve?

— Uma bomba, Dr. Chaves, uma verdadeira bomba! Em Porto Alegre houve um tiroteio entre dois homens. Um deles morreu e o outro está gravemente ferido. Em poder de ambos a polícia encontrou cerca de três milhões de cruzeiros. Chamaram São Paulo porque o avião que os levou para Porto Alegre havia partido daqui. Falei pelo rádio. Não há dúvida que é o seu dinheiro, porque alguns pacotes contêm o cartão do banco de onde o senhor o retirou.

— Em Porto Alegre?

— Isso mesmo. A descrição que fiz do homem coincide exatamente com o que foi assassinado. O chofer, ou melhor, o falso chofer. Trata-se de um ex-oficial da aeronáutica, que serviu em São Paulo. Planejou o rapto e, para a fuga, conseguiu, com um velho e inocente companheiro, dois lugares num avião militar que saía ontem de Cumbica. Plano inteligente esse de fugir com a ajuda do Ministério da Aeronáutica... Ia dar-nos um trabalho.

— Realmente, o plano era excelente!

— Mas, Dr. Chaves, como e porque o senhor previu um final trágico para os raptos, quando conversamos ontem no Departamento? Não atino com as razões do seu raciocínio... Ou foi apenas intuição?

— Muito simples. Quando saía do hospital, o sócio do chofer me telefonou. Perguntou qual tinha sido a modificação do plano. Percebi imediatamente onde ele queria chegar. Respondi que não tinha havido alteração alguma. Que eu havia obedecido cegamente ao seu sócio, a quem entregara cinco milhões de cruzeiros...

Fotos APLA



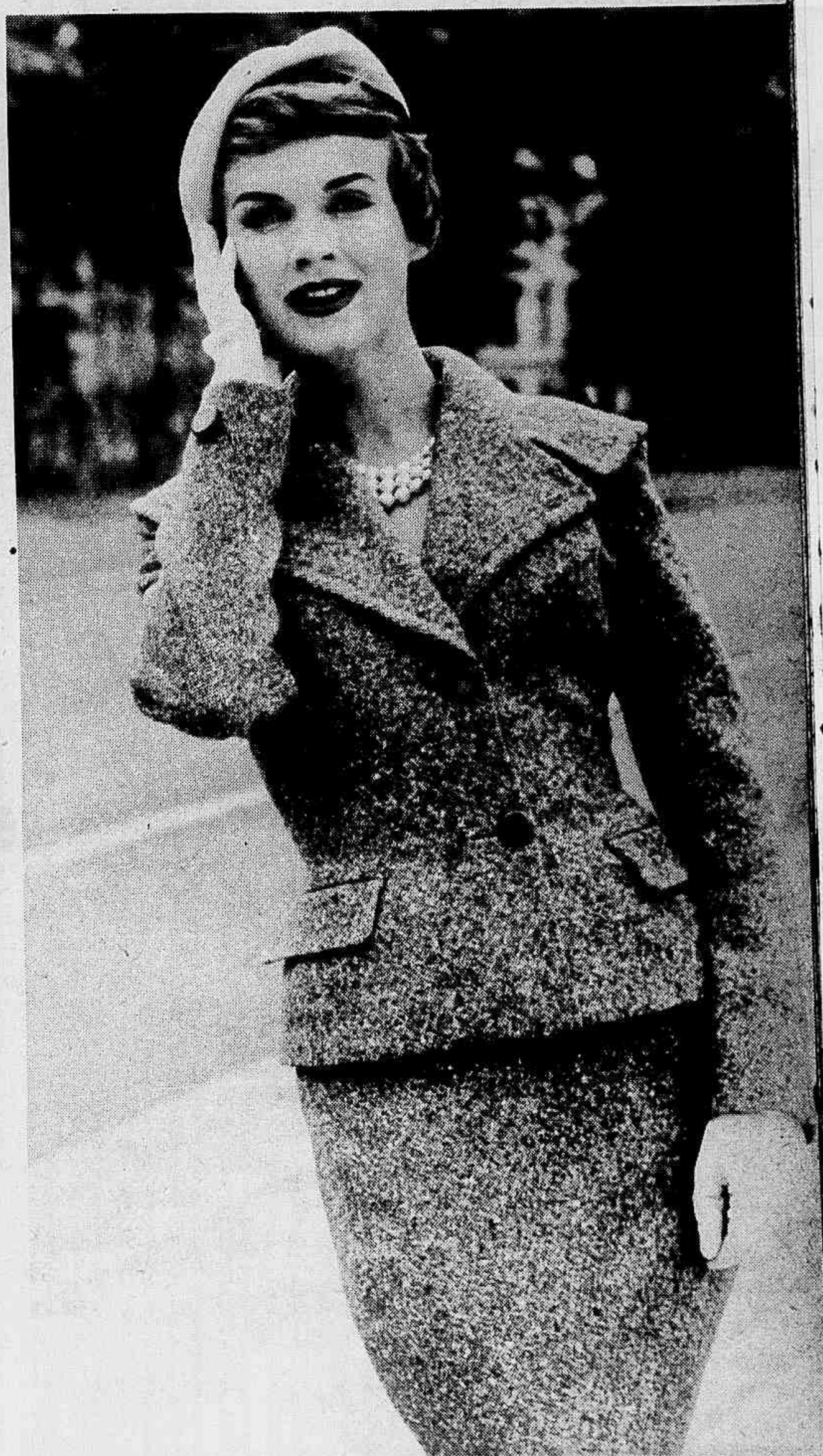
As novidades da Moda esta semana:

1. Flávio de Carvalho está no Rio estudando o novo lançamento da sua moda de saíotes (roupa de verão) para homens.
2. A reação contra a moda "saco" (não confundir com o "chemisier") está conseguindo sucesso: sete mulheres em dez são contra ela. As outras três são moças altas e magras. Oito homens em 10 são contra.
3. Apareceram roupas esporte para mulher (Amarylis de Paris) em matéria plástica. Dizem os lançadores que elas podem ser usadas no inverno e no verão.
4. Os turbantes voltaram. Não totalmente, mas disfarçados em chapéus ou boinas. As abas foram condenadas para 1958.
5. Os botões para a próxima temporada são grandes. E os brincos pequenos. E os colares exagerados.

SETE MULHERES EM DEZ SÃO CONTRA A LINHA SACO



WAITE



TITO RECUSA ARMAS DE TIO SAM

PASSOU QUASE despercebida a primeira consequência política do lançamento dos "sputniks" nas relações entre a Iugoslávia e o bloco ocidental: Tito recusou armas norte-americanas — o que ocorre pela primeira vez desde o rompimento com Moscou, em 1948, e principalmente desde a reaproximação posterior à morte de Stalin.

Ao receber o embaixador dos Estados Unidos em Belgrado, Tito deu um passo importante na evolução das relações Leste-Oeste. Ao mesmo tempo, definiu nitidamente a posição da Iugoslávia, isto é, de um país líder do chamado bloco neutro, que transformara a "neutralidade ativa", em seu lema central nas relações com os países dos dois blocos.

Não se tratava, de fato, de mais uma audiência, na qual o marechal e o diplomata trocavam idéias de rotina. Ao contrário: neste encontro ele levou ao conhecimento do representante de Washington que acabara de tomar a decisão de renunciar à ajuda militar norte-americana, e que, no futuro, a Iugoslávia receberá armas da França, dos países escandinavos (especialmente da Suécia) e de "alguns outros países".



Tito & Krushev: reconciliação nos bosques de Belgrado

Por qu
Iugoslávia
entes r
idos, c
e fato; a
a direta
os o la
ixava
Tito na
nciar-se
que tan
alinista
ado ca
Ele con
ção de
ada em
nas nor
m dos
putnik
uer ou
ntre B
O qu
ontas,
ista Ti
nar em
aundo
está se
mento
viético
Seria
ue Ti
excl
enunc
obret
eguid
as, po
ão r
viética
esas,
No
ões e
ovo
ldas
Komi
es o
anha
Mu
Leste
testa
1.
a ac
país
cado
ceu
ta, r
maç
que
rige
tera
gue
do
2
pas
nor
tex
ex
Dij
fer
as
der
pa
lha
lar
rio

Por que? Aparentemente, porque "a Iugoslávia estava contrariada com as frequentes revisões, por parte dos Estados Unidos, da sua linha política externa". De fato, a decisão de Tito era consequência direta da superioridade soviética, que, após o lançamento dos satélites, não mais deixava sombra de dúvida.

Tito não fazia outra coisa senão dissociar-se dos adversários do comunismo (que tanto o haviam auxiliado na era stalinista), para reaproximar-se do chamado campo socialista.

Ele continua, por enquanto, em sua posição de neutralidade, mas a decisão tomada em relação ao fornecimento das armas norte-americanas não deixa de ser um dos fatos mais importantes de após-"putnik", indicando mais do que qualquer outro, o fortalecimento dos laços entre Belgrado e Moscou.

O que vem acontecendo é, afinal de contas, uma evolução normal, pois o leninista Tito, que sempre fez questão de afirmar em alta voz seu leninismo, quando o mundo inteiro só falava em stalinismo, está sendo levado pela força dos acontecimentos, na companhia dos "leninistas" soviéticos de tipo Krushev.

Seria, naturalmente, arriscado afirmar que Tito se aproximou de Moscou, única exclusivamente por ter declarado que renunciava às armas dos Estados Unidos. sobretudo quando esta renúncia não é seguida de fornecimento de armas russas, pois a verdade é que, até agora, Tito não recebeu nenhuma metralhadora soviética. Limita-se a esperar armas francesas, suecas e "de outros países".

No último semestre, sem que as relações existentes piorassem, nenhum dado novo veio estreitar as ligações estabelecidas desde 1948 (expulsão de Tito do Kominform) entre a Iugoslávia e os países ocidentais, notadamente a Grã-Bretanha, França e Estados Unidos.

Muito ao contrário, nas relações Tito-Leste, houve modificações, podendo ser destacados os seguintes fatos:

1. Prisão de vários oposicionistas, sob a acusação de distribuir no interior do país "propaganda ocidental". O comunicado da polícia de Belgrado não esclareceu de que espécie de propaganda se trata, mas, em troca, forneceu uma informação bastante significativa, ao anunciar que entre os presos figuravam vários dirigentes socialistas, alguns dos quais fizeram parte, logo após o fim da segunda guerra, do governo de coligação presidido por Tito.

2. Expulsão de Belgrado, no sábado passado, do correspondente da revista norte-americana "Newsweek", sob o pretexto de que esse distribuíra na Iugoslávia exemplares da "Nova Classe" de Milovan Djilas. "Newsweek" sempre focalizou o fenômeno iugoslavo com objetividade e às vezes, com simpatia. Seus correspondentes gozaram de relativa confiança por parte das autoridades de Belgrado, que lhes facilitavam o trabalho. A acusação lançada contra o jornalista norte-americano deve, pois, ser, direta ou indireta-

mente, relacionada à prisão dos dirigentes do ex-partido socialista, pois o tipo de "propaganda ocidental" que estes faziam era a distribuição de certos trechos do livro de Milovan Djilas, que se tem transformado numa espécie de Trotski do titoísmo.

3. Consequência normal desta situação é a perseguição movida contra toda a família de Djilas, que vive passando grandes dificuldades materiais, apesar dos direitos autorais que Milovan recebe de todos os países do mundo por seu livro. Este dinheiro porém não pode entrar na Iugoslávia e enquanto isto a mulher e os irmãos do autor diariamente seguidos pela polícia, que visa montar uma espécie de novo processo Djilas.

4. Um dos mais importantes acontecimentos na política exterior iugoslava, neste fim de ano, foi o reconhecimento, por parte de Tito, da Alemanha Oriental (República Democrática Alemã).

Até agora Tito mantivera relações diplomáticas com o governo da Alemanha Ocidental (República Federal Alemã), limitando-se a manter em Berlim apenas uma comissão militar cujas atividades não eram bem definidas. Durante a visita que o marechal Jukov fez a Iugoslávia, um dos mais importantes itens da agenda das reuniões foi o reconhecimento da Alemanha Oriental, pois Moscou se queixava sem cessar de que a Iugoslávia era o único país "socialista" que ainda não reconheceria o governo de Pankov.

Baseado na franqueza diplomática do Ocidente, Tito decidiu reconhecer a República Democrática Alemã, seguro de que, ao mesmo tempo, continuaria mantendo relações com o governo de Bonn. Mas Konrad Adenauer fez o seguinte raciocínio: se Bonn não rompe imediatamente com Belgrado, amanhã qualquer governo poderá reconhecer, ao mesmo tempo, os regimes de Pankov e Bonn, o que significaria não somente o fortalecimento do poderio soviético na Europa. E rompeu.

Para consolar o marechal, os comunistas alemães decidiram enviar a Belgrado uma missão importante, e elegeram para chefia-la a filha do presidente da Alemanha do Leste, Wilhelm Pieck, mulher que faz parte da velha guarda do Kominform, e que se destacou por suas atitudes antititoístas, durante a era de Stalin. Houve uma sensível melhora das relações diplomáticas e militares entre a Iugoslávia e seu pequeno vizinho, a Albânia, onde o stalinista Enver Hodja continua no poder.

6. Como último detalhe desta nova política, deve-se citar a melhora das relações entre Belgrado e o regime de János Kadar. Dias após o fim sangrento da revolução húngara, Tito deu asilo político ao "premier" Imre Nagy e a toda sua equipe governamental, considerada como "titoísta". Não será difícil reparar que Nagy foi completamente esquecido, enquanto Kadar se transformou em aliado.



Tito na frente de batalha: foi o único chefe comunista que ficou em seu país durante a guerra.

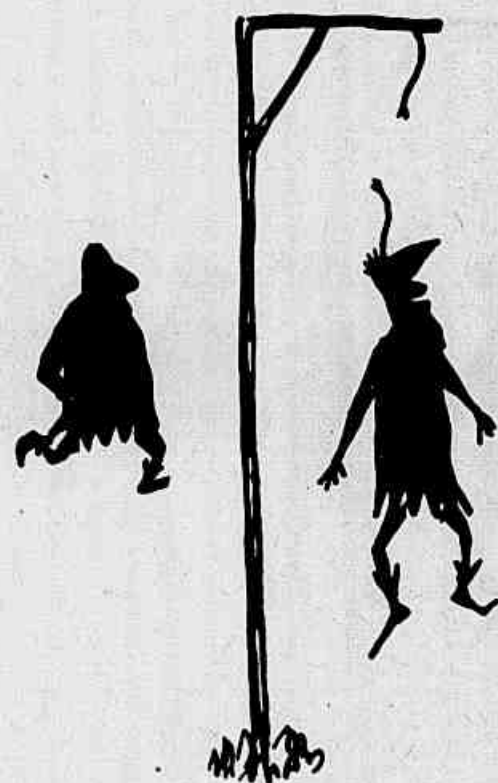
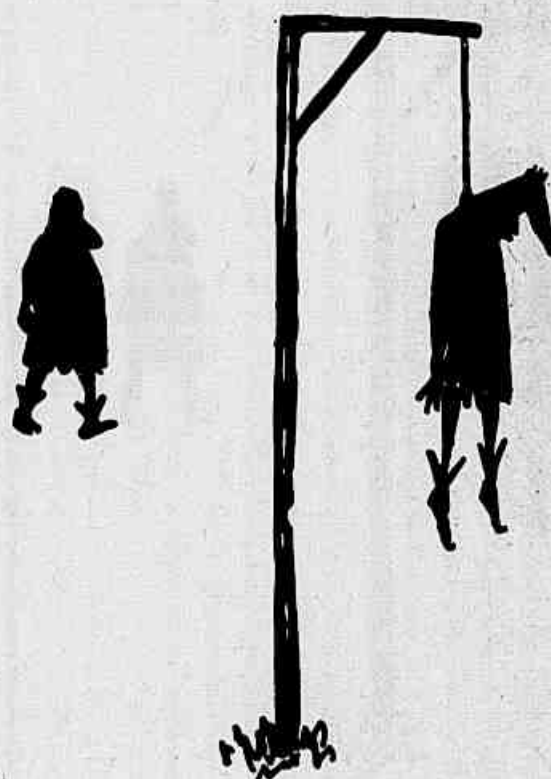


Foto APLA

EXCLUSIVO

VICKY DOUGAN

VICKY DOUGAN apareceu no banquete anual da UP com um vestido tão decotado atrás que imediatamente ficou famosa em todo o mundo. Justificando a sua maneira de vestir ela disse: — Eu não tenho nada na frente para mostrar. E não é justo que fique em inferioridade, nesta época de grande concorrência. No próximo número nós apresentaremos VICKY DOUGAN em fotos EXCLUSIVAS.



SAM FOI O MEU NOME DE GUERRA

JACK SOBLE

NOVA YORK, novembro — Na rede de espionagem soviética a comunicação mais inocente pode levar alguém a ser enganado pelos agentes da polícia secreta. Em junho de 1942 eu me encontrava em Montreal, Canadá, trabalhando como aprendiz de uma fábrica de cordas de propriedade de meu irmão Boris. Depois de chegar aos Estados Unidos (via Japão) em novembro de 1941, transferi-me com minha esposa Myra para Montreal sem informar a ninguém o meu paradeiro.

Apesar de ter prometido ao chefe da polícia secreta soviética, Laurenti Béria, que me converteria em seu espião nos Estados Unidos, decidi esquecer o meu passado e começar uma vida nova e limpa no novo mundo. Estando a milhares de quilômetros de Moscou, sentia-me perfeitamente seguro.

Um dia recebi uma carta de Amtorg, a missão soviética de compras comerciais em Nova York. A carta oferecia cordas para venda a preço muito baixo e atrativo. Dava a impressão de ser uma carta comercial e eu devia ir a Nova York a fim de examinar as amostras.

Em Nova York o gerente da Amtorg, um tal Fomin, saudou-me como se fôra um velho amigo. Seus preços entretanto eram mais altos que os do mercado. Foi então que vi que a viagem tinha sido inútil. Irritado e sem poder ocultar o meu aborrecimento, pedi que me explicassem porque na carta me deram informações erradas sobre os preços. Em vez de me responder Fomin me perguntou onde eu estava hospedado em Nova York.

— "Que tem uma coisa com a outra? — respondi.

— "Há pessoas que desejam vê-lo — disse ele.

Assustado, perguntei-lhe o nome dessas pessoas.

— "Seus amigos de Moscou que o ajudaram a vir aos Estados Unidos — disse. E eu lhe aconselho que siga suas instruções.

Tôdas as promessas de livre trânsito que me haviam sido feitas foram esquecidas. Imediatamente concordei em me reunir com as pessoas que me procuravam, e Fomin disse-me que às 10 horas da manhã seguinte eu devia estar no

"hall" do meu hotel, "Paris Hotel", situado à rua 97, esquina com avenida West End. Ali — segundo me informou Fomin — encontraria um homem robusto e alto que levaria em sua mão direita um exemplar do "Saturday Evening Post", com o dedo indicador entre as páginas da revista.

A hora marcada eu estava lá. O homem que me tinha descrito evidentemente já me conhecia, pois acercou-se de mim e me disse em russo:

— "Eu sou Vassili Machailovitch. Por que razão você se escondeu? Necessitamos de seus serviços".

Eu lhe expliquei que havia trabalhado no Canadá para poder sustentar minha família.

— "É necessário que se mude imediatamente para Nova York — disse-me. Não há tempo a perder e você não tem outra saída, camarada".

Michailovitch, um homem de aspecto repugnante, não dava a impressão de estar enganando.

O agente principal (mais tarde vim a saber) era Vassili Zubilin, chefe de todos os representantes da polícia secreta soviética nos Estados Unidos; deu-me 96 horas para ir ao Canadá, reunir minha família, minhas propriedades e regressar a Nova York.

Quatro dias depois encontrei-me com Zubilin à entrada do Teatro Bacon, em Nova York. Ali recebi minha primeira missão e o nome secreto de "Sam".

Zubilin, que trabalhava encoberto pela sua posição diplomática como terceiro-secretário da Embaixada Soviética em Washington, disse-me que iria trabalhar sob suas ordens.

Minha missão imediata era investigar os grupos trotskistas e as organizações judias.

Zubilin explicou-me que na cidade de Nova York havia três grupos trotskistas e que em cada um deles se instalara um agente russo.

Disse-me também que eu teria a tarefa de compilar toda informação obtida por estes ou outros agentes, e que logo deveria passá-la a outro russo que mais tarde conheci pelo nome de Sergei (Sérgio).

Ao explicar-me como devia colher in-

formações sobre o movimento sionista e a UJA (United Jewish Appeal — União Judaica) Zubilin me informou que a Rússia considerava o judaísmo como um inimigo e como uma ameaça para o comunismo.

O judaísmo tanto como o catolicismo e todas as outras religiões servem de "disfarce do capitalismo e da exploração do proletariado".

Tendo-me educado em família lituana profundamente devota e em ambiente de tradições religiosas, natural seria que suas palavras me ofendessem. Todavia, cego por minhas crenças comunistas, que se haviam convertido em minha única religião, aceitei-as sem protesto. Zubilin me dera mais de mil dólares por mês para cobrir minha renda e para pagar meia dúzia de agentes que se encontrava sob minha direção. Os agentes recebiam de 100 a 150 dólares mensais.

Mantive contato com os três agentes trotskistas a fim de receber suas informações, cada encontro em um restaurante diferente. Esses agentes me informaram os nomes e os endereços de seus grupos, e o que ocorria em cada uma de suas reuniões as atividades e tendências gerais do movimento trotskista.

Um homem e uma mulher bonita, ambos comunistas convictos foram designados para os escritórios da UJA. Através deles obtive cópias da correspondência secreta entre os líderes sionistas e o nosso Departamento de Estado, assim como informações pormenorizadas das conversas telefônicas.

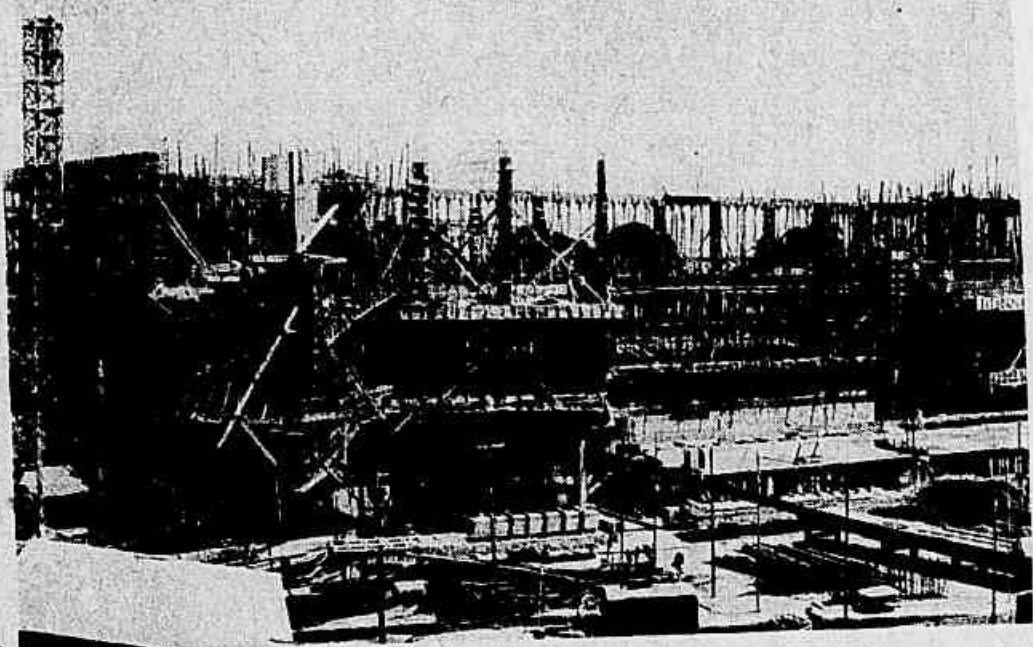
Em diversos pontos das reuniões realizadas em Times Square, recebi informações minuciosas sobre as atividades de outros grupos judeus. Desde o verão de 1942 até fins de 1944 tive freqüentes encontros com Zubilin, que se encontrava quase sempre embriagado.

Zubilin preferia as bebidas: coquetel Manhattan e Martini Sêco. Na União Soviética só bebia vodka e conhaque.

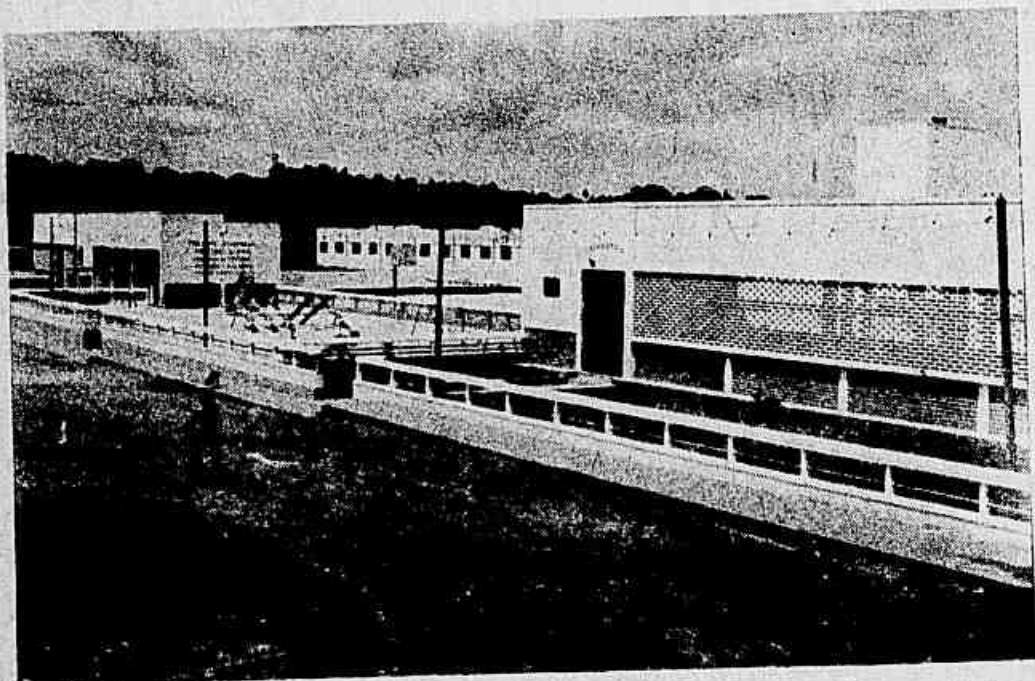
Em março de 1944 me declarou que eu tinha me tornado credor da confiança do governo soviético e que seria recompensado com a tarefa mais importante da minha carreira.

NO GOVÊRNO DA BOA TERRA

BALBINO ESTÁ EM DIA COM O POVO



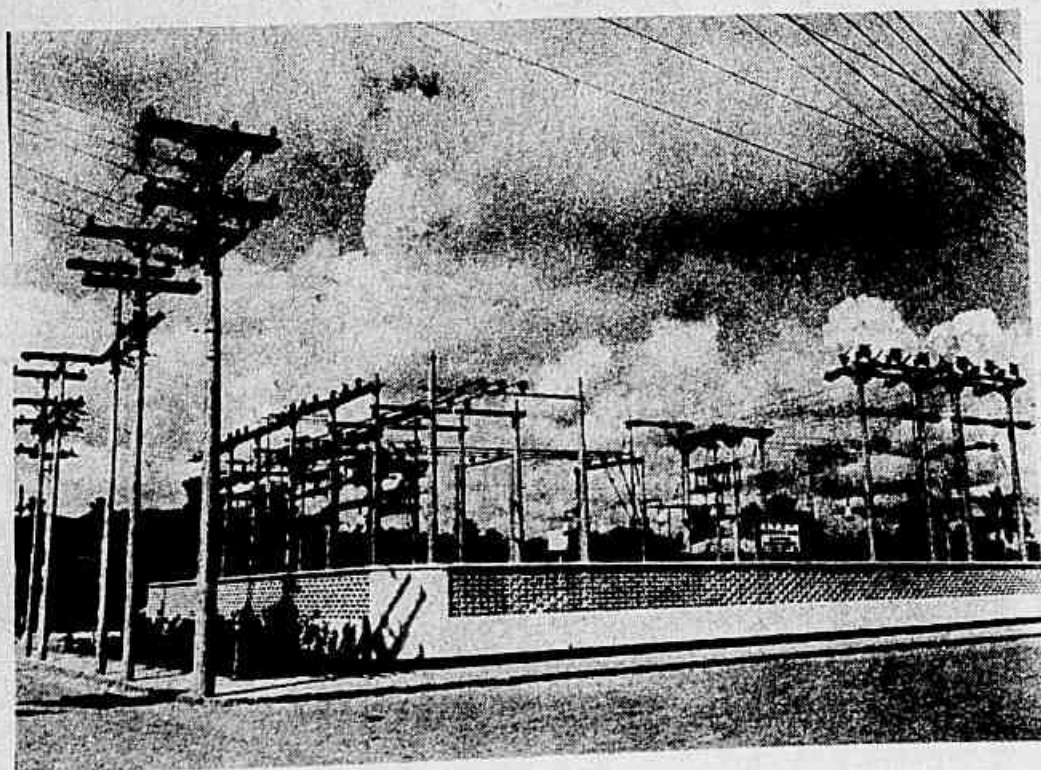
Estado atual das obras do imenso palco. Todo o projeto está sendo executado em ritmo acelerado.



Um dos conjuntos assistenciais (modernos e completos) construídos para a pobreza.



Trecho de estrada pavimentada. Cerca de mil quilômetros de boas rodovias estão concluídos.



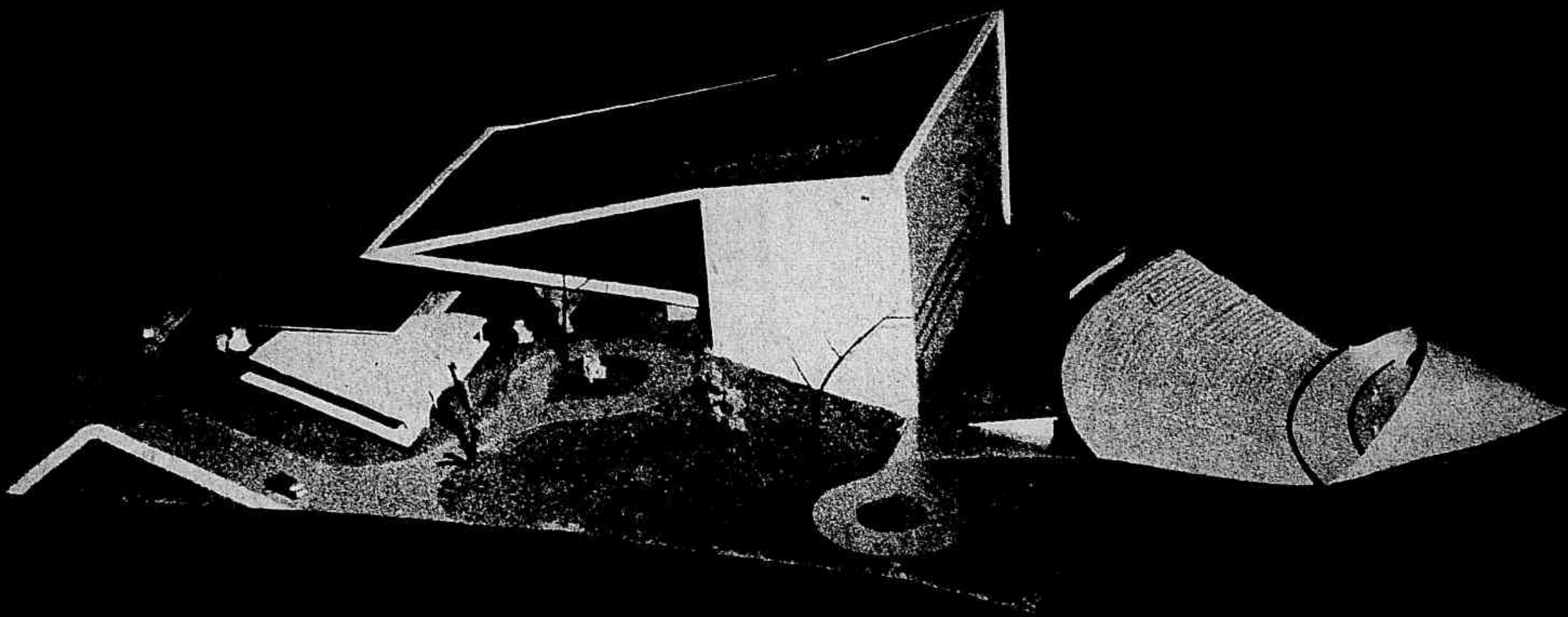
Sub-estação de Mata de S. João, importante obra do setor de energia elétrica.

Reportagem de ADALBERTO MENDES

E' FORA DE DÚVIDA que a Bahia atravessa no momento uma fase de seguro e constante progresso. A crescente atividade da exploração petrolífera que a riqueza do seu subsolo propicia à Nação, junta-se a iniciativa particular, e sobretudo, à ação de um governante moço porém sereno e firme nos seus propósitos de realizar. Recebendo o Estado em situação das mais precárias, Antônio Balbino decidiu recuperar a terra baiana mediante um programa de trabalho e probidade que alcançou os resultados desejados. Esta reportagem mostra, apenas com os serviços a cargo de uma secretaria, a da Viação e Obras, como Balbino ataca, ao mesmo tempo, problemas fundamentais os mais diversos, tais como transportes, energia elétrica, saneamento, cultura, assistência social e outros, na Capital como no interior, sempre visando ao desenvolvimento do Estado e às prementes necessidades da população. Mostrando ser um homem de grande sensibilidade, Balbino voltou-se para o pobre e deu-lhe ajuda e amparo através de uma cadeia de conjuntos assistenciais completos, que vêm sendo montados junto aos aglomerados humanos mais desfavorecidos da sorte. Antônio Balbino é hoje uma das figuras centrais do panorama político nacional. Para tanto, muito contribuiu sua atuação à frente do governo baiano. E' que ele está em dia com o povo, e isto, na vida pública de um homem, sempre tem muito valor.

TEATRO CASTRO ALVES

Está sendo levantado em Salvador o Teatro Castro Alves. Ali, no bonito recanto do Campo Grande, ergue-se uma das maiores e melhores casas de espetáculo das Américas. Sobre



Maquette do Teatro Castro Alves, que será o mais moderno do Brasil. A direita, vestibulo independente. Ao centro, platéia e palco. A esquerda, anfiteatro e concha acústica.

essa realização do governo Balbino vamos ouvir a palavra do engenheiro Josaphat Borges, titular da secretaria de Viação e Obras da Bahia, supervisor da grande obra. O nosso entrevistado é uma das mais importantes peças da equipe de colaboradores diretos de Antônio Balbino. Moço e idealista, é um executor entusiasta da parte que lhe toca. E ninguém melhor do que ele nos poderia descrever a majestosa realização.

No seu gabinete, várias maquettes, plantas e desenhos do grande teatro.

— Por que o governo decidiu-se pelo projeto em execução?

— O anteprojeto anterior parecia superado, face, principalmente, à contínua evolução dos princípios arquitetônicos. O projeto aprovado, de autoria de José Fonyat Filho e Humberto Lemos Lopes, é, sem dúvida, mais moderno, mais arrojado, possuindo melhores condições plásticas e funcionais.

— Quais as principais características do teatro?

— O Teatro Castro Alves está sendo construído em obediência à mais acurada técnica. Poderá, dentro de sua elasticidade, e de maneira perfeita, funcionar como teatro lírico, centro comunal, teatro de comédia e salão de concertos. Visibilidade, refrigeração, acústica, hidráulica, iluminação, foram outros tantos problemas solucionados, sem exceção, face às melhores normas de direção cênica e de funcionamento teatral.

O vestibulo, em bloco funcional independente, grandioso e belíssimo, permitirá a sua destinação para outras finalidades, tais como exposições e recepções. Possuirá jardim interno, bares, chapelaria, sanitários e cabines telefônicas. Piso, colunas e paredes, revestidos de mármore. Esquadrias executadas em alumínio anodizado em negro, com vidro tipo cristal. Anexo ao teatro funcionará um anfiteatro ao ar livre provido de concha acústica.

— Qual a capacidade do teatro?

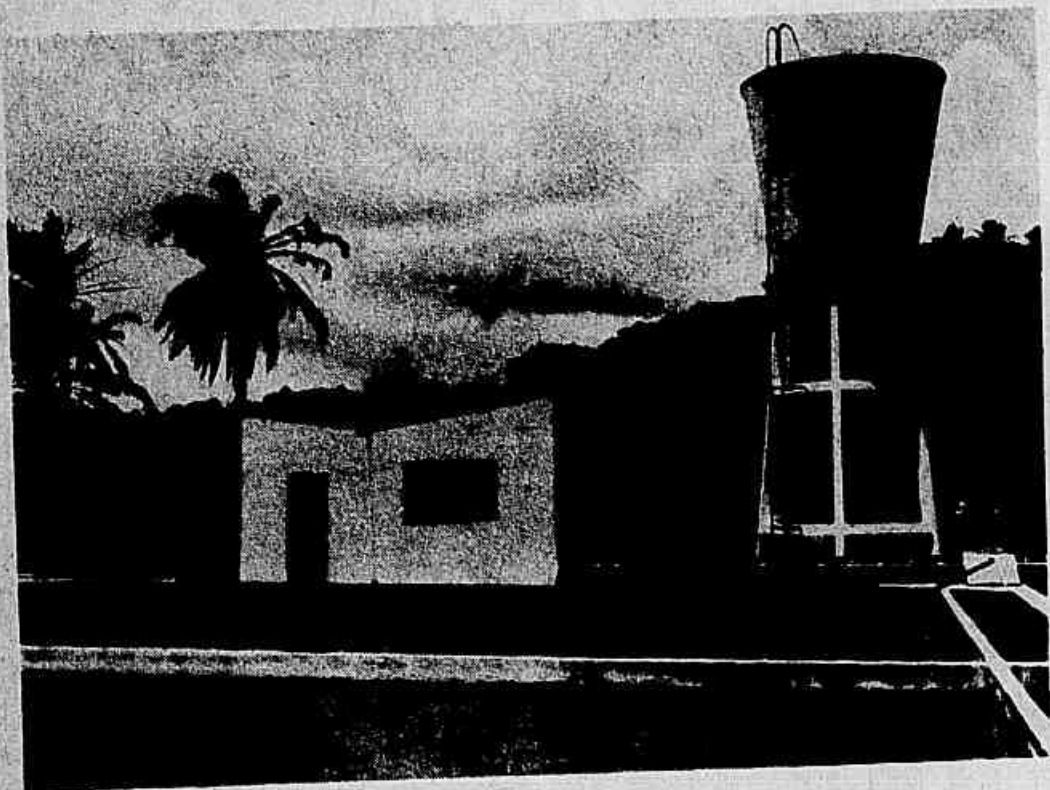
— A lotação é de 1.750 lugares para uma cidade de 500 mil habitantes. Mais do que o suficiente, levando-se em conta que os teatros municipais do Rio e S. Paulo em pouco excedem aquela lotação, para cidades de 3 milhões de almas. O referido limite, aliás, é o aconselhado pela moderna técnica teatral. A platéia foi estudada de maneira a dotar o espectador do máximo conforto, quer pelo desenho e acabamento das poltronas, criadas para reduzir ao mínimo a absorção sonora estejam ou não ocupadas, quer pelos requisitos de acústica e visibilidade. Circulação fácil, acessos largos, passagens amplas.

— Por que a platéia é única?

— Há quem defenda a separação marcante das classes sociais através de galerias, poltronas, frisas e camarotes. Somos, todavia, contrários a essas distinções discriminativas, que, em verdade, nos parecem odiosas e condenáveis, máxime quando se trata de um teatro moderno, projetado de acordo com os ditames mais avançados da técnica e do estilo funcionais. Ademais, o poder público, no seu dever de difundir a educação e a cultura, possibilitará ao povo assistir, gratuitamente ou a preços populares, os melhores conjuntos cênicos do país e do exterior. Daí a platéia única, ampla e majestosa, proporcionando, ao pobre e ao rico, idênticas vantagens e regalias.

— E o palco?

— O palco foi objeto de cuidados especiais. Poderá encenar os mais diferentes espetáculos, sejam ópera, "ballet", drama, comédia, concerto, etc. Trezentos artistas poderão, de uma só vez, representar no palco imenso. Movimentação automática de cenários. Presença do ciclorama. Iluminação telecomandada. Cabines de rádio e de televisão. Efeitos adicionais de chuva, fumaça e nuvens. Palco móvel, com elevação ou



No Governo da Boa Terra

Mais estradas mais energia mais água

Moderna estação de tratamento d'água do Retiro

abaixamento de qualquer de suas seções. Caixa de orquestra em estrutura metálica. Camarins individuais e coletivos.

Não tenha dúvida de que é uma obra notável. O que há de mais moderno, de mais técnico, de mais avançado, foi congregado para fazer do Teatro Castro Alves, não apenas um bom teatro, mas um dos melhores da América Latina. Algumas das maiores sumidades nacionais e estrangeiras, técnicos em teatro, acústica, hidráulica, eletricidade, refrigeração, concreto armado e estrutura metálica, colaboraram no projeto, como Fritz Hermann, H. Simon, José Braude, Júlio Kassoy, Mário Franco, Leo Upenieks, Aldo Calvo, Serebranik e Martin Gonçalves. Não é obra de improviso. É um projeto que honra os seus autores e enaltece o governo fecundo do sr. Antônio Balbino.

— Para quando está prevista a sua inauguração?

— O Teatro Castro Alves estará concluído e será inaugurado no dia 2 de julho de 1958. As obras marcham em ritmo acelerado, trabalhando-se dia e noite. Tudo está meticulosamente previsto para a triunfal abertura, naquele dia, da grande casa de espetáculos, quando será destruída a última descrença obstinada.

RODOVIAS

Segundo as diretrizes adotadas desde o início do atual governo, continua em plena execução o plano rodoviário elaborado pelo Departamento de Estradas de Rodagem, o que permitiu a essa dependência da Secretaria de Viação o retorno à sua condição de operosidade, condizente com a disciplina e a rígida orientação que Balbino imprimiu aos negócios públicos. A extensão anterior, já aberta, de 414 quilômetros, somam-se agora mais 550 quilômetros, que o Governo está em vias de inaugurar. Além disso, prosseguem os serviços de asfaltamento das estradas principais, bem como são alargadas e melhoradas outras já existentes.

ENERGIA ELÉTRICA

Foram inauguradas, no dia 30 de novembro de 1957, a Subestação Transformadora e as linhas de distribuição da cidade de Mata de São João, empreendimento importante no plano de desenvolvimento daquela região e parte integrante do Plano de Eletrificação do Recôncavo Baiano. É mais uma importante obra do Governo Antônio Balbino, construída em tempo recorde, através da Secretaria de Viação do Estado. Ontem, era Santa Inês, iluminada com o aproveitamento da Cachoeira do Inferno. Agora é Mata de São João. Não se trata, evidentemente, de obra demagógica em véspera de eleição. Mas de solução definitiva do problema da eletrificação para a vasta área do "hinterland" baiano, obedecendo rigorosamente a um criterioso estudo da respectiva região geo-econômica. Os serviços técnicos da Secretaria de Viação já marcham na direção de Pojuca, Catu e Dias Dávila com a posteação e linhas de transmissão. No sudoeste baiano, o programa

de eletrificação do Governo Balbino beneficiará, depois de Santa Inês, os municípios de Brejões, Ubaira, Itaquara e Jaguaquara. Balbino polariza, com essa realização, o reconhecimento do povo do interior baiano, que finalmente vê atendida uma das suas mais antigas e importantes aspirações. É este um programa arrojado e em franca execução, que visa a atender, com energia de fonte hidráulica, mais de 48 municípios e mais de 60 localidades.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O abastecimento d'água da Cidade do Salvador foi melhorado com o acréscimo de mais de 18.000.000 de litros diários e com a construção de mais de 36.000 metros de novas linhas de distribuição nos diversos bairros. Agora, a água é distribuída gratuitamente nas zonas operárias através de mais de uma centena de chafarizes. Independente da rede geral foram executados os serviços de abastecimento de água dos bairros de Plataforma, Bate-Estaca e Itapoan. No interior do Estado, estão prontos os serviços de abastecimento d'água das cidades de Amargosa, Barreiras e Ribeira do Pombal. No mesmo sentido, prosseguem os trabalhos nas cidades de Angical, São Félix, Miguel Calmon, Santa Inês, Nazaré e Caravelas, achando-se em estudos os de Santo Amaro, Jequié, Acajutiba e Nova Soure.

ASSISTENCIA SOCIAL

No sentido de amparar e proteger as populações pobres da capital e do interior, o governo baiano está levantando uma grande obra de assistência social, em conjunto que reúnem os elementos essenciais à vida da comunidade trabalhadora: escola, médico, dentista, artesanato, enfermagem, assistência farmacêutica, lavanderias públicas e parque para recreação infantil; tudo para uso gratuito do povo. Em Salvador já foram construídos os seguintes conjuntos assistenciais: N.S. de Guadalupe no Alto do Peru, Santa Luzia no Engenho Velho, Santa Terezinha em Escada, São Braz em Plataforma, N.S. de Fátima no Alto das Pombas, São Gonçalo na Federação, Cardeal da Silva em Cosme de Farias, São Judas Tadeu no Pau Miúdo, B. Lafont em São Caetano, Senhora Santana no Rio Vermelho, Donana Amado na Cruz do Cosme, Ministro Alkmim na Vila Ruy Barbosa, Prof. Almir de Oliveira em São Gonçalo do Retiro Prof. Aristides Novis na Avenida Vasco da Gama, Eng.º Lauro de Freitas em Paripari, Prof.ª Júlia Kubitschek em Curuzu, Manoel Vitorino em Brotas, Prof. Sabino Silva em Amaralina, D. Julieta Calmon em Bolandeira, Deputado José Mariani em Itapoan, Deputado Gercino Coelho em Pirajá, Santo Antônio na Avenida Santo Antônio e outros em Madre Deus e Mata Escura. No interior do Estado da Bahia está em execução um programa de quarenta conjuntos assistenciais. Essa obra é um dos pontos de referência mais primorosos que se pode fazer à administração Balbino.

Lady Maxwell informa

A SENHORA ANDRE MORONI que esteve no Rio fez como desejava, o seu sucessozinho... Seu marido também...

SÃO REALMENTE MUITO elegantes os vestidos de "Dior" da senhora Tereza Souza Campos, executados pela modista Jurema ali na Rua Rodolfo Dantas...

NA FESTA OFERECIDA pelo sr. e sra. Samuel Wainer, em sua residência de Cosme Velho (nas vizinhanças do solar dos Marinho), para homenagear o casal Moroni, o senhor Ricardinho Fassanelo estava tão sem graça com suas piadas, e sua presença de "Play-Boy" "sem conta bancária", que o senhor Gustavo Magalhães lhe ofereceu um crédito em um banco para ele fazer uma viagem a São Paulo...

A "BOITE" "MICHEL" que se inaugurou recentemente em São Paulo, já está cadastrada pelos policiais que combatem o tóxico na capital paulista, hoje o centro dessas atividades do país, em virtude de ter-se transformado em ponto preferido de um grupo de viciados... É lamentável porque São Paulo necessita de uma "boite" de classe, e o "Oásis" como todas nós conhecemos é o fim... Todavia, ainda está em tempo dos proprietários do "Michel" salvarem seu "night-club".

COM A VIAGEM DA SRA. Gilda Forbes para Europa, o sr. Francis Forbes e a sra. Maite D'Orey, cancelaram a viagem que planejavam ao Velho Mundo...

SERÁ DIA 18 próximo o casamento da senhorita Jane Mary Hime com o sr. Luís Ribeiro Pinto Neto.

FALANDO EM CASAMENTO, esses rapazes que circulam por aí são mesmos fiascos. Uma das moças mais bonitas do Rio (além disso, educada, elegante, e grande herdeira) é a senhorita Mary Jor-

dan. Mas até hoje ela ainda continua sem par...

A MAIOR ESCAPADA do ano foi sem dúvida da sra. Vânia Pinto, que há meses partiu para Nova York e lá ficou... Comenta-se que ultimamente, nem pelo telefone o galante Chico Eduardo de Paula Machado tem conseguido falar com ela...

O SENHOR IBRAHIM SUED tem sido infeliz com sua campanha contra a bonita, elegante e nova moda "saco". Bem se vê, que ele não entende mesmo, de moda feminina... Mas a sua petulância chega até ao ponto, de querer ditar a moda feminina no país.

AO QUE PARECE o romance da senhora Pomona Politis com o senhor Virgílio Carneiro vai se consolidando dia a dia...

UMA DAS FESTAS mais animadas da semana que passou foi oferecida pelo brigadeiro e senhora Dario Azambuja em seu bonito apartamento da avenida Atlântica para comemorarem a formatura de Marcos, no "Rio Branco".

É SEM DÚVIDA MUITO "demodé" o que vem acontecendo com algumas senhoritas maiores de idade que se fazem acompanhar de suas mães em todos os lugares a que comparecem. Uma delas é a senhorita Sônia Maria Soares de Araújo, que até ao cabeleireiro vai em companhia de mãe. E Soninha já está quase completando seus vinte e cinco anos de idade...

O AMOR FOI MESMO mais forte: Depois de quatro anos de separação, Stélio e Hilda Belchior se reconciliaram e estão em plena lua de mel. A senhora Belchior deve estar mesmo feliz. Casamento em duas épocas nos tempos atuais é difícil...



Terezinha Morango está perdendo muitas cartas e, além disso, está muito gostando. Em Paris ganhou mais 5 quilos.

E meus amiguinhos um feliz Natal para todos e durmam tranquilos que vocês nunca conseguirão o meu verdadeiro nome. Eu confesso que estou me divertindo muito com todos vocês!

DA DIFICULDADE DE TRADUZIR

O SR. LUÍS CARLOS PRESTES apresentou (em nome do "Presidium") um Informe ao Comité Central do Partido Comunista Brasileiro. O Informe foi publicado na íntegra sob o título "A Situação Política e as Tarefas do Partido" no número 412, de 27 de abril deste ano da "Voz Operária".

O mesmo Informe foi reproduzido (em russo) na revista "Kommunist", órgão do Partido Comunista da União Soviética, quatro meses depois.

A "Tribuna da Imprensa" (Rio) traduziu um trecho do Informe publicado na revista soviética e publicou na primeira página de sua edição de 18 deste mês, com a manchete: "Prestes Prevê a Queda de Kubitschek".

Eis o trecho da "Tribuna da Imprensa": "As atuais condições vigentes no Brasil são adequadas à política antinacional e antipopular do Governo Kubitschek e à sua derrubada" — é o que diz o sr. Luís Carlos Prestes em artigo publicado na revista soviética "Kommunist", editada em Moscou. E Prestes continua: "Dada a presente situação internacional e do Brasil, e dada ainda a presença de um poderoso campo socialista e a crescente influência das idéias de paz, liberdade e socialismo, nenhum governo pode executar impunemente uma política antinacional e antipopular. A experiência dos governos de Dutra, de Vargas, de Café Filho e de Carlos Luz mostra claramente que qualquer tipo de governo que não seja sustentado pelo povo, que não satisfaça as necessidades da maior parte da nação, e que obedeça à política ditada pela maioria reacionária brasileira e pelas classes dominantes dos Estados Unidos está fadado a desaparecer".

O trecho traduzido do português para o russo e novamente traduzido do russo para o português pela "Tribuna da Imprensa" está escrito assim no original ("Voz Operária"):

"Existem condições reais para resistir vitoriosamente à política antinacional e antipopular do governo do sr. Kubitschek e derrotá-la. Nas atuais condições do mundo e do nosso país, diante da força do campo socialista, da influência crescente das idéias de paz, liberdade e socialismo entre milhões de seres humanos, nenhum governo poderá fazer impunemente uma política antinacional e antipopular. A própria experiência dos governos

de Dutra, de Vargas, de Café Filho e de Carlos Luz mostra claramente que não tem futuro um governo que não se apóia no povo, que deixa de satisfazer as exigências da maioria da nação e realiza a política da minoria reacionária e dos círculos governantes dos Estados Unidos". Confrontando a tradução com o original o leitor chegará a conclusão de que traduzir não é coisa tão fácil como se pensa. Prestes falou em derrota da política de Kubitschek e não na derrubada de JK.

x x x

PELA PRIMEIRA VEZ na imprensa brasileira um jornal ("O Globo", do Rio) publicou um anúncio perfumado. O anunciante: Perfumaria Dana. O produto anunciado (e o perfume): Tabu.

O anúncio saiu na 1.ª página de "O Globo" feminino. Além de perfumado era colorido de vermelho. O perfume foi acrescentado à tinta vermelha (comum) de impressão.



De quebra, o "Rei da Voz" — que anunciou na última página do mesmo caderno, a côres — teve a sua máquina de lavar roupa (Prima) perfumada também de Tabu, por causa do vermelho.

E no dia seguinte o "O Globo" ainda saiu cheiroso. Motivo: sobrou tinta vermelha da véspera.

HOUE UM ROMPIMENTO espetacular entre o prefeito Negrão de Lima e o líder da UDN, deputado e jornalista Carlos Lacerda.

Os dois políticos sempre mantiveram boas relações. Recentemente, com as críticas formuladas na "Tribuna da Imprensa" e na Câmara Federal à administração municipal, o sr. Negrão de Lima resolveu escrever quase diariamente cartas à redação da "Tribuna" contestando o sr. Lacerda. E na última, o fez em tom veemente, referindo-se a "calúnia", "difamação", etc. O sr. Lacerda publicou a carta com um artigo dos mais violentos, em que fez as mais graves acusações, de ordem política e pessoal, ao sr. Negrão de Lima, cuja honradez pôs em dúvida.

Em outro estilo, o sr. Lacerda fez discurso na Câmara criticando a recente lei, que resultou na mensagem 53, e que, aumentando impostos, etc. deu recurso ao Prefeito para o seu "plano de Obras". O sr. Negrão de Lima gostou do discurso, assinalando, inclusive, que lhe servira para tomar várias providências.

x x x

NUMA CONVERSA com jornalistas sobre recursos para a Previdência Social, o sr. Afonso Arinos, recém-chegado da Europa, falou que na Itália o que dava muito dinheiro era a "Loteria Esportiva", já tentada aqui, sob forte oposição da UDN na Câmara Municipal.

No dia seguinte, alguns jornais (especialmente a "Última Hora") noticiaram que o sr. Arinos apresentara projeto criando a Loteria Esportiva. O sr. Arinos contestou: fizera vaga alusão ao problema, não apresentara projeto, não apresentaria, etc. Os jornais deram o desmentido, e, no dia seguinte, alguns deles, noticiavam: órgãos esportivos deverão reunir-se para examinar "o projeto Afonso Arinos que cria a Loteria Esportiva em favor da Previdência Social".

O sr. Arinos desistiu de fazer qualquer desmentido, aceitando um velho conselho do sr. Afonso Pena, de que no Brasil ninguém lê as coisas direito e, portanto, todo esclarecimento é inútil.

x x x

O DEPUTADO Emílio Carlos pensa fundar revista em São Paulo, em 1953.

1 — CONTRA O SUPREMO, PELO SUPREMO

2 — AO SENHOR NEGRÃO DE LIMA

3 — PLANO PC

4 — OS ERRINHOS DO SENADOR

EM RESPOSTA A CRÍTICAS formuladas pelo sr. Carlos Medeiros, procurador geral da República, à Oposição e pessoalmente ao sr. Afonso Arinos, o representante mineiro fez na Câmara um discurso de grande repercussão sobre a função do Supremo Tribunal Federal em face das instituições brasileiras.

A tese do líder udenista é a de que, em circunstâncias fundamentais da vida nacional, o Supremo demitiu-se. E citou, como argumento recente e concreto, a posição da alta Corte no 11 de novembro, negando mandado de segurança ao presidente constitucional deposto, mediante a confissão do ministro Nelson Hungria de que, mesmo concedida a medida judicial, ela não poderia ter força de execução, pois estávamos diante de uma revolução.

Nesse roteiro, poderia o sr. Afonso Arinos ter citado muitos casos, de notória influência política em decisões do Supremo Tribunal Federal.

E' possível que, advertido de tais erros — fato raro, entre nós, onde se criou uma espécie de imunidade em torno de suas decisões o Supremo Tribunal Federal recupere a grandeza que lhe cabe no quadro de nossas instituições políticas.

HA COISAS QUE não podem ser compreendidas numa cidade que se preza. Citamos duas: na rua Alexandre Ferreira, no Jardim Botânico, há um canal que é sistematicamente usado como depósito de lixo de certas casas das imediações. Na praça Eugênio Jardim, Copacabana, também se faz, ostensivamente um depósito de lixo num recanto, durante todos os meses do ano.

Não se conhece uma providência da Prefeitura visando impedir os dois absurdos. Se tais coisas ocorressem esporadicamente, vá lá. Seria deficiência da Fiscalização, de certo modo tolerada numa cidade como o Rio. Trata-se, porém, de hábito que vai de janeiro-a-janeiro, contribuindo para a sujeira da cidade e agravando as condições sanitárias de dois importantes bairros da cidade. E nada acontece.

A RÚSSIA E QUANTOS defendem o restabelecimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com os países da Cortina de Ferro, conseguiram mais um tento: a oferta espetacular, em condições excepcionais de preços, prazos, etc., de 10 mil carros para oficiais das forças armadas, e petróleo, equipamentos, etc. para a Petrobrás.

O plano foi ardiloso. Quando os Estados Unidos recusam ou retardam financiamentos ao Brasil — para necessidades imediatas nossas (excluindo Brasília, negociação a que deu toda força o sr. Kubitschek) — os russos abrem as portas de sua indústria e do seu comércio, através de uma esquisita firma de

200 mil cruzeiros de capital, para fornecer milhões e milhões de cruzeiros, em condições de "pai para filho". E com objetivos certos, embora, no primeiro caso, desprimoroso para as nossas forças militares: carros baratos para oficiais filiados ao Clube Militar, e equipamento para a Petrobrás, em torno da qual está mobilizada a opinião pública, inclusive advertida de que trustes americanos querem a sua destruição.

O sr. José Jofily, líder governamental, anunciou em entrevista que, em abril, a Câmara divulgará os resultados da Comissão de Inquérito sobre as companhias americanas de petróleo e a publicidade institucional que realizam.

E' outra etapa do plano de reatamento das relações Brasil-Rússia (no campo exterior) e legalidade do Partido Comunista (no campo interno) dentro do qual tantos episódios já se desenvolveram, a partir da reaparição do sr. Luís Carlos Prestes, e da demissão do sr. Nereu Ramos do Ministério da Justiça quando tomou conhecimento de compromisso dos srs. JK e Jango para fazer voltar à atividade o Partido Comunista.

Outros lances virão, e tudo indica que terão grande influência psicológica e política nas eleições gerais de 1958.

O SENADOR CUNHA MELO (PTB) anunciou, com boas razões, que o Projeto de Lei Orgânica da Previdência Social, votado na Câmara, como resultante de um acordo das forças políticas — principalmente UDN-PTB — está cheio de erros, omissões e imperfeições, cabendo ao Senado corrigi-las. Ótimo.

Mas, logo anunciou: não é preciso dar mais dinheiro à Previdência, e é indispensável manter a aposentadoria por tempo de serviço-30 e 35 anos, com o mínimo de 55 anos de idade.

Ora, aí está o problema: o projeto contém erros, e muitos. Mas, nenhum deles compromete gravemente o sistema econômico-financeiro da Previdência social. A aposentadoria-ordinária, legítima reivindicação das classes trabalhadoras, está prevista, entretanto, sem condições financeiras para a sua cobertura.

Manter a aposentadoria ordinária, — e o Senado não a recusará, e se a recusasse, a Câmara, aonde voltará o Projeto, a manteria — e não dar recursos à Previdência, é comprometer irremediavelmente as bases econômicas do sistema, diante do que os outros erros mencionados vagamente pelo senador Cunha Melo não têm significação maior.

Daí, conclui-se: não há coragem e ousadia para falar francamente aos trabalhadores, dizendo-lhes que, para terem aposentadoria por tempo de serviço, têm de pagar mais; tenta-se, por outro lado, agradá-los e aos empregadores, diminuindo as taxas que geram salários e a economia brasileira em geral. Tudo isto, por conta de quem? Das reservas da Previdência, já desfalcadas. Mas, a solução Cunha Melo tem uma vantagem: passar a bomba a outras mãos, nas quais fatalmente estourará...

ÀS PORTAS DE 1958

NO LIMIAR do Ano Novo, ainda sob a unção dos cânticos e dos votos do Natal, inquieta-nos o que está por vir.

O MUNDO rachou-se em dois blocos irreconciliáveis, perdendo definitivamente a segurança. Prosseguirão, nas conferências, os esforços pela paz inútil, mas as fábricas acelerarão os engenhos de guerra, e até os céus — outrora dos poetas e das estrelas — enchem-se de instrumentos de asfixia e de morte, disputados pelas nações que buscam a hegemonia da ciência moderna.

NO BRASIL, os homens se dividem e se trituram, enquanto os problemas se agigantam, e os caminhos de solução se estreitam na proporção em que se aproximam das impaciências populares.

COMEÇA pelo empobrecimento generalizado, com a economia submetida aos impactos da inflação delirante, uma política inepta de salários nominais, a produção agrícola estacionária ou reduzindo-se, a iniciativa industrial se fazendo na base de concessões artificiais, o governo fazendo Brasília e largando o país à sua própria sorte. Aumentam dia a dia os choques de interesses inter-regionais, com o natural e saudável desenvolvimento de algumas regiões do sul, beneficiadas por condições naturais e pela concentração das possibilidades de técnica e de crédito, e o esvaziamento econômico e humano do Nordeste e do Norte, que há três séculos lutam contra a Natureza e o abandono.

NO PLANO POLÍTICO, deterioram-se as instituições, os partidos políticos perdem substância, os homens se destroem nos melancólicos espetáculos do personalismo e das ambições pessoais, mantém-se a divisão das forças armadas, e todas as tentativas de reforma esbarram nos interesses de facções ou de pessoas ciosas da dominação fácil e corrupta.

A ADMINISTRAÇÃO cai aos pedaços. As obras públicas prolongam-se anos seguidos, consumindo dinheiro, expectativas e confiança. A educação é um esforço dispendioso que não forma homens, e dessora vocações e intenções. Os serviços de saúde, agricultura, assistência e previdência social, transportes, etc., estão arrendados aos mais subal-

ternos interesses da politicagem regional, máquinas de corrupção e de negócios.

A DISTANCIA, explodindo aqui e ali nas inquietações das greves reivindicatórias, o povo manifesta os primeiros sinais do seu desespero. Nas grandes cidades, aumentam as procissões dos desempregados. E no sombrio silêncio dos campos, área secular de paz brasileira, lavram as mágoas profundas de uma vida marginal, sem perspectivas, ferida pela injustiça das desigualdades humilhadas.

NAO HÁ EXAGÊRO neste instantâneo. Muito menos o gosto de denegrir ou desalentar. Há, sim, a consciência da perigosa hora que estamos vivendo, com as bases morais, sociais, econômicas e políticas do país perturbadas e fendidas, sem que se divise, para a frente, itinerários mais auspiciosos, que nos permitam caminhar, em segurança, para o mundo novo que se está forjando, e, praza aos céus, não tenha de sair das cinzas de uma nova guerra.

VEMOS UM 1958 mais difícil do que o ano que finda. Não adiante enterrar a cabeça ante a tempestade e ficar esperando milagres. E' preciso tomar consciência dos nossos erros, das nossas deficiências, e das possibilidades que estão pedindo, apenas, seriedade, organização, esforço comum, espírito público.

TAMBÉM não adianta desanimar. E' preciso recolher, juntar, ampliar todas as intenções e todos os esforços para uma tentativa de recuperação normal, antes que ela se faça, por mãos desarvoradas, no caos inevitável.

ESTES são os votos que, no Natal, formulamos aos brasileiros de todos os recantos e de todas as condições, na esperança de que, no Ano Novo, eles se possam transformar em propósitos e realizações, acima das desgraçadas contingências que teimam em fazer do Brasil uma nação morna e triste, empobrecida e resignatária do seu destino. Pois só ultrapassaremos essas limitações, se cada um fizer a sua parte, inclusive — quando for necessário — vencendo-se a si mesmo, nos seus ódios, nos seus malogros, nos seus desalentos.

ALUIZIO ALVES



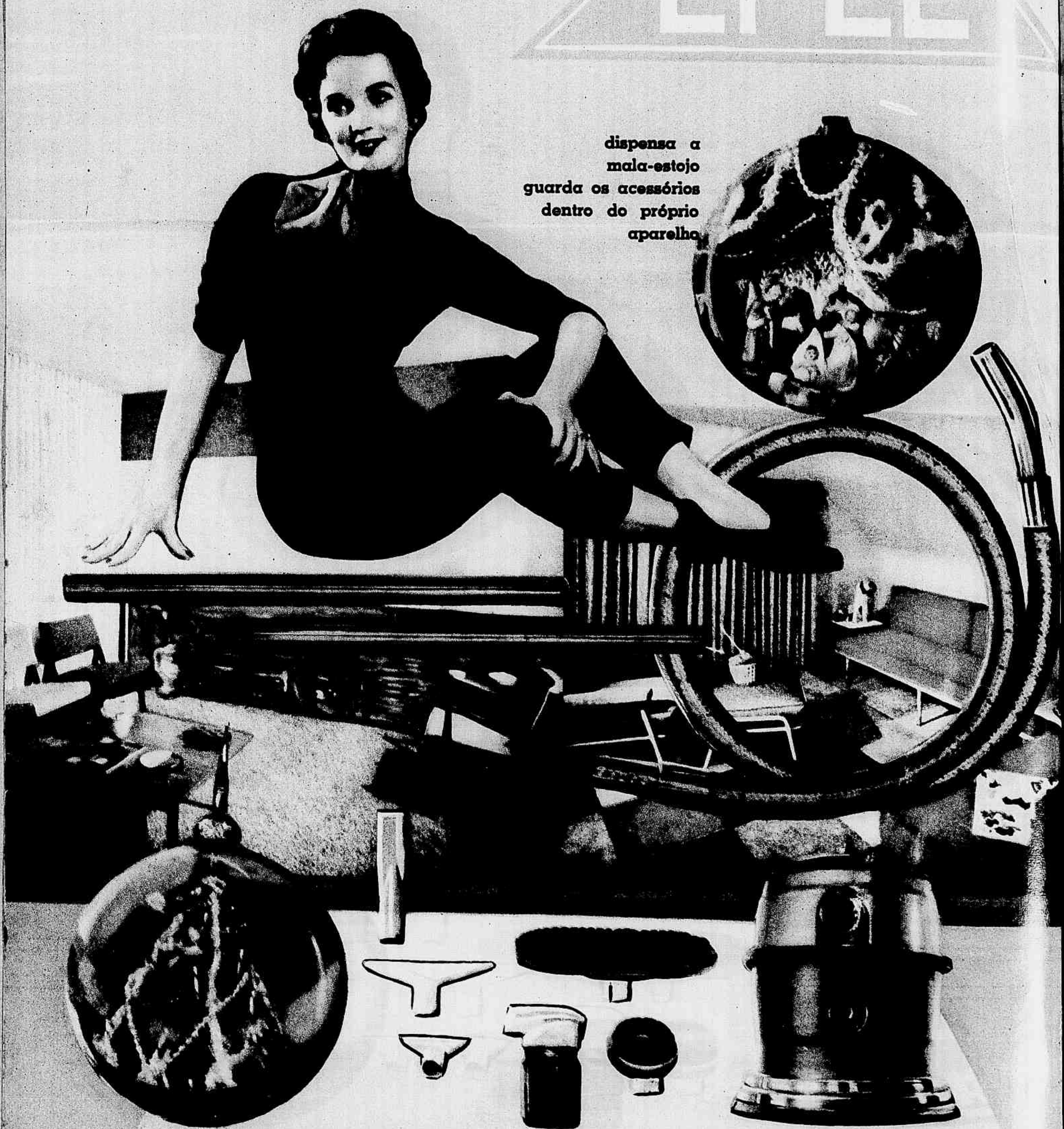
*Alegre Natal!
Feliz Ano Novo!*

Que o dia do nascimento do menino Deus, quando os corações para Ele se voltam, unidos numa só prece de paz e bom entendimento entre os homens, seja o marco de um Ano Novo.

LAR DOCE LAR

A rainha reina tranquila...

dispensa a
mala-estoja
guarda os acessórios
dentro do próprio
aparelho



Características revolucionárias do novo Aspirador de Pó Vertical EPEL, modelo

EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos

S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — em frente a Biblioteca Municipal

Fones 35-85-31 — 33-17-24

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar — sala 207 — Fone 52-5416

Corpo Vertical
Ocupa menos espaço
tem rodas, etc.